



RIO

PUC

Dissertação de Mestrado

A Teologia Patrística do Batistério Cristão de Dura-Europos

Análise mistagógica das pinturas nas paredes do
Batistério Cristão de Dura-Europos

Luciano Tokarski

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Departamento de Teologia

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2026

A Teologia Patrística do Batistério Cristão de Dura- Europos

Análise mistagógica das pinturas nas
paredes do Batistério Cristão de Dura-
Europos

Luciano Tokarski

Orientação: Professor Pe. Dr. André Luiz Rodrigues da
Silva

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Teologia pelo programa de Pós-Graduação em
Teologia, no Departamento de Teologia do Centro de Teologia e
Ciências Humanas da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2026

A Teologia Patrística do Batistério Cristão de Dura-Europos

Análise mistagógica das pinturas nas paredes do
Batistério Cristão de Dura-Europos

Luciano Tokarski

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Teologia. Aprovada pela Comissão
examinadora abaixo:**

Professor Pe. Dr. André Luis Rodrigues da Silva
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Professor Pe. Dr. Fabio de Souza Balbino
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Professor Dr. Marcelo Massao Osava
Pesquisador autônomo

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2026

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Luciano Tokarski

Graduou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 2010. Graduou-se em Teologia pelo Studium Theologicum afiliado à Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, em 2010 e revalidada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 2012. Pós-graduado Lato Sensu em Catequética pela Faculdade Vicentina, em 2012. Pós-graduado Lato Sensu em Liturgia Cristã pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em 2021.

Ficha Catalográfica

Tokarski, Luciano

A teologia patrística do Batistério Cristão de Dura-Europos : análise mistagógica das pinturas nas paredes do Batistério Cristão de Dura-Europos / Luciano Tokarski ; orientação: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2026.

112 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2026.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Dura-Europos. 3. Batistério cristão. 4. Ritos batismais. 5. Santos Padres. 6. Profissão de fé. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

Ao Deus Uno e Trino, mistério de amor e salvação.

Aos meus pais, Antonio Vicente Tokarski e Olinda Dopkoski Tokarski, por me conduzirem ao encontro mistagógico com Cristo.

Ao meu orientador, Professor Dr. Padre André Luis Rodrigues da Silva, pela sua proeminência no direcionamento teológico para a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) por conceder o apoio à pesquisa científica.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelas orientações e informações apresentadas, sem os quais esta pesquisa não poderia ter sido executada.

Aos meus amigos e amigas que me incentivaram no perscrutar os mistérios de Deus, de Cristo, da Igreja e da vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Tokarski, Luciano; Silva, André Luis Rodrigues da (Orientador). A Teologia Patrística do Batistério Cristão de Dura-Europos: Análise mistagógica das pinturas nas paredes do Batistério Cristão de Dura-Europos. Rio de Janeiro, 2026. 112p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A descoberta das pinturas do batistério cristão da cidade de Dura-Europos abriu novos caminhos para a hermenêutica patrística sobre a organização da vida cristã nas primeiras comunidades cristãs. Os restos de Dura-Europos tornaram-se um encontro com a diversidade comunal religiosa, com o mistério da vida social e política e com a historicidade embrenhada de percalços e contendas. As pinturas contidas no batistério cristão são as mais antigas representações das comunidades primitivas. Os primeiros cristãos da comunidade siríaca conseguiram expressar em pinturas nas paredes do batistério do edifício cristão a sua compreensão teológica e sacramental acerca dos ritos de iniciação. Os episódios como a procissão das virgens prudentes, Pedro caminhando sobre as águas, a cura mistagógica do Paralítico de Betesda, as águas refrescantes do Cristo Bom Pastor e o encontro iniciático entre a Samaritana e Jesus demonstram que os cristãos de Dura-Europos compreendiam a iniciação à vida cristã como um itinerário de transformação, renovação, iluminação e salvação. Esses elementos todos foram sapiencialmente resgatados e propostos pelo Concílio Vaticano na nova estrutura litúrgica e mistagógica para Celebração da Páscoa. O sentido espiritual do itinerário quaresmal consiste, ao mesmo tempo, na preparação e renovação dos ritos batismais. A Igreja pós-Vaticano II assemelha-se à comunidade cristã de Dura-Europos, em sua inteligibilidade unitária dos sacramentos da iniciação e no favorecimento teológico-pastoral, sobretudo, do itinerário mistagógico da iniciação cristã de adultos. O objetivo dessa dissertação é discutir sobre a teologia patrística presente direta ou indiretamente nas pinturas do batistério cristão de Dura-Europos associando-a com a atual estrutura mistagógica da Celebração da Páscoa.

Palavras-chave

Dura-Europos; batistério cristão; ritos batismais; Santos Padres; profissão de fé; unidade sacramental; mistagogia; itinerário de iniciação.

Abstract

Tokarski, Luciano; Silva, André Luis Rodrigues da (Advisor). *The Patristic Theology of the Christian Baptistery of Dura-Europos: Mystagogical analysis of the paintings on the walls of the Christian Baptistery of Dura-Europos*. Rio de Janeiro, 2026. 112p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The discovery of the paintings in the Christian baptistery in the city of Dura-Europos opened new avenues for patristic hermeneutics on the organization of Christian life in the early Christian communities. The remains of Dura-Europos became an encounter with religious communal diversity, with the mystery of social and political life, and with a history fraught with mishaps and strife. The paintings contained in the Christian baptistery are the oldest representations of the early communities. The first Christians of the Syriac community were able to express their theological and sacramental understanding of the rites of initiation in paintings on the walls of the baptistery in the Christian building. Episodes such as the procession of the prudent virgins, Peter walking on water, the mystagogical healing of the paralytic at Bethesda, the refreshing waters of Christ the Good Shepherd, and the initiatory encounter between the Samaritan woman and Jesus demonstrate that the Christians of Dura-Europos understood initiation into Christian life as a journey of transformation, renewal, enlightenment, and salvation. All these elements were wisely recovered and proposed by the Vatican Council in the new liturgical and mystagogical structure for the celebration of Easter. The spiritual meaning of the Lenten journey consists at the same time in the preparation and renewal of the baptismal rites. The post-Vatican II Church resembles the Christian community of Dura-Europos in its unified understanding of the sacraments of initiation and in its theological and pastoral emphasis, above all, on the mystagogical journey of Christian initiation for adults. The objective of this dissertation is to discuss the patristic theology present directly or indirectly in the paintings of the Christian baptistery of Dura-Europos, associating it with the current mystagogical structure of the Easter Celebration.

Keywords

Dura-Europos; Christian baptistery; baptismal rites; Holy Fathers; profession of faith; sacramental unity; mystagogy; itinerary of initiation.

Sumário

1	Introdução.....	12
2	O Batistério Cristão de Dura-Europos: um artefato mistagógico da Antiguidade Cristã.....	18
2.1.	A descoberta de Dura-Europos.....	18
2.2.	O contexto geopolítico religioso em Dura-Europos.....	25
2.3.	Os restos arqueológicos de Dura-Europos.....	31
2.4.	A localização e a descrição do Edifício Cristão.....	38
3	Hermenêutica patrística mistagógica das pinturas do Batistério de Dura-Europos.....	46
3.1.	O itinerário processional das Virgens Prudentes.....	46
3.2.	Pedro caminhando sobre as águas versus o Paralítico de Betesda.....	53
3.3.	As águas refrescantes do Bom Pastor.....	59
3.4.	O encontro mistagógico entre a Samaritana e Jesus.....	64
4	Estrutura Litúrgica Mistagógica para a Celebração da Páscoa.....	73
4.1.	A Espiritualidade Quaresmal a serviço da Mistagogia Batismal.....	73
4.2.	A mistagogia da profissão de fé de Pedro e do paralítico de Betesda.....	81
4.3.	A Unidade dos Sacramentos da Iniciação Cristã.....	89
4.4.	O itinerário mistagógico do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.....	95
5	Conclusão.....	102
6	Referências.....	107

[Pelo batismo] revesti-me do amor do Senhor (Gal 3,27) [...],
e Ele abraça-me.
Não saberia amar o Senhor,
se Ele não me tivesse amado primeiro.
Quem pode compreender o amor,
a não ser aquele que é amado?
Abraço-me ao Amado e minha alma ama-O.

Onde fica o seu repouso,
aí estou eu (cf Ct 1,7).
Não serei um estranho;
o Altíssimo é misericordioso.
Estou unido a Ele,
porque o Esposo encontrou aquele que ama.

Porque amo o Filho,
torno-me filho.
Sim, quem adere Àquele que não morre
torna-se imortal.
Aquele que se maravilha com a Vida
está também vivo.

Tal é o verdadeiro espírito do Senhor,
que ensina aos homens os seus caminhos.
Sede sábios, compreendei e estai vigilantes. Aleluia!

Odes de Salomão, nº 2
(texto cristão do início do século II)

1

Introdução

A cidade de Dura-Europos foi de modo quase casual descoberta pelas tropas britânicas que desenterraram diversas edificações antigas bem preservadas sob um grande aterro de terra e imediatamente reconheceram sua importância arqueológica. Os edifícios soterrados incluíam uma sinagoga pintada com cenas bíblicas, uma das primeiras igrejas domésticas cristãs, com o batistério mais antigo conhecido e um local de culto para a religião de mistério do mitraísmo. À primeira vista, esses vestígios são objetos de interesse arqueológico; mas, à luz da Tradição da Igreja, tornam-se, para fé cristã e para a ciência teológica, ocasião privilegiada de contemplar a maneira como a fé cristã se encarnava em um contexto plural, marcado por múltiplas tradições religiosas e por uma complexa teia social e política.

As primeiras comunidades cristãs, como é amplamente atestado pelas fontes da antiguidade cristã, costumavam celebrar os seus ritos em casas particulares, reunindo-se nas residências dos membros mais abastados. Já no século II d.C., em algumas regiões, há indícios de que certas casas foram definitivamente doadas à comunidade e transformadas em edifícios de caráter religioso. Provavelmente o que parece ter acontecido em Dura-Europos por volta de 240 d.C., quando uma residência foi gradativamente adaptada para servir como igreja doméstica. Todavia, o culto cristão ainda era proibido e, frequentemente, alvo de perseguição, o que exigia discrição e cautela. Assim, a casa cristã em Dura-Europos não ostentava exteriormente sinais evidentes de sua nova função e a sua transformação dava-se, por assim dizer, internamente, ou seja, a arquitetura da casa era discretamente reorganizada e os ambientes eram reordenados para a celebração e o ensinamento do mistério da fé em Cristo.

Essa edificação cristã primitiva apresenta, em seu coração, dois elementos teológicos intimamente ligados: o salão de reuniões, utilizado para o culto e a oração, obtido pela demolição da parede entre dois cômodos adjacentes à esquerda do átrio e, do outro lado, à direita, um cômodo transformado em batistério, que mais tarde seria ricamente decorado com pinturas cristãs. O batistério, embora pequeno, era profundamente mistagógico: havia a pia batismal, sob uma abóbada com colunas, suficientemente ampla para que o batismo por

imersão pudesse ser realizado de modo integral e eloquente. Aquele espaço, aparentemente modesto, era o lugar do novo nascimento, da passagem das trevas para a luz, da inserção sacramental no Corpo de Cristo, o Senhor das águas.

É precisamente nesse batistério que encontramos um ciclo de pinturas cristãs cuja riqueza simbólica não cessou de interpelar estudiosos e teólogos. Sobre a pia batismal, à vista da assembleia e, sobretudo dos neófitos, figurava a imagem de Cristo como Bom Pastor, pastor dos iniciados e guia do rebanho rumo às águas da vida. Nas demais paredes, temas do Novo Testamento compunham uma verdadeira catequese mistagógica: a mulher simples próxima ao poço, Cristo caminhando sobre as águas com Pedro, a cura do paralítico de Betesda, as mulheres virgens dirigindo-se ao túmulo vazio de Cristo após a Ressurreição.

Os estudiosos modernos ainda debatem a precisa identificação iconográfica de algumas dessas cenas, pois nem sempre as imagens parecem corresponder de maneira literal aos textos bíblicos conservados. Porém, se abre um campo fecundo para uma leitura teológica e mistagógica, ou seja, mais do que simples ilustrações lineares do texto bíblico, as pinturas de Dura-Europos revelam uma compreensão sacramental e iniciática da Palavra de Deus, em profunda sintonia com aquilo que, mais tarde, os Padres da Igreja formularão em suas catequeses mistagógicas. As cenas evangélicas não são tratados doutrinários abstratos, mas janelas da fé para o mistério celebrado na água e no Espírito. As pinturas mistagógicas, nesse contexto, adquirem um estatuto patrístico, sacramental e litúrgico, ou seja, elas preparam, acompanham e aprofundam a experiência batismal.

O conteúdo das pinturas é o simples fato de que elas existam. A comunidade cristã de Dura-Europos, assim como a comunidade judaica local, não observou de modo estrito uma proibição absoluta de imagens religiosas, como por vezes se imagina existir nos primeiros séculos. Ao contrário, essas comunidades servem de testemunho de que, desde muito cedo, o povo de Deus intuiu a legitimidade de representar, em formas visíveis, a obra salvífica de Deus, o mistério da revelação, sem incorrer em idolatria. Para a Igreja nascente siríaca, essas imagens não eram objetos de adoração, mas mediações catequéticas e espirituais que faziam ressoar, em linguagem visual, o anúncio apostólico. O batistério de Dura-Europos é, ao mesmo tempo, um lugar de rito e um lugar de ensino, um espaço sacramental e um livro aberto para os olhos dos catecúmenos.

A descoberta das pinturas do batistério cristão de Dura-Europos constituiu um marco significativo para os estudos sobre as origens do cristianismo e, de modo particular, para a hermenêutica patrística da vida litúrgica e sacramental das primeiras comunidades. Localizada às margens do rio Eufrates e marcada por intensa diversidade religiosa, étnica e cultural, Dura-Europos oferece um raro testemunho arqueológico da convivência entre diferentes tradições religiosas, bem como da organização social e política de uma cidade de fronteira no período romano. Nesse contexto, o edifício cristão e, especialmente, o seu batistério, se tornaram uma fonte privilegiada para compreender como os primeiros cristãos expressavam, por meio de imagens, sua fé, sua compreensão da salvação e o lugar central dos ritos de iniciação na vida da comunidade.

As pinturas murais do batistério cristão de Dura-Europos são atualmente consideradas as mais antigas representações religiosas conhecidas de uma comunidade cristã primitiva. Em suas paredes, a comunidade cristã de matriz siríaca plasmou, de forma simbólica e catequética, uma verdadeira teologia da iniciação cristã. Os episódios representados, como a procissão das virgens prudentes, Pedro caminhando sobre as águas, a cura do paralítico de Betesda, o Cristo Bom Pastor e o encontro entre Jesus e a Samaritana, não se configuram apenas como ilustrações narrativas de passagens bíblicas, mas revelam uma leitura mistagógica da Escritura, intimamente vinculada a vivência batismal comunitária siríaca.

Essas cenas, quando lidas à luz da tradição patrística, manifestam uma compreensão unitária dos sacramentos de iniciação e do próprio processo catecumenal. A comunidade de Dura-Europos parece perceber a iniciação cristã como um itinerário progressivo de transformação, renovação, iluminação e salvação. A procissão das virgens prudentes sugere a vigilância e a preparação interior para o encontro definitivo com o Esposo. Pedro caminhando sobre as águas evoca a fé que sustenta o neófito no meio das provações. A cura do paralítico de Betesda aponta para a libertação do pecado e a restauração da dignidade humana. O Cristo Bom Pastor remete ao cuidado contínuo do Ressuscitado com aqueles que são iniciados ao seu rebanho pelo batismo e o diálogo entre Jesus e a Samaritana atualiza a dinâmica do encontro pessoal com Cristo que sacia a sede do coração humano e inaugura uma nova forma de vida.

Nesse sentido, o batistério de Dura-Europos pode ser interpretado como um espaço teológico e mistagógico no qual a comunidade cristã dos primeiros séculos celebrou e compreendeu a fé por meio de uma síntese entre Escritura, Liturgia e Mistagogia. A iconografia batismal traduz conteúdos de fé centrais para a teologia patrística, como a passagem das trevas para a luz, a participação na morte e ressurreição de Cristo, o dom do Espírito Santo, a incorporação ao Corpo de Cristo e a configuração com Ele por meio da vida nova. Os Santos Padres tornaram-se campo fértil para desenvolver uma leitura simbólica e sacramental dos textos bíblicos iluminando o caminho da iniciação cristã a partir de uma hermenêutica mistagógica.

A relevância dessas representações não se esgota, contudo, no âmbito da arqueologia, história da arte cristã antiga ou da literatura litúrgica. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II, ao propor uma renovação da liturgia e recuperar a centralidade do tríplice sacramento da iniciação, retoma os muitos elementos presentes nas comunidades cristãs primitivas. A restauração do catecumenato de adultos, a valorização do ano litúrgico, sobretudo do itinerário quaresmal em direção à Páscoa, e a ênfase na dimensão mistagógica da catequese e da celebração sacramental revelam uma profunda sintonia com a experiência de fé e com a teologia implícita no batistério cristão de Dura-Europos.

A preparação quaresmal para a celebração da Páscoa, segundo a perspectiva inaugurada e promovida pelo Vaticano II, não se limita a um período de práticas ascéticas ou penitenciais, mas se configura como um verdadeiro caminho espiritual de preparação e renovação dos ritos batismais. A Liturgia da Vigília Pascal, com a bênção da água, a renovação das promessas batismais e, em muitos contextos, o próprio batismo de adultos, reflete a compreensão do mistério pascal como fonte permanente de regeneração e iluminação para a Igreja. Nessa dinâmica, o batizado é chamado a percorrer um itinerário que atualiza, de modo sacramental, o que as pinturas de Dura-Europos simbolizam: a passagem de um antes marcado pela enfermidade espiritual, pela sede e pela ausência de sentido, para um depois configurado pela cura, saciedade e comunhão com Cristo.

A partir dessa constatação, torna-se possível estabelecer um fecundo diálogo entre o legado da comunidade de Dura-Europos e a estrutura mistagógica da celebração da Páscoa na Igreja pós-conciliar. A unidade sacramental dos ritos de iniciação, a centralidade da profissão de fé, a dimensão comunitária da celebração

e a ideia de um percurso progressivo – que integra escuta da Palavra, conversão, sacramentos e inserção plena na vida eclesial – evidenciam uma continuidade de fundo entre a prática das origens cristãs e a renovação litúrgica proposta pelo Vaticano II. Se, por um lado, a arqueologia de Dura-Europos oferece um espelho privilegiado da experiência cristã primitiva, por outro, a teologia patrística e litúrgica contemporânea permite reler essas imagens antigas como expressão de uma intuição eclesial que continua viva e atual.

Nesse horizonte, essa pesquisa tem como objetivo geral discutir a teologia patrística presente, direta ou indiretamente, nas pinturas do batistério cristão de Dura-Europos, associando a atual estrutura mistagógica da Celebração da Páscoa na Igreja pós-Vaticano II. Especificamente, pretende-se: contextualizar histórica e arqueologicamente a cidade de Dura-Europos e o seu edifício cristão; analisar, à luz da tradição patrística, os principais motivos iconográficos presentes nas paredes do batistério; e estabelecer articulações teológicas entre essa experiência antiga e a renovação litúrgica e catecumenal promovida pelo Concílio Vaticano II, em especial no que se refere ao itinerário quaresmal, à unidade dos sacramentos da iniciação e a elementos da celebração pascal.

A pesquisa em seu método se desenvolverá em diálogo interdisciplinar entre arqueologia antiga, relatos bíblicos, hermenêutica patrística e teologia litúrgica mistagógica. A análise das pinturas do batistério de Dura-Europos se apoiará em estudos arqueológicos já consolidados e, sobretudo, em textos dos Santos Padres que iluminam a compreensão dos ritos batismais, da mistagogia e da unidade dos sacramentos da iniciação. A partir desses referenciais, se buscará interpretar as imagens não apenas em sua materialidade histórica, mas enquanto linguagem simbólica que comunica conteúdos doutrinários e espirituais. No campo da teologia litúrgica, se recorrerá ao Concílio Vaticano II que desenvolveram uma teologia da iniciação cristã e da Páscoa em chave mistagógica.

A pertinência deste estudo se justifica, por um lado, pela importância do batistério cristão de Dura-Europos como testemunho único das práticas e da autocompreensão de uma comunidade cristã primitiva; por outro lado, pela necessidade de aprofundar, no contexto atual, a dimensão mistagógica da iniciação à vida cristã e da celebração pascal. Portanto, a nossa pesquisa consiste em responder a seguinte questão: de que forma as pinturas bíblicas e mistagógicas

do batistério cristão de Dura-Europos se relacionam, em um movimento sinfônico e harmônico, com a reflexão teológica e pastoral do Concílio Vaticano II?

Em um tempo marcado por desafios pastorais relacionados à transmissão da fé, à sacramentalidade e à formação de adultos na vida eclesial, o resgate da sabedoria teológica das origens pode oferecer pistas concretas para uma renovação da prática catecumenal e litúrgica da Igreja. Ao colocar em diálogo as pinturas do batistério cristão de Dura-Europos e a teologia pascal do Concílio Vaticano II essa pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais profunda da unidade entre fé professada, celebrada e vivida e para a centralidade do itinerário batismal como caminho de transformação, renovação, iluminação e salvação na experiência cristã.

2

O Batistério Cristão de Dura-Europos: um artefato mistagógico da Antiguidade Cristã

2.1.

A descoberta de Dura-Europos

A cidade de Dura-Europos, localizada perto da vila de Salihiyah, foi fundada em 303 a.C. por Seleuco I Nicator, um general macedônio, após a morte de Alexandre, o Grande. Seleuco I Nicator autoproclamou-se rei da maior parte do território conquistado por Alexandre na Ásia após a guerra civil travada entre os generais que reivindicavam suceder o falecido rei.

O nome de Dura provém da linguística semítica que significa fortaleza ou reduto. Esse nome se referia à topografia universal da cidade em um ponto alto, cercado por vales naturais em três lados e um penhasco de rio no outro lado. Além disso, recebeu uma nomenclatura helenística, sendo conhecida como Europos, para dispensar homenagens ao local de nascimento macedônio do fundador da dinastia, Seleuco I Nicator.

Entretanto, segundo o arqueólogo J. A. Baird, “o registro textual mais antigo que foi recuperado de Dura não está em escrita grega, mas em cuneiforme, e a cerâmica mais antiga não é helenística, mas assíria”.¹ Esses vestígios provisórios podem apresentar possíveis histórias anteriores do local.

Nas primeiras descobertas de Dura-Europos, encontrou-se uma inscrição pintada no portão de Palmira – o portão central da cidade – tratava-se de uma teofania de generosidade e louvor a Tyche de Dura, a deusa Fortuna personificada do local. Em uma das suas pinturas encontrava-se o nome da cidade de Dura. O historiador romano Ammianus Marcellinus descreveu como abandonado no século IV, e o historiador Isidoro de Charax descreveu Dura, a cidade de Nicanor, uma fundação macedônica, que os gregos chamam de Europos.²

Além disso, a descoberta em uma escavação de um papiro no qual trazia o nome da cidade como Europos, o que, juntamente com a Tyche de Dura nomeada nas pinturas, permitiu que o local fosse definitivamente identificado como

¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 18.

² BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 3.

mencionado pelo antigo geógrafo Isidoro, um local conhecido na antiguidade como Dura e Europos.³

Descrevendo propriamente os caracteres da fundação da cidade de Dura-Europos, a arqueóloga J. A. Baird afirma que quaisquer que sejam as circunstâncias reais de sua fundação, mais tarde, na história de Dura, o povo do local registrou repetidamente seu fundador como o rei Seleuco I Nicator.⁴ O relevo do século II d. C, de 159, da era arsácida de Dura, do chamado templo de Gaddé, nomeia Seleucos Nicator, como uma figura que usava trajes militares helenísticos e um diadema indicativo de sua posição, e é mostrado coroando a Fortuna da cidade com uma coroa de louros.⁵

Em 1986, o arqueólogo Pierre Leriche, após retomar as escavações em Dura e sancionar os seus relatórios e escritos oficiais, rebatizou o local de Europos-Dura, reordenando o nome moderno do local para dar precedência à sua fundação helênica.⁶ No entanto, os estudiosos modernos preferem usar o nome consolidado pela expedição da Universidade de Yale, Dura-Europos ou Dura, respeitando os seus relatórios científicos de campo. De modo geral, entre os arqueólogos e teólogos predomina profusamente o uso do termo Dura-Europos ou Dura.

A antiga cidade encontrava-se situada com visão para a planície fértil da Mesopotâmia, para o rio Eufrates no vale a leste, para a estepe síria e a rota para Palmira a oeste. Percebe-se que Dura-Europos era inatacável pelo lado leste permitindo assim a estabelecer e proteger a fronteira entre regiões dominadas por vários impérios ao longo dos séculos. O portão principal de Palmira ao oeste em Dura-Europos era vulnerável, segundo J. A. Baird,

Dura fica nas bordas: entre a estepe e o vale do Eufrates, entre as capitais arsácidas da Mesopotâmia e as cidades da Síria romana. O rio Eufrates, que corre ao longo do lado leste do local, na base platô no qual o local se situa, flui para o sul, alimentando uma planície de inundação fértil, agora muito reduzidas, pelas represas modernas, entre o platô de Shamiyeh a oeste e o platô de Dura, a oeste, a leste, o Jezireh⁷.

³ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 6.

⁴ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 19.

⁵ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 19.

⁶ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 17-18.

A topografia de Dura selêucida era de uma pequena comunidade de guarnição com lotes estreitos de terra fora da cidade e em torno da base do assentamento, no qual havia o palácio do comandante, pelo qual se poderia observar a comunidade e o rio Eufrates. O Palácio era um complexo extenso de mais de quarenta salas que veio a ser chamado de Palácio do *Dux Ripae*.⁸

Segundo o arqueólogo Michael Peppard, poderia imaginar o *Dux Ripae* olhando para o nascer do sol através da janela da cobertura do arranha-céu da natureza. O poderoso rio Eufrates fluía de cem metros abaixo do penhasco⁹ e permitia o olhar horizontal perfeito para os navios vindos do rio acima.¹⁰ Uma cidade fronteiriça no Oriente Médio evidentemente tornava-se fortemente militarizada e cobiçada.

O arqueólogo belga Franz Cumont supervisionou as escavações em Dura-Europos em 1922 e 1923. Em seu relatório *Escavações*, afirma que “por um acaso extraordinário, uma antiga colônia macedônia foi preservada nas margens do Eufrates, pouco alterada pela conquista romana, sem que nenhuma restauração bizantina ou reconstrução muçulmana a tenha transformado”.¹¹ A cidade de Dura-Europos é uma das maiores descobertas em territórios orientais preservada nas margens do Eufrates. É memória de expressões culturais, de conagração ritual-cultural, do diálogo e tolerância religiosa e, ao mesmo tempo, consequência das muitas invasões, alterações e dominações.

A preservação dos materiais arqueológicos garantiu as posteriores pesquisas e estudos científicos sobre a cidade Dura-Europos. A civilização greco-semita de Dura-Europos é estudada como os habitantes a deixaram e o clima favorável contribuiu com a preservação de pinturas delicadas, pergaminhos e os demais artigos destrutíveis que desapareceram em quase todos os outros lugares.¹²

Em 30 de março de 1920, o capitão M. C. Murphy, membro da corporação veterinária real britânica, estava patrulhando com suas tropas o lado sírio do médio Eufrates quando descobriram pinturas murais antigas. De acordo com J. A. Baird, os soldados nativos indianos haviam descoberto acidentalmente enquanto

⁸ PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 9.

⁹ PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 9.

¹⁰ PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 9.

¹¹ CUMONT, F. V. M. *Fouilles de Doura-Europos IX - X*, p. 23.

¹² CUMONT, F. V. M. *Fouilles de Doura-Europos IX - X*, p. 23.

faziam um fosso para os rifles.¹³ Em seguida, o oficial comandante Gerard Leachman encaminhou um relatório de Murphy descrevendo sobre o resultado da ocupação do antigo forte em Salihiyah e da escavação de trincheiras, foram feitas algumas descobertas. “As pinturas às quais o anexo se refere são muito interessantes e devem, em minha opinião, ser vistas por um especialista”, afirmou Leachman.¹⁴ A orientação diretiva de Leachman insistia para que algum arqueólogo americano de referencial pudesse visitar e analisar o lugar. “Se alguém aparecer, deve ser em breve, por motivos óbvios”, afirmava.¹⁵

As informações acerca de restos arqueológicos chegaram até a arqueóloga e escritora britânica Gertrude Margaret Lowthian Bel que, inclusive, na época estava escrevendo uma resenha sobre a administração civil da Mesopotâmia e, posteriormente, através do comissário civil, coronel A. T. Wilson, governador geral britânico da Mesopotâmia, até o arqueólogo estadunidense James Henry Breasted, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago.

Com isso, o arqueólogo J. H. Breasted foi um dos primeiros arqueólogos americanos a acessar e trabalhar no Oriente Médio, coletando antiguidades e lançando as bases para o estudo do Oriente pelos americanos, preparando a possibilidade de escavações em toda a região.¹⁶ Breasted estudou as pinturas, que foram escavadas por vários esquadrões de tropas das Índias Orientais, tirou fotos, fez desenhos e anotações e, na manhã seguinte, já estava indo para Aleppo, tendo trocado seu comboio de automóveis por *arabanahs* turcos puxados por cavalos. Ele chegou a Aleppo em segurança, apesar das preocupações de ficar preso em um campo de batalha pelas forças árabes e britânicas ou atacado por bandidos.¹⁷

Devido o serviço minucioso e de qualificação técnica, tinha-se a necessidade de investimentos em larga proporção de alguma instituição. O professor Michael Rostovtzeff, da mais alta categoria da Universidade de Yale, presidiria, então, a continuidade das escavações em Dura-Europos. Os americanos se juntaram aos franceses para a temporada de escavações de 1928 a 1937.

Os arqueólogos Cumont e Rostovtzeff eram os diretores científicos, enquanto os diretores de campo eram o francês Maurice Pillet (1928 a 1931),

¹³ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 3.

¹⁴ PEPPARD, M. A. The World's Oldest Church, p 12.

¹⁵ PEPPARD, M. A. The World's Oldest Church, p 12.

¹⁶ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 5.

¹⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 4.

seguido pelos americanos Clark Hopkins (1931 a 1935) e Frank Brown (1935-1937). Além de Maurice Pillet, a equipe de Yale incluía o arqueólogo Clark Hopkins, que era docente na Universidade de Yale. Da academia francesa foi nomeado, em 1932, o ex-capitão do exército Le Comte Robert du Mesnil du Buisson, por meio da qual a sua experiência com arqueologia e com o exército francês trouxe uma relação diplomática estável com as autoridades governamentais.

A primeira temporada de escavações começou definitivamente, após os acertos técnicos e financeiros, em abril de 1928, concentrando-se nas fortificações incluindo o portão e a cidade de Palmira e, em outras estruturas monumentais, como o reduto, uma grande estrutura palaciana cuja parede maciça permaneceu exposta. Entre os anos de 1928 a 1929 formou-se a segunda temporada de escavações. O período maior de escavações durou de outubro de 1928 a abril de 1929.

A terceira temporada de escavações não apresentou novas descobertas tratando-se exclusivamente da alteração das tendas provisoriamente amontoadas dentro da cidade para uma casa de escavação construída para essa finalidade e dos relatórios da terceira temporada de escavações que são dedicados às divergências relacionais de M. Pillet. A quarta temporada se caracterizou pela despreocupação de M. Pillet com o contexto arqueológico e na primavera de 1931 foi a última temporada de Pillet, após o presidente da Universidade de Yale lhe escrever notificando que os seus serviços estariam oficialmente dispensados.

A quinta temporada de escavações começou em 1931 com o arqueólogo Clark Hopkins como seu diretor. Houve uma mudança organizacional e plausível na qualidade dos registros dos artefatos encontrados dessa época. Clark Hopkins carregava um diário de campo e sua esposa, Susan Hopkins, elaborava um descritivo detalhado de achados quando estava presente no local. Novos arquitetos se juntaram à expedição e produziram plantas do local e, a partir de 1931, o arquivo arqueológico passou a ser muito mais detalhado e sistemático em seus registros.¹⁸ Destaca-se, de modo significativo, o arquiteto Henry Pearson, que viajou pela primeira vez a Dura, em 1931 para fazer planos detalhados de muitos dos edifícios que foram escavados.¹⁹

¹⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 11.

¹⁹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 11.

Nas escavações da quinta temporada apareceram descobertas como os templos de Aphlad e Azzanathkona, edifícios que foram identificados como a Ágora, as estruturas militares romanas e o edifício cristão com suas pinturas. Embora a equipe tenha ficado entusiasmada com a escavação das pinturas cristãs, elas não foram recebidas com muito alarde pelos estudiosos, para grande decepção de Hopkins.²⁰

A discussão girava em torno da ideia de que o edifício e suas pinturas não eram maiores em sua relevância, pois não se encontravam dentro da Terra de Israel. Elas não se encaixavam facilmente nas narrativas arqueológicas de legitimidade religiosa ligadas a lugares específicos na paisagem do Oriente Médio contemporâneos.²¹ O edifício cristão e suas pinturas ficaram para estudos posteriores tornando-se um dado pertinente para a descrição do comportamento das comunidades cristãs na antiguidade cristã.

Na sexta temporada de escavações, ocorrida de 1932 a 1933, o ex-capitão do exército Le Comte Robert du Mesnil du Buisson juntou-se à expedição, representando a Academia Francesa. Le Comte carregava uma experiência acurada por sua participação nas escavações em outros lugares da Síria. Nessa temporada, houve uma grande variedade de descobertas no local, incluindo o anfiteatro romano, o bloco de casas próximo à cidadela, o templo de Adônis.²² Além de uma das descobertas exponenciais pela qual Dura-Europos se tornaria mais conhecida: a sinagoga e suas pinturas.²³

As descobertas referentes à sinagoga e suas pinturas levantaram múltiplos debates acadêmicos desde a sua procedência, suas influências, sua originalidade e até a compreensão contemporânea do judaísmo antigo e a primazia do cânone textual e que, conseqüentemente, eram tratadas em alguns casos como anônimas ou, de outra forma, artisticamente subordinadas.²⁴ Nesse período das escavações foram descobertos novos artefatos como o Mitraeum, os templos de Zeus Kyrios, Zeus Theos e o Gaddé. A descoberta do Mitraeum em Dura, em 1934, foi um

²⁰ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 12.

²¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 12.

²² BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 12.

²³ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 12.

²⁴ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

marco significativo nas escavações, em parte, devido aos estudos de Cumont sobre o tema do mitraísmo.²⁵

O oitavo período de escavações aconteceu entre os anos de 1934 a 1935. Clark Hopkins finalizou os relatórios e suas funções de diretor arqueológico em Dura demitindo-se da Universidade de Yale. Assim, o arqueólogo mediterrâneo, Frank Brown sucedeu Hopkins como diretor de campo nas duas últimas temporadas de trabalho, de 1935 e 1937.²⁶ A intenção científica de F. Brown consistia na conclusão dos trabalhos começados no período anterior de escavações incluindo o Palácio do Dux, o Dolicheneum e o templo do Gaddé.²⁷ Nesse período, de 1935 a 1937, a nova temporada estivera franqueada pela Universidade de Yale e pela Academia de Letras da França na qual se escavaram os restos da ágora, ou seja, um monumento que funcionava como lugar funcional político e comercial na cidade.

Além disso, nesse período outros edifícios escavados foram o templo de Zeus Megistos e a Casa de Lísias adjacente, além do templo no bloco X9, mas todos eles permaneceriam inéditos por décadas.²⁸ E, ainda, uma das principais realizações das últimas temporadas, no entanto, foi o plano feito por A. Henry Detweiler, que continua sendo o plano mais útil publicado do local. Ele descreve didaticamente o nome das estruturas e dos blocos da cidade de Dura-Europos. O projeto geográfico de Detweiler pode ser encontrado em seus escritos ou nas próprias obras da arqueóloga J. A. Baird.

Diante da diversidade de dificuldades funcionais, estruturais e financeiras havia certas propensões para se encerrar as escavações em Dura-Europos. As descobertas do edifício cristão e da sinagoga judaica estavam entre as principais justificativas para a continuação do trabalho no local.²⁹ Os estudos científicos sobre Mitraeum também se tornaram base para alegar a continuidade das escavações em Dura-Europos. Os entraves nas negociações e os limites orçamentais, principalmente por falta de financiamento, contribuíram para a suspensão da expedição em Dura. Ademais, o fim das escavações da expedição na

²⁵ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

²⁶ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

²⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

²⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

²⁹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 14.

Síria não foi do projeto, e os objetos e registros em Yale continuaram a ser estudados.³⁰

Não obstante, até a década de 1980 não se realizou nenhuma expedição arqueológica em Dura-Europos. Apesar disso, nessa época, uma expedição concomitante franco-síria foi fundada por Pierre Leriche e Assad Al Mahmoud, a conhecida Missão Franco-Síria de Dura-Europos.³¹ Segundo o arqueólogo francês Pierre Leriche, a missão franco-síria em Dura-Europos, iniciada em 1986, contemplava especificamente três objetivos principais. Primeiramente, reunir informações adicionais sobre a cronologia das várias fases da história da cidade, com ênfase especial no estudo do período helenístico, que é o menos conhecido.³² Segundo, a publicação de monumentos previamente escavados.³³ E, por fim, recuperar monumentos previamente escavados e a reabilitar o local de pesquisa.³⁴

A missão franco-síria realizou escavações em casas e edifícios religiosos não escavados, a construção de novas trincheiras em ruas e as fortificações para esclarecer a datação com estratigrafia.³⁵ Estas últimas escavações em Dura-Europos pela missão Franco-Síria atingiram desdobramentos arqueológicos e abriram caminhos para novas investigações teóricas.

O que foi descoberto em Dura-Europos foi nada menos que um dos ambientes urbanos mais preservados e documentados da antiguidade greco-romana.³⁶ As escavações arqueológicas se cessaram por causa do conflito sírio no Oriente Médio, com a última temporada de campo em 2011.³⁷ Apesar disso, as investigações científicas e as pesquisas acadêmicas prosseguem com afinco.

2.2.

O contexto geopolítico religioso em Dura-Europos

A cidade de Dura-Europos integrava uma diversidade geográfica, política, social e religiosa que, adequada nas bordas dos impérios, teve tanto triunfo quanto decadência. O lugar era adequado para a construção de uma cidade fortificada: uma parte mais elevada em três lados, um deles dando para o rio, possibilitando

³⁰ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

³¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

³² LERICHE, P.; MAHMOUD, A. Dura-Europos: Bilan des recherches récentes, p. 395.

³³ LERICHE, P.; MAHMOUD, A. Dura-Europos: Bilan des recherches récentes, p. 395.

³⁴ LERICHE, P.; MAHMOUD, A. Dura-Europos: Bilan des recherches récentes, p. 395.

³⁵ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

³⁶ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

³⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 16.

que o único lado aberto fosse facilmente fechado por uma muralha. Enriquecida pela variedade de registros arqueológicos encontrados, mas vulnerável pela incomparabilidade com outros sítios com perfil semelhante.

Segundo Simon James, especialista em arqueologia militar de Dura, da Universidade de Leicester, a razão pela qual os selêucidas plantaram [Dura] onde o fizeram foi porque ficava exatamente a meio caminho entre suas duas capitais, portanto, bem no centro de seu império.³⁸ O que significa dizer que Dura-Europos é a estação rodoviária estratégica no centro do Império Selêucida.³⁹

A cidade de Dura-Europos era um local estratégico para os selêucidas, herdeiros do império de Seleuco I Nicator, que, em seu auge, se estendia de Pérgamo, na costa egeia da Ásia Menor, até a Bactria, no atual Afeganistão. O motivo principal da fundação de Dura-Europos foi estratégico, pois o local onde foi construída era o ponto de cruzamento fluvial da rota comercial leste-oeste que ligava as recém-fundadas cidades de Antioquia e Selêucia do Tigre, sendo um ponto de passagem da rota norte-sul ao longo do rio Eufrates.

Segundo a pesquisadora J. B. Cavalcanti, ao descrever a geopolítica social de Dura-Europos selêucida, afirma que, a população de Dura-Europos sob os selêucidas consistia em dois grandes grupos: ricos colonos gregos encarregados de manter a segurança da cidade e os povos indígenas semitas da Mesopotâmia fundiária.⁴⁰ Além disso, a cidade recebia fluxos constantes de mercadores, soldados e outros funcionários, bem como civis que utilizaram a cidade como uma parada em suas viagens.⁴¹ Portanto, eram elementos aliados com a geografia da cidade que fomentaram um ambiente poliglota e complexo, no que diz respeito à cultura e à religião.⁴²

A natureza militar de Dura-Europos se reflete em seus fundadores macedônios que, segundo a afirmação de James, eram soldados aposentados plantados na área para estabelecer gradualmente uma cidade.⁴³ Além do mais, a imagem de Dura selêucida é a de uma pequena comunidade de guarnição, que

³⁸ JAMES, S. Dura-Europos: Pompei of the Syrian Desert, p. 72.

³⁹ JAMES, S. Dura-Europos: Pompei of the Syrian Desert, p. 72.

⁴⁰ CAVALCANTI, J. B. Dura Europos: estudo de caso para as comunidades paleocristãs, p. 134.

⁴¹ CAVALCANTI, J. B. Dura Europos: estudo de caso para as comunidades paleocristãs, p. 135.

⁴² CAVALCANTI, J. B. Dura Europos: estudo de caso para as comunidades paleocristãs, p. 135.

⁴³ JAMES, S. Dura-Europos: Pompei of the Syrian Desert, p. 73.

possuía pequenos lotes de terra fora da cidade e vivia em torno da base da cidadela.⁴⁴

O plano urbanístico de Dura-Europos era composto por uma rua principal mais larga e ruas secundárias, teoricamente com a mesma largura, dividindo o espaço em blocos regulares de aproximadamente 35 x 70m. Em um bloco de 35 x 70m, cada lote media 17,5 x 17,5m, ou seja, uma área de 306,25 m². Os edifícios públicos ou privados se enquadravam nesse padrão. Assim, no centro da cidade, o projeto da ágora ampla abrangendo a localização de oito quarteirões havia alcançado apenas na sua parte norte.

Além das fortificações de Dura-Europos, a maioria dos monumentos da época helenística foi modificada ao longo do tempo e apresentavam uma aparência que datava principalmente da época romana. Estes eram os dois principais templos da cidade: um dedicado a Zeus Megisto e o outro a Ártemis. O palácio da cidade, deixado inacabado devido ao desabamento do penhasco, e o palácio do *estratego*, com vista para a estrada em frente à cidade interna, eram os únicos dois edifícios não militares que haviam mantido parte de sua aparência original.

Conforme afirma Simon James, a cidade de Dura-Europos foi introduzida na esfera cultural iraniana após a conquista Parta por volta de 113 a.C.⁴⁵ Esse domínio durou três séculos, interrompido por uma ocupação romana entre 115 e 117 d.C., durante a expedição de Trajano a Ctesifonte. A cidade foi ocupada pelo império arsácida⁴⁶, uma das principais potências político-culturais da antiga Pérsia. Embora a cidade de Dura-Europos estivesse no domínio arsácida culturalmente continuava sendo uma cidade com influências helenísticas.

A pacificação e crescimento de Dura-Europos se estabeleceu exponencialmente durante o período arsácida. A cidade construiu relações comerciais com cidades do vale do Eufrates e a oeste da Síria. Houve o crescimento da população e as muralhas da cidade foram ocupadas por edifícios civis e religiosos com exceção do portão de Palmira. Ao longo dos anos, a sua população compunha-se por vários grupos étnicos e a sua cultura tornou-se

⁴⁴ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 21.

⁴⁵ JAMES, S. The Excavations at Dura-Europos conducted by Yale University, p. 249.

⁴⁶ O império Arsácida ou Parda se estruturou durante 247 a.C. – 224 d.C.

altamente sincrética. Conservaram-se os traços arquitetônicos helenísticos e novas edificações foram inseridas em todo espaço disponível dentro de recinto.

No período arsácida em Dura-Europos predominava o comprometimento do império com as elites de origem grega que governavam as cidades desde a Anatólia e a Síria, inclusive as fundadas pelos selêucidas. A cidade estava inserida em uma região de fronteira entre o composto helenístico e o mesopotâmico, de substrato étnico semita e babilônio, mas que estava dependente de um império dominado por iranianos.

No decorrer da era arsácida, Dura-Europos perdeu a sua crucial função estratégica militar. Na compreensão de Carly Silver, os partas mantiveram um sistema de governo semelhante ao dos selêucidas.⁴⁷ Embora escassos os dados encontrados no sítio arqueológico de Dura-Europos, acerca da questão militar arsácida, constata-se que durante o governo arsácida a cidade provavelmente tenha se tornado tão somente um próspero centro econômico, administrativo e comercial.

A Dura-Europos deveu seu desenvolvimento a sua função como capital regional amplamente ilustrado pelo conteúdo de inscrições, pergaminhos e papiros. Segundo Baird, o que se sabe sobre a administração em Dura vem de pergaminhos e papiros recuperados escritos em grego. Na era arsácida, o lugar é chamado de polis, e os documentos preservados do século I d.C. se referem a ele como Europos na Parapotâmia. Sabe-se que havia um *strategos kai epistates*, ou seja, um general e superintendente ou magistrado-chefe da cidade. Parece que essa posição da elite envolvia a extração de impostos para o rei arsácida.⁴⁸

O único culto persa conhecido em Dura-Europos era o de Mitra, que paradoxalmente havia sido introduzido na cidade pelas tropas romanas em 168 a.C. O Mithraeum localizado perto da muralha ocidental no acampamento romano pertence ao tipo dedicado ao culto em todo o mundo romano e não tem características em comum com os outros edifícios religiosos em Dura-Europos. A arquitetura arsácida caracterizava-se então pela gradualidade dos conceitos helenísticos em direção a novas fórmulas nas quais as tradições regionais, sobretudo aquelas derivadas da Babilônia. De modo geral, essas inovações afetaram tanto edifícios religiosos quanto domésticos.

⁴⁷ SILVER, C. Dura-Europos: Crossroad of Cultures, p. 3.

⁴⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 26.

Não se conhece nenhum edifício público secular construído durante o período arsácida com a possível exceção de um banho construído em pedra talhada no setor nordeste da cidade. Os modelos arsácidas geralmente persistiram no período romano, conforme a recomendação de P. Leriche, exceto pelos edifícios no acampamento romano no terço norte da cidade, por exemplo, o palácio do Duque Ripae e o pretório.⁴⁹

Mais tarde, o imperador romano Trajano iniciou campanhas expansionistas declarando guerra contra o império arsácida com a justificativa de reprimir as influências arsácidas na Armênia. O imperador Trajano buscava conquistar novos territórios e os reconhecimentos militares que, de fato, o levou a eliminar o controle parta sobre os procedimentos comerciais da Rota da Seda.

Em 117 d.C., após a morte de Trajano, sucedeu-se o imperador Adriano. Suas intenções visavam à organização e o fortalecimento interno do império conduzindo-o a desfazer-se da recém conquistada província da Mesopotâmia. O imperador Adriano tinha maiores apreços pelas fronteiras com maior estrutura defensiva. Com isso, o império arsácida recuperou a cidade de Dura-Europos que havia perdido. Porém, não por muito tempo.

Em seguida, o rei da Pártia Vologeses IV retomou as intromissões em questões políticas e militares da Armênia. Em 161 d.C., Vologeses destituiu o seu cliente romano, o rei Sohaemus, e admitiu no trono da Armênia o seu parente Pacorus. Formava-se a Guerra Romano-Parta, que se estendeu de 161 a 166 d.C.

Em 165 d.C. os romanos invadiram novos territórios, chegando a Dura-Europos, comandados pelo general Avídio Cássio, embora o exército romano tenha sido obrigado a voltar para o território romano em virtude da terrível epidemia que ficaria conhecida como peste antonina. Como resultado da vitória, a fronteira romana da Síria avançou mais quase 250 km na direção sul do rio Eufrates. A conquista romana de Dura-Europos despertou na cidade o florescimento de diversas línguas, religiões e etnias. A tolerância era a regra, a intolerância a exceção. As pessoas frequentemente pertenciam a várias associações religiosas diferentes ao mesmo tempo.⁵⁰

De acordo com o teólogo Michael Peppard, durante a época romana a malha viária foi expandida, organizada e ladeada por colunatas, embora seu tamanho

⁴⁹ LERICHE, P; MAHMOUD, A. Dura-Europos: Bilan des recherches récentes, p. 3.

⁵⁰ PEPPARD, M. A. The World's Oldest Church, p. 6.

geral fosse bem pequeno para os padrões modernos, o muro ocidental, a borda mais longa da cidade, se estendia por apenas 900 metros.⁵¹ O comércio com Palmira continuou a todo vapor e novos projetos de construção foram realizados.⁵²

Mais tarde, o império Romano assumiu o território de Dura-Europos em 165 d.C., o imperador Lúcio Vero assumiu o controle total da cidade, e os romanos a mantiveram com a ajuda de unidades auxiliares de Palmira.⁵³ Baird constata que a Dura dos partas tornou-se romana, quando os arsácidas perderam o controle sobre o Eufrates Médio.⁵⁴ De modo geral, presume-se que seja datado de 165 d.C., com a campanha de Lúcio Vero contra a Pártia, e uma dedicatória grega a Lúcio Vero foi de fato encontrada no templo de Ártemis em Dura.⁵⁵

Ademais, alguns elementos da administração civil continuaram como estavam no período arsácida. Não há evidências de que os aspectos religiosos ou da organização civil local tenham mudado drasticamente com a tomada de controle pelos romanos. O templo de Ártemis continuou em uso e foi ampliado no período romano, assim como os templos de Adônis e Bel.

Em 256 d.C., aconteceu à invasão do império sassânida em Dura-Europos, destituindo a sociedade civil. A resistência dos habitantes forçou os invasores a adotar diversas táticas que eventualmente resultaram na conquista da cidade. O sistema de proteção, as minas e a rampa de assalto foram mantidos após a deportação da população, o que permite aos investigadores modernos obter uma ideia exata das técnicas militares dos sassânidas e dos romanos em meados do século III.

Em conformidade com as pesquisas científicas de J. A. Baird, poucos são os referenciais arqueológicos que indicam a ocupação sassânida da cidade de Dura-Europos. Encontra-se, por exemplo, a única lâmpada sassânida, um exemplo de pedra de um tipo não conhecido no local, vem de dentro da mina de cerco.⁵⁶ Muito provavelmente a população local e os soldados rendidos foram deportados para Pérsia, um ato comum pelo exército persa.

Por fim, não se sabe por onde se deu a invasão última dos sassânidas em Dura-Europos. É possível que o ataque final tenha acontecido simultaneamente

⁵¹ PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 6.

⁵² PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 6.

⁵³ PEPPARD, M. A. *The World's Oldest Church*, p. 6.

⁵⁴ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 29.

⁵⁵ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 29.

⁵⁶ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 36.

pelo avanço por uma rampa de tijolos e pelo túnel subterrâneo. Dura-Europos foi, então, saqueada e abandonada pelo exército sassânida.

2.3.

Os restos arqueológicos de Dura-Europos

Os componentes arqueológicos de Dura-Europos são surpreendentes devido à variedade de pergaminhos, papiros, casas, túmulos, muralhas, edifícios civis e religiosos, inscrições, grafites, pinturas e esculturas. Os pesquisadores encontraram diversos modelos de moedas, um banho romano próximo ao Portão de Palmira, vários mosaicos e utensílios domésticos.

Esse material, no seu todo, revelou os diversos aspectos da vida cotidiana em Dura-Europos. Desse modo, será dado destaque para alguns desses artefatos de Dura-Europos, sobretudo as casas domésticas, os edifícios religiosos e as pinturas e esculturas de Dura. Ademais, o último item desse capítulo se concentrará sobre a descrição e localização do edifício cristão.

As casas em Dura-Europos foram construídas dentro dos quarteirões da cidade delimitados pelas ruas que se cruzam em ângulos retos. E, provavelmente, foram estabelecidas na segunda metade do século II a.C. Quando se iniciaram as escavações em Dura encontraram-se uma enorme diversidade de vestígios existentes das casas.

De acordo com a arqueóloga J. A. Baird, as casas foram construídas com superestruturas de tijolos de barro sobre bases de gesso e entulho de pedra, que foram rebocadas para um acabamento liso.⁵⁷ Ela descreve sobre o estilo arquitetônico e decorativo das residências familiares afirmando que o gesso usado para cobrir as paredes de tijolos de barro, tanto no interior quanto no exterior, protegia-as da água. As soleiras das portas e os batentes e lintéis acima delas eram geralmente de gesso e muitas vezes entalhados com um perfil decorativo.⁵⁸ Baird observa que os telhados eram feitos com esteiras de junco trançado colocadas sobre as vigas de madeira, que eram rebocadas.⁵⁹

A entrada da casa se abria diretamente para a rua externa sem que da rua se pudesse visualizar o interior da casa. Arquitetonicamente, havia um pequeno vestíbulo em ângulo reto com o pátio interno, que criava um amortecedor entre a

⁵⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 88.

⁵⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 88.

⁵⁹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 88.

casa e o mundo externo.⁶⁰ As casas, mesmo as menores, incluíam pelo menos três cômodos: um vestíbulo que protegia a casa da rua, um pátio ao ar livre em torno do qual a casa se concentrava e um cômodo principal, que pode ter sido chamado de *andron* ou quarto dos homens e que servia como sala de recepção, entre outras funções.⁶¹

Os cômodos continham uma entrada central pelo pátio com portas duplas e um banco baixo de gesso. Havia o cuidado com o acesso a residência e, ao mesmo tempo, manter a privacidade dos seus habitantes. No centro do pátio da casa costumemente havia um poço de água. As escadas para os andares superiores e os telhados planos também saíam do pátio, tornando-o um nó por onde passava grande parte do tráfego doméstico.⁶² O pátio era o mecanismo para a entrada de iluminação e respiração. O pátio era utilizado para a elaboração das refeições, pois não havia cozinhas nas casas.

Na sua maioria, as casas não se destacam por sua estética exterior. Havia pouca elaboração no exterior das casas e as janelas eram altas e estreitas.⁶³ As casas apresentavam um branco simples no seu quadro externo. Em seu ambiente interno as casas eram, muitas vezes, decoradas com pinturas ou em gesso moldado. Conforme explica Baird, o uso extensivo de decoração em gesso seja encontrado em outros sítios arsácidas, as casas de Dura não têm o *iwān*, ou seja, o cômodo com abóbada de berço aberto em uma extremidade que caracterizava as casas de elite nos assentamentos arsácidas, incluindo Nippur e Assur.⁶⁴ Do mesmo modo, as edificações domésticas continham alguns elementos helênicos, incluindo o uso de colunas dentro de pátios que os documentos de Dura parecem chamar de *stoa*, mas as casas também não eram fundamentalmente gregas.⁶⁵

As alterações nas casas foram provenientes ou não das influências culturais dominantes em cada tempo histórico de Dura-Europos. Em vez disso, as casas eram um tipo de vernáculo local, específico do local, mas que se baseava em muitas tradições, incluindo a babilônica e a selêucida, mas que não se integrava perfeitamente em nenhuma das categorias. As casas frequentemente tinham grafites em suas paredes, incluindo listas ou inventários, mensagens curtas de

⁶⁰ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 88.

⁶¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 88.

⁶² BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 89.

⁶³ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 89.

⁶⁴ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 90.

⁶⁵ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 90.

lembrança, horóscopos ou até mesmo recibos de negócios realizados nelas, conforme observado no capítulo anterior.⁶⁶

As casas também foram adaptadas conforme a estruturação e transformação familiar. As famílias, ao que parece, eram endogâmicas, ou seja, casavam-se dentro da própria família. Em uma casa poderia habitar várias famílias ou grupos de famílias da mesma geração. As casas que pertenciam às elites locais, conforme os grafites encontrados eram nomeados, por exemplo, a casa de Lísias.

O segundo composto de artefatos que nos interessa são os edifícios religiosos. As edificações religiosas se encontravam esparramadas por toda a Dura-Europos. Não se encaixam num padrão arquitetônico comum dos templos religiosos do Oriente Próximo. A quantidade maior de edifícios religiosos de Dura-Europos foi construída durante o período arsácida, em duas explosões de construção de templos, conhecidas pelas datas das inscrições encontradas: de meados do século I a.C. a meados do século II d.C., e depois, em meados do século II d.C., após o terremoto de 160.⁶⁷

Os edifícios religiosos do período arsácida tinham acessos diretos da rua, por meio de um pequeno portal, pórtico formado com colunas ou entrada com monumentos, para o pátio rodeado por pequenas salas configurando uma unidade unificadora do santuário. Consistia na sala central do edifício, à qual os escavadores se referem como *naos*, com uma sala anterior, a *pronaos*, e às vezes contornada por antecâmaras subsidiárias nas laterais, chamadas de sacristias.⁶⁸

No século I a.C., houve as escavações no templo de Zeus Megistos e no de Ártemis. O templo de Ártemis no bloco H4 era, pelo menos na época da primeira inscrição datada de 33/32 a.C., um importante santuário cívico.⁶⁹ No século seguinte, prosseguiu-se com a construção de templos, incluindo a construção dos templos de Azzanathkona, Zeus Kyrios, Atargatis, Bel e Aphlad.⁷⁰ No século II d.C., mais templos foram construídos incluindo os de Zeus Theos, Adônis e Gaddé.⁷¹ Fora dos muros de Dura encontrava-se o templo da necrópole que foi dedicado aos deuses palmirenes Iarhibol e Bel.

⁶⁶ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 90.

⁶⁷ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 98.

⁶⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 99.

⁶⁹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 23.

⁷⁰ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 23.

⁷¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 24.

As divindades em muitos templos eram nomeadas em textos bilíngues como o Zeus Kyrios que, pela tradição palmirene, se chama Baal-Shamin. Em um mesmo templo, encontravam-se vários deuses como Baal-Shamin, Arsu e Héracles. Em alguns casos, o templo continha uma estrutura mesopotâmica com um deus grego, por exemplo, a deusa Ártemis. Havia deuses sem o seu próprio templo, assim como, o deus da tempestade arameu Hadad.

O edifício religioso contrastante com os planos típicos de pátio comuns em Dura era o Mithraeum. Ele compunha originalmente três compartimentos: a sala A, o santuário de Mitra, era acessada por uma porta axial através de uma divisória que a separava de uma câmara central B, originalmente um divã residencial, que se abria para um pátio D ao sul, e para uma pequena câmara C a leste. O Mithraeum sofreu alterações, foi destruído e reconstruído definitivamente em 240 d.C. Em um projeto de proteção das invasões sassânidas o Mithraeum foi totalmente encoberto pelas areias.

O santuário era estruturado em três partes: uma passagem pavimentada com bancos de cada lado, em faixa C, na qual duas colunas foram construídas para sustentar o teto, que tinha aproximadamente 1,65 m de altura sobre seus bancos, mas cerca de 1,60 m a mais de altura sobre o corredor central. Através da escada, chegava-se a uma plataforma retangular elevada na qual se encontrava um poço redondo de diâmetro 0,32 m. Em frente, situava-se o altar-mor com dois altares laterais menores, enquanto contra a parede posterior haviam sido fixados dois relevos.

Ademais, as pinturas e esculturas de Dura-Europos contribuem atualmente significativamente para o conhecimento teológico e antropológico do local. As pinturas murais em Dura foram encontradas em edifícios de banhos e em algumas casas bem como no palácio romano.⁷² Apesar disso, a quantidade maior de pinturas foi encontrada em edificações religiosas incluindo a Sinagoga, o Mithraeum, o templo de Bel e o edifício cristão.

O templo de Bel contém as mais antigas pinturas preservadas em Dura. Uma dessas pinturas retrata homens denominados de Lísias, Apolofanes e Zenódoto realizando sacrifícios. Em outra cena de sacrifício, retrata dois homens e um deles

⁷² BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 134.

chamado Otes é ajudado pelo seu servo a oferecer o incenso no altar a cinco divindades.

O templo de Zeus Theos em sua *naos* continha pintura de adoradores em registros identificados nas paredes laterais. Na parede central traseira encontrava-se uma representação do próprio deus em pé sobre uma base de estátua física que se projetava para dentro da sala. Do deus, apenas parte de seu pé sobreviveu e fragmentos de quatro cavalos e duas figuras de Nike.⁷³

Nas paredes laterais da pintura central aparentemente havia três registros que foram encontrados em condições inacabadas. Destaca-se o fragmento pintado preservado no templo de Zeus Theos de uma mulher e a inscrição identificando-a como Baribonéia usando um cocar e uma série de joias. As representações figurativas nas pinturas no templo de Zeus Theos eram regularmente em tamanho natural.

As pinturas posteriores de Dura de meados do século III d.C., do edifício cristão, do Mithraeum e da sinagoga, e as pinturas posteriores no templo de Bel são mais lineares e planas em estilo do que as de Bel e Zeus Theos. Por exemplo, os rostos das pessoas são menos individuais, mesmo que diferentes, e com menos atenção a detalhes como vestimentas e jóias.

Segundo as constatações de J. A. Baird, sobre o mitraísmo, somente os membros do culto teriam visto as decorações, mas elas não operavam em um vácuo, fazendo parte das tradições locais, bem como de uma prática mais ampla de mitraísmo em todo o império.⁷⁴ O Mithraeum ao redor do seu interno relevo principal continha cenas retratando a vida de Mitra e alguns acontecimentos cosmológicos. Abaixo do nicho abaulado se encontrou os doze signos do zodíaco e uma cena da tauroctonia, Mitra matando o touro, na parte externa do nicho em arco. As pinturas nas paredes laterais do templo mostravam uma cena de caça.

A sinagoga era a edificação religiosa que continha representações pictóricas de cenas narrativas bíblicas, por exemplo, de Moisés, o Êxodo e a travessia do Mar Vermelho. Nela havia um nicho centralizado na parede principal para acolher a Torá. O nicho e o restante da sala foram cobertos por um extensivo programa de pintura. As partes inferiores das paredes eram por um painel pintado que imitava

⁷³ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 135.

⁷⁴ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 138.

mármore e pedra incrustada, e eram decoradas com máscaras e animais pintados,⁷⁵ relata Baird, em sua obra magistral *Dura-Europos*. O teto da sinagoga também continha representações pintadas de animais, flores e símbolos astrológicos. Tanto o teto quanto as pinturas nas paredes da sinagoga eram especiais e específicos para a comunidade judaica de Dura.⁷⁶

Segundo as descrições do modelo de representação de Baird, as pessoas são retratadas frontalmente e de forma relativamente esquemática, os grupos de pessoas são isocefálicos, as proporções hierárquicas (com as figuras mais importantes sendo maiores do que as menos importantes), e são relativamente estáticas e bidimensionais.⁷⁷

Além disso, Baird descreve as características de vestuário apresentadas nas pinturas, ou seja, as pessoas individuais são distinguidas não por seus rostos, mas por suas roupas, que são tipos locais de vestimentas, incluindo vestes drapeadas gregas ou calças largas iranianas, ou seja, roupas de tecido cortado e costurado, em vez de drapeado como formas de diferenciar as pessoas em determinadas cenas, com personagens importantes marcados com roupas mais largas e túnicas, calças largas e túnicas como formas de diferenciar as pessoas em cenas específicas, com personagens importantes marcados com mantos mais elaborados ou outras vestimentas. Suas poses e gestos eram convencionalizados e indicavam, por exemplo, se uma figura estava cantando ou em oração.

Em *Dura-Europos*, foi encontrada a pintura de uma vitória voadora em um pilar nos banhos F3, pinturas de rostos humanos nos banhos E3, a pintura de Afrodite na casa dos escribas, na casa L7-A, e escudos pintados com a influência militar, provavelmente de elaboração original local. Nas casas, no bloco E8, transformadas em abrigos militares foram encontradas pinturas com nomes de musas gregas. A casa C7-F apresentava pinturas de figuras em cavalos com longas lanças em uma aparente cena de batalha e uma de caça em maior escala.

Nas escavações em *Dura-Europos* encontraram outra forma de decoração de parede: os grafites pictóricos e os *dipindi*, ou seja, uma variedade de cenas foi

⁷⁵ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 140.

⁷⁶ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 142.

⁷⁷ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 141.

riscada nas paredes de gesso de Dura, incluindo várias imagens de caça, cenas religiosas e divindades, bem como imagens de animais, edifícios e barcos.⁷⁸

Além disso, em Dura-Europos encontraram-se quantidade significativa de esculturas de caráter religioso. As esculturas de pedra ou gesso eram representações de divindades. As esculturas foram descobertas em fortificações, edificações, casas e templos. O método escultórico incluía relevos que retratam a divindade estática à qual comumente um sacerdote ou dedicante conduz a oferenda. Os relevos de culto eram esculpidos em pedra e feitos para serem colocados em paredes.⁷⁹ O relevo acompanhava uma inscrição que nomeava o deus, o dedicante e o conteúdo da dedicação.

O relevo de Zeus Kyrios foi colocado em um lugar alto e proeminente na muralha da cidade, um sinal visível não apenas para aqueles que estavam dentro do templo.⁸⁰ Em outros casos como os de Azzanathkona e Aphlad não foram encontrados nos *naos* ou *pronaos*, mas em salas subsidiárias (capelas) dos templos.⁸¹ As escavações encontraram esculturas tridimensionais, por exemplo, fragmentos de uma estátua em tamanho natural, do templo de Zeus Megistos, provavelmente Baalshamim, com orifícios nas orelhas da estátua para colocação de brincos de metal.⁸²

O arqueólogo L. Dirven afirmou que as divindades foram representadas dessa forma devido à transmissão das tradições helênicas e romanas. Ele destacou que a interação entre o gênero humano e as representações dos deuses era também uma das características da cultura religiosa de Dura. Não apenas o domínio dos sacerdotes e reis em Dura e em outros lugares nas eras arsácida e romana, o público tinha maior acesso às imagens dos deuses, incluindo imagens de culto, e até mesmo podia jantar em sua companhia, dentro do santuário.⁸³

Em Dura-Europos foram registrados das escavações mais de quarenta exemplares da escultura de Héracles, com uma clava e um leão, conforme a arte grega, que, no entanto, também são atributos relacionados à divindade mesopotâmica Nergal. Comumente, com cerca de quarenta centímetros de altura

⁷⁸ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 143.

⁷⁹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 144.

⁸⁰ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 145.

⁸¹ BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 145.

⁸² BAIRD, J. A. Dura-Europos, p. 145.

⁸³ DIRVEN, L. Religious Competition and the Decoration of Sanctuaries, p. 266-267.

encontradas em santuários, espaços públicos e casas. Segundo Baird, Heracles tinha um papel em Dura como protetor da casa ou como parte do culto familiar.⁸⁴

Além das representações de Héracles foram encontrados em espaços religiosos e domésticos diversos exemplares de Afrodite. Uma série de outras divindades é encontrada em esculturas, tanto em edifícios religiosos quanto em casas. Entre elas estão às representações de Nike, Allat, Arsu, Hadad, Iarhibol e Nebo.⁸⁵

As esculturas identificadas de animais incluíam um camelo, cabeças de touros e águias. Foram também catalogados bustos masculinos e femininos. Segundo Downey, havia a forte possibilidade de alguns serem da deusa Atena.⁸⁶ Enfim, de fato havia uma diversidade complexa de tradições religiosas e culturais que influenciaram no arsenal de esculturas escavadas na antiga cidade de Dura-Europos.

2.4.

A localização e a descrição do Edifício Cristão

A escavação do edifício cristão iniciou-se durante a temporada de 1932, pelo diretor de campo Maurice Pillet, mas não chegou a ser concluída. O edifício cristão de Dura-Europos foi encontrado no canto noroeste da ilha designada bloco M8 no plano da cidade, no cruzamento da rua da muralha com a rua 3. O edifício cristão foi localizado na sombra imediata das defesas ocidentais da cidade diretamente atrás da Torre 12 e a apenas um quarteirão ao sul do portão principal.

O conjunto de blocos M1-M8 de Dura-Europos na qual a propriedade religiosa se encontrava era conhecida como um território estritamente residencial. Confirma-se esse dado arqueológico mediante as plantas dos edifícios escavados em sua totalidade e pela largura das portas registradas onde a escavação foi limitada à liberação das linhas de construção em ambos os lados das ruas da cidade na área.⁸⁷ Segundo a descrição de Baird, os restos do edifício cristão no bloco M8 foram mal preservados. O prédio em si era uma casa durene bastante típica, com algumas adaptações.⁸⁸

⁸⁴ BAIRD, J. A. *The Inner Lives of Ancient Houses*, p. 77.

⁸⁵ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 147.

⁸⁶ BAIRD, J. A. *The Inner Lives of Ancient Houses*, p. 78.

⁸⁷ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 3.

⁸⁸ BAIRD, J. A. *Dura-Europos*, p. 110.

O edifício cristão em Dura-Europos era em sua arquitetura externa indistinguível da maioria das outras estruturas da cidade. Suas paredes de barro, tijolos de barro e entulho tipicamente desprovidos de ornamentos arquitetônicos externos, combinavam perfeitamente com os outros edifícios do quarteirão,⁸⁹ conforme as observações técnicas do arqueólogo Carl Kraeling.

A estrutura é simplesmente uma típica casa particular de Dura ligeiramente modificada para adaptá-la ao uso religioso.⁹⁰ As paredes definiam as repartições em um organismo com cômodos com telhado plano em torno de um pátio central, com 20 m a leste, 19 m a oeste, 22,5 m ao sul e 18 m de parede ao norte, a residência possuía no mínimo oito cômodos e um pátio aberto para ventilação.

C. Kraeling, em sua descrição da casa religiosa, afirma que a entrada do edifício era discreta, ou seja, uma porta comum que vem da rua 3, no canto nordeste do edifício. A entrada dava acesso para o vestíbulo que, na verdade, era um corredor curto que levava à direita e, por uma abertura em arco em sua parede esquerda, ao pátio central.⁹¹ O pátio era espaçoso e pavimentado com ladrilhos dispostos de forma ordenada pelo qual as câmaras principais eram acessadas e por onde se circulava em seu interior.

Ao lado leste, o elemento de amplitude era enfatizado por um pórtico, cujo teto era sustentado por duas colunas de entulho revestidas de gesso que ficam sobre uma base baixa. Nos outros três lados, o pátio era cercado pelas paredes internas dos cômodos agrupados em torno dele. Degraus levavam até as portas mais importantes e seções em forma de “L” de bancos de entulho estavam fixadas contra as paredes nos cantos noroeste e sudoeste.

No lado sul, encontrava-se uma entrada para o vestíbulo, diretamente vinculando com o pátio central, no qual duas colunas com reboco de gesso separavam o pátio propriamente dito de acesso aos demais pontos da residência através de escadas, provavelmente uma área de subsolo.

Na parede sul do pátio, uma porta formalmente moldada dava acesso a maior área do pátio: a sala do edifício. Uma sala retangular que se estendia de leste a oeste iluminada e arejada por janelas a oeste e norte. Suas paredes e a porta adornada com um acabamento cuidadoso com reboco, mas sem

⁸⁹ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 3.

⁹⁰ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 3.

⁹¹ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 3.

características estruturais incomuns na elevação e sem decorações pintadas nas paredes ou no teto.

Esse ambiente tornou-se o lugar das assembleias da comunidade cristã, sobretudo pela instalação de um estrado baixo encostado na parede curta da extremidade leste desde onde o presidente da comunidade sentava-se ou ficava de pé. A sala de refeições era típica das residências de Dura com bancos de gesso e um braseiro. A sala de refeições ligava-se a uma dispensa e as dependências de mulheres.⁹²

Na lateral direita desse estrado, uma massa irregular de gesso com uma abertura na parte superior permitia a colocação de objetos, possivelmente de devoção. À esquerda, uma porta simples se abria para um pequeno cômodo no canto sudeste do edifício. Esse cômodo escuro parecia não ter tido nenhuma outra provisão de luz ou ar, mas era utilizado para uma variedade de propósitos práticos, especialmente os de armazenamento.

Na parede oeste do pátio, a porta com acabamento moldado levava ao segundo maior cômodo do edifício. Era uma sala semelhante ao salão da assembleia devido à altura de seu teto, com quase a mesma largura, mas pouco mais da metade do comprimento da assembleia. As paredes possuíam apenas um revestimento de barro grosso e o piso com acabamento de terra batida. As portas nas paredes das extremidades vinculavam o cômodo com o pátio e as câmaras ao sul e ao norte.

A sala ao norte apresentava uma cuidadosa moldura dando origem a uma “sala em s” pela qual se acessava a uma sala, relativamente pequena, no canto noroeste do edifício. Sua extremidade oeste era ocupada por uma enorme instalação composta por dois elementos. O primeiro elemento é uma grande bacia retangular solidamente construída com telhas cobertas com argamassa,⁹³ afirma C. Kraeling.

Não obstante, o fundo da bacia construída abaixo do nível do piso, suas laterais se elevavam acima do nível do piso a uma altura suficiente para exigir a interposição de um degrau de entulho entre o piso e sua borda superior. O segundo elemento é um dossel abobadado pesado que cobre a bacia,

⁹² GÜNEY, A. Ö. Investigating the house-church in Dura-Europos, p. 112.

⁹³ KRAELING, C. The Christian Building, p. 5.

construído com telhas e entulho e arqueado na frente e nas laterais.⁹⁴ As colunas de entulho o sustentavam em direção ao interior do cômodo e as pilastras em direção à parede contra a qual o baldaquino está posicionado.

Esse cômodo foi transformado para propósitos religiosos, ao se observar a instalação maciça na extremidade oeste da sala, que se utilizava como uma espécie de fonte batismal cristã. A sala-batistério era o único cômodo da igreja doméstica adornado com pinturas. Nesse ambiente destacava-se a bacia para os ritos batismais na extremidade oeste da sala e, em cima, havia um baldaquino pintado.

As pinturas eram de caráter decorativo: as colunas eram pintadas imitando um mármore colorido, o arco adornado com motivos florais e frutas, a abóbada representava as estrelas do céu contra um fundo azul. Segundo o arqueólogo C. Kraeling, na parte oeste, onde existia a mais importante instalação de culto e onde também se localizava a única sala decorada com pinturas murais, todas as características essenciais estão definidas, até mesmo em elevação, e a preservação é relativamente boa, graças aos emboços nos quais as paredes foram enterradas e pelos quais foram protegidas⁹⁵.

O piso pavimentado desse cômodo ficava apenas um pouco acima do nível do pátio e o teto baixo era fixado em não mais do que dois terços da elevação das paredes da casa proporcionando espaço acima para uma câmara superior. A sala, em sua extremidade leste, tinha um banco baixo de entulho revestido de gesso e, anexado à parede sul, entre as duas portas, uma saliência ou mesa similarmente construída.

Na parede entre as portas havia um nicho com cabeça redonda. As paredes, o teto e o baldaquino sobre a bacia foram pintados. As paredes eram com representando eventos e personagens bíblicos, porém, o teto e o dossel com desenhos decorativos. A sala em si era elegante, simbólica, litúrgica e mistagógica em oposição com a simplicidade, sem adornos, dos outros ambientes do edifício.

De acordo com as descrições de C. Kraeling, acreditava-se que a porta do pátio tenha sido o principal meio de acesso ao batistério durante o uso

⁹⁴ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 5.

⁹⁵ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 26.

cristão do local.⁹⁶ A porta era emoldurada com simples batentes. No batente da porta esquerda (oeste), um grafite havia sido inscrito no período cristão, aclamando o Deus único no céu.⁹⁷

Na parede que emoldura o pátio ao norte havia duas outras aberturas entre a pequena porta do batistério e a abertura em arco do vestíbulo. Ao leste havia uma porta que acessava a escadaria cujos sucessivos degraus, dispostos em torno de uma pilastra central, preenchiam a escadaria e levavam ao batistério e, em geral, ao telhado do edifício. A que está voltada para o oeste era um arco que se abre sobre um aposento ou armário formando uma área de subida e descida da escada.

A parede do batistério era adornada com composições figuradas de caráter simbólico: na parte superior do painel encontrou-se a representação mais antiga existente da caminhada sobre as águas,⁹⁸ de acordo com C. Kraeling. Constataram duas figuras caminhando em primeiro plano, Jesus e Pedro, enquanto os discípulos assistem a cena desde a barca. Os quatro discípulos que são preservados ficam boquiabertos, maravilhados, levantando os braços de espanto ou oração.⁹⁹ Na versão metana o discípulo de Jesus, Simão Pedro, deixa o barco para caminhar ao encontro de Jesus.

Segundo o arqueólogo M. Rostovtzeff, as duas imagens co-existem, a cura do paralítico e o milagre do lago, como uma excelente ilustração da dúvida e da fé.¹⁰⁰ Ele afirma que, em ambos os episódios, a figura de Cristo desempenha um papel principal; no primeiro, Cristo realiza o milagre da cura; no segundo, Cristo estende sua mão direita para ajudar Pedro. A composição dos dois quadros é livre e realista.¹⁰¹

De acordo com a descrição de C. Kraeling, escrevendo sobre o traçado de pintura da cura do paralítico, afirma que Cristo curou um homem que estava doente há trinta e oito anos¹⁰² e, ainda, a história narra os anos de sofrimento do homem e o desejo de ser curado pela água.¹⁰³ O paralítico e

⁹⁶ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 26.

⁹⁷ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 26.

⁹⁸ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 87.

⁹⁹ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 88.

¹⁰⁰ ROSTOVITZEFF, M. *Dura-Europos and its art*, p. 131.

¹⁰¹ ROSTOVITZEFF, M. *Dura-Europos and its art*, p. 131.

¹⁰² KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 93.

¹⁰³ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 93.

Pedro simbolizam um modelo para os batizados, pois apesar do poder da água, eles devem manifestar fé no poder de Jesus, o Senhor das águas.

Entre outras palavras, a cena da cura do paralítico e da caminhada sobre as águas tornou-se o apontamento espiritual para o perdão e a fé como fatores na compreensão adequada do batismo na literatura batismal cristã oriental.¹⁰⁴ Segundo a tradição paulina, o afogamento batismal significava uma participação ritualizada no mistério da morte e ressurreição de Jesus. Possivelmente, as imagens pintadas tinham a intenção de transmitir aos batizados as ideias espirituais de conversão e redenção, o principal mistério da religião cristã.

Além disso, encontrou-se a figura majestosa do Bom Pastor, perto de seu rebanho, que ocupava a parte superior do painel no batistério. O pastor em Dura carrega um carneiro em seus ombros, e seu rebanho caminha à sua frente para a direita.¹⁰⁵ Segundo Johannes Quasten “o bom pastor tinha um lugar de destaque na liturgia cristã primitiva, tanto no Oriente quanto no Ocidente”.¹⁰⁶ Abaixo estavam pintados, em escala bem menor, Adão e Eva, a árvore e a serpente. Enquanto a composição da imagem do Bom Pastor é livre e cheia de movimento, a de Adão e Eva é rígida e esquemática. Essas representações das tradições do Antigo Testamento prefiguravam nas primeiras comunidades a mistagogia do batismo em Cristo e a nova vida.

No batistério de Dura-Europos encontrou-se ainda duas emblemáticas representações mistagógicas: uma mulher no poço e três mulheres em procissão com tochas na mão. Destacam-se três elementos na cena: no primeiro caso, uma mulher, uma corda e um poço e, no segundo caso, o grupo de mulheres, as tochas e os vasos para a unção. A intuição mistagógica do espectador consiste em envolver-se com o mistério trinitário da fé da mesma forma que as mulheres estão envolvidas com o mistério do Senhor das águas.

O batistério cristão da cidade de Dura-Europos carrega a transitoriedade teológica espiritual entre diversas cenas bíblicas específicas. O iniciado é aquele que fora conduzido pelo Cristo Bom Pastor e mergulhado nas águas refrescantes do novo nascimento, assim, pois, abandona sua condição velha,

¹⁰⁴ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 98.

¹⁰⁵ KRAELING, C. *The Christian Building*, p. 100.

¹⁰⁶ QUASTEN, J. *Ancient Christian Writers*, p. 18.

antiga, puramente condenável, sua condição decaída. As águas verdejantes do Bom Pastor abrem as portas ao iniciado para o paraíso para onde se caminha com tochas elevadas nas mãos até o dia do encontro com Senhor da luz.

Desde as mais antigas comunidades cristãs, observamos a relevância litúrgica e sacramental do espaço de celebração. A edificação doméstica de Dura-Europos foi transformada em lugar de culto mais proeminente das primeiras comunidades cristãs. Esse espaço dos cristãos era um lugar estratégico convertido para a iniciação dos interessados. Um pequeno cômodo tornou-se o lugar mistagógico iniciático e em suas paredes apresentavam a literatura da fé com as suas representações bíblicas. A casa religiosa dos cristãos em Dura-Europos é um patrimônio cultural, arqueológico e teológico.

De modo geral, as igrejas domésticas dos tempos apostólicos são ornadas de elementos mistagógicos. O lugar da Palavra, o lugar da Eucaristia e a fonte batismal transbordam a realeza cristã e representam a imagem da comunidade que comemora a história passada, presente e futura do cristão. O espaço litúrgico, em sua magnitude, é o lugar onde se realiza o sacerdócio cristão, porque os iniciados têm necessidade de igrejas onde se deve aprender a adorar a Deus em espírito e verdade.

Além da edificação religiosa de Dura-Europos, descobriram-se novos lugares que se transformaram em espaços de culto cristão. Em Roma, por exemplo, as reuniões litúrgicas se realizam em casas sem modificação em aparência externa. Uma dessas casas religiosas se encontra no Monte Célio, no subterrâneo da atual Basílica São João e Paulo. Dessa edificação cristã, estão perfeitamente conservadas as paredes e o teto. As representações do teto com folhas de videira são relacionadas com a imagem de Cristo como a “verdadeira videira” (Jo 15, 1-6). A videira e os ramos representam o vínculo espiritual e a dependência de Cristo que se realiza entre a comunidade cristã e o Ressuscitado. Encontrou-se também a gravura, próximo a porta central, do ser orante de braços elevados que simbolizava a Igreja elevando suas orações a Deus e a atitude acolhedora da comunidade para os seus novos membros.

Ainda em Roma, na Basílica de São Clemente, descendo abaixo da igreja atual, entra-se em uma igreja do século IV que contém alguns dos mais belos afrescos medievais do mundo, datados dos séculos VIII ao XI. A igreja foi construída sobre uma *domus ecclesia* onde os cristãos se encontravam para

as reuniões de oração, até o ano de 313. Descendo ainda mais, chega-se à área do século I com seu templo mitraico e, atravessando um beco estreito, a um grande edifício público, ao redor de cujas fundações correm as águas perdidas da Roma antiga.

Além do batistério cristão de Dura-Europos com suas pinturas mistagógicas, diversas são as tipologias que encontramos de batistérios em todos os territórios cristianizados. Cabe destacar o caso de Milão, onde Santo Ambrósio criou o modelo de batistério de planta octogonal, o qual alcançou uma notável difusão no norte da Itália e na Provença. A forma octogonal, promovida por Santo Ambrósio, resulta uma variante da circular. O número oito é sagrado, aludindo esta forma simbolicamente ao ciclo judaico dos sete dias da criação que se conclui com o repouso do sábado, o cristianismo começa a semana no domingo, oitavo dia da primeira criação e primeiro da nova, começada com a ressurreição de Cristo.

Enfim, a imersão, costume nas comunidades primitivas, exigia uma pia batismal com certa profundidade, e o costume de realizar batismos em ocasiões solenes necessitava de um espaço considerável para a recepção dos numerosos neófitos. O espaço celebrativo inicialmente não tinha uma atribuição de sacralidade como nos tempos atuais. A sacralidade litúrgica por excelência consistia na assembleia reunida.

Assim afirmou Bento XVI em sua exortação apostólica *Sacramentum Caritatis*, “a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis (ecclesia), que são as pedras vivas do templo (1Pd 2,5)”.¹⁰⁷ Por isso, o espaço litúrgico para as comunidades primitivas, além da sua dimensão celebrativa, era lugar da diaconia e do anúncio da Palavra, tarefas fundamentais na vida cristã.

¹⁰⁷ BENTO XVI, PP. *Sacramentum Caritatis*, 41.

3

Hermenêutica patrística mistagógica das pinturas do Batistério de Dura-Europos

3.1.

O itinerário processional das Virgens Prudentes

A parte principal do batistério do edifício cristão em Dura-Europos era ocupada na metade inferior por uma única cena pintada parcialmente preservada: uma procissão de mulheres em direção a uma grande estrutura branca.¹⁰⁸ Nas pinturas encontradas na parede leste se poderia visualizar os pés de cinco mulheres caminhando para a esquerda. A procissão era composta por um grupo de mulheres carregando tochas e tigelas, tanto do lado de fora quanto do lado de dentro de uma porta,¹⁰⁹ ou seja, a procissão em si pode comunicar o modo de eventos rituais e comportamentos esperados dos participantes.¹¹⁰

As mulheres peregrinas seguravam tochas com a mão direita e um vaso para a unção com a mão esquerda, carregado na altura do ventre feminino. Elas estavam vestidas com roupas brancas e caminhavam em direção a um objeto branco em forma de caixa. “Por que as mulheres estão carregando tochas? Por que elas estão vestidas de branco? Para o que elas estão processionando? Elas deveriam representar uma narrativa bíblica ou retratando uma ação ritual na sala?”.¹¹¹ Cabe então considerar que o itinerário das mulheres pintadas no batistério de Dura-Europos era o indicativo do percurso que o iniciado deveria trilhar.

A tradição arqueológica teológica quis interpretar a cena pintada das mulheres processionais na parede do batistério relacionando-a com o episódio bíblico das mulheres virgens que saíram ao encontro do noivo. Assim, nota-se, em destaque, o caráter comunitário da pintura na parede, ou seja, a vida comunitária era essencialmente o lugar da iniciação cristã e o elemento sacramental para as primeiras comunidades cristãs siríacas. O evangelista Mateus narra o episódio dizendo que cinco eram insensatas e cinco prudentes. As insensatas, ao pegarem as lâmpadas, não levaram azeite consigo, enquanto as prudentes levaram vasos de

¹⁰⁸ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 111.

¹⁰⁹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 116.

¹¹⁰ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 112.

¹¹¹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 111.

azeite com suas lâmpadas (Mt 25,1-2). As virgens deveriam estar prontas para participar do cortejo nupcial. O relato não se detém na descrição do cerimonial das núpcias. Tampouco menciona as características da noiva.

Hilário de Poitiers, em seu comentário sobre evangelho de Mateus, afirma que os candidatos da iniciação são comparados àqueles que se preparam para ir ao encontro da vinda do Senhor e das promessas de Deus. Segundo Hilário, as virgens prudentes são as almas que, aproveitando o momento favorável, durante o qual estão em seus corpos para praticar boas obras, se preparam para ir primeiro ao encontro da vinda do Senhor.¹¹² Em termos mistagógicos, o rito batismal é o primeiro encontro pessoal com o Senhor Jesus realizado em comunidade de fé.

Segundo o teólogo biblista Fabris, “na tradição da Igreja primitiva, a parábola deve ter sido aplicada à expectativa cristã da vinda do Senhor. Alguns elementos alegóricos, como a identificação do noivo com o Cristo e da sala nupcial com o Reino”.¹¹³ Dessa maneira, os iniciados na comunidade cristã siríaca tornavam-se aqueles que esperavam a vinda do Senhor, ou seja, eram comparados, segundo Fabris, com os contemporâneos de Noé e da parábola do senhor da casa (Mt 24,36-44) no qual ressoa o mesmo apelo: vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem à hora.¹¹⁴ Portanto, a centralidade da iniciação a vida cristã siríaca consistia na expectativa comunal e conjugal com Cristo.

Em seguida, Hilário afirma, que “as néscias, por outro lado, são as almas que, relaxadas e negligentes, se preocuparam apenas com as coisas presentes, e esquecidas das promessas de Deus, não se estenderam à esperança da ressurreição”.¹¹⁵ É provável que nas comunidades primitivas cristãs orientais tinha-se a ideia de que o percurso de purificação e da prática de boas obras era uma condição mistagógica para se identificar como membro da comunidade.

Assim sendo, a comunidade cristã primitiva siríaca idealiza em suas pinturas uma comunidade com caráter processional, litúrgica e mistagógica, ou seja, configurava-se como uma comunidade que caminhava com suas tochas iluminadas pela fé em direção ao encontro nupcial com o Senhor. Ora, cada batizado simbolicamente carregava a sua tocha da fé ao encontro da vinda do Senhor.

¹¹² HILÁRIO DE POITIERS. *Commentario a Matteo*, 27,5.

¹¹³ FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 365.

¹¹⁴ FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 365.

¹¹⁵ HILÁRIO DE POITIERS. *Commentario a Matteo*, 27,5.

Para tanto, Jerônimo apresenta uma interessante hermenêutica mistagógica da parábola das virgens. Em seu comentário ao texto da parábola, afirma que

A parábola das dez virgens loucas e prudentes é interpretada por alguns simplesmente em relação às virgens, das quais umas, segundo o Apóstolo, são virgens de corpo e de espírito; e outras guardam a virgindade somente de corpo, mas não possuem nada mais; ou, guardadas sob a custódia de seus pais, casaram-se, não obstante, em seu espírito. Mas parece-me, pelo que foi dito acima, que é outro o sentido, e que não pertence esta comparação à virgindade corporal, mas a todo o gênero humano.¹¹⁶

Para Jerônimo, as mulheres virgens loucas e prudentes representam a criação, a história humana, o gênero humano e a Igreja em sua inteireza e largueza. Não se trata de uma noção puramente materialista da vida, mas da consciência de fé daquilo que é necessário ou da carência da realidade humana.

Nessa mesma vertente, Gregório Magno descrevia que a Igreja participa de uma realidade humana incompleta. Ele interpretou a parábola das mulheres virgens com uma perspectiva eclesiológica que está a se cumprir. Gregório afirma que a Santa Igreja é declarada semelhante às dez virgens, pois nela ainda estão misturados os maus com os bons, os réprobos com os eleitos, de modo que apropriadamente é designada semelhante às virgens prudentes e loucas.¹¹⁷ A representação das dez virgens na parede do batistério em Dura-Europos apresentava aos iniciados a universalidade e a organicidade da Igreja.

O relato mateano afirma que as mulheres virgens que estavam prontas, quando o noivo chegou, entraram para o banquete de núpcias. E, fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram às outras mulheres virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. Ele então respondeu: “Em verdade vos digo: não vos conheço. Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora” (Mt 25,5-13). Ora, as dez virgens sinalizam para a completude espiritual que se realizara na vida do iniciado. O iniciado ao ser mergulhado nas águas batismais é configurado para uma virgindade integral, ou seja, para uma nova identidade generativa em Cristo.

Segundo a compreensão mistagógica de Agostinho, as virgens são aquelas pessoas que têm fé universal e, vigilantes, buscam praticar boas obras. A economia salvífica de Deus é simbolizada pelas cinco virgens que eram insensatas

¹¹⁶ JERÔNIMO, Comentário Bíblico, p. 757.

¹¹⁷ GREGÓRIO MAGNO. *Commentario a Matteo*, 12, 1.

e cinco prudentes. Devemos entender que esta parábola se refere a todos nós, isto é, absolutamente a todos quanto a Igreja, não apenas aos superiores, de quem falamos ontem, nem apenas aos fiéis leigos, mas a absolutamente todos.¹¹⁸

Ainda, diz Agostinho, que as virgens, cinco prudentes e cinco tolas, são absolutamente todas as almas dos cristãos.¹¹⁹ Além disso, Agostinho agarra-se a uma ideia moral da narrativa bíblica, ou seja, as virgens são a representação do itinerário espiritual e moral do cristão. “Elas não são almas de espécie alguma, mas as almas que banem a fé católica e são vistas praticando boas obras na Igreja de Deus, e ainda assim cinco delas são prudentes e cinco tolas”.¹²⁰

Segundo Hilário de Poitiers, “ou o esposo e a esposa são nosso Senhor, Deus encarnado: pois, para o espírito, a esposa é a carne. As lâmpadas que tomaram são a luz das almas que resplandecem pelo sacramento do batismo”.¹²¹ O batismo é a iluminação realizada pelo mistério de Deus na vida do cristão. Dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. “Cinco eram insensatas e cinco, prudentes” (Mt 25,1). Para Hilário, a iniciação batismal configurava a união esponsal com a pessoa de Jesus, ou seja, cada batizado torna-se membro ativo no corpo esponsal de Cristo. Certamente, a comunidade cristã primitiva em Dura-Europos pretendia comunicar essa compreensão teológica na pintura das mulheres processionais no batistério.

Hilário afirma que o azeite é o fruto das boas obras; os vasos são os corpos humanos, em cujas entranhas devem esconder-se o tesouro da boa consciência.¹²² Os corpos que portam o óleo são considerados consagrados em acolher a missão do Ressuscitado. Gregório Magno tem uma compreensão semelhante a de Hilário, ao afirmar que as mulheres virgens têm lâmpadas, mas nem todas têm azeite, e assim segue: as cinco loucas, tomando as lâmpadas, não levaram azeite consigo; as prudentes, porém, levaram azeite nos seus vasos juntamente com as lâmpadas.¹²³ Gregório ao afirmar que as mulheres carregam lâmpadas significa compreender que o mistério da salvação é universal, ora dado para todo iniciado.

Dessa forma, representar o corpo feminino com vasos nas mãos nas paredes de um batistério simbolizava a admissão espiritual da remissão divina por meio do

¹¹⁸ AGOSTINHO. *Discorsi*, 93, 2.

¹¹⁹ AGOSTINHO. *Discorsi*, 93, 2.

¹²⁰ AGOSTINHO. *Discorsi*, 93, 2.

¹²¹ HILÁRIO DE POITIERS. In *Matthaeum*, 27.

¹²² HILÁRIO DE POITIERS. In *Matthaeum*, 27.

¹²³ GREGÓRIO MAGNO. *Commentario a Matteo*, 12.

mistério da Ressurreição. Ser ungido é tornar-se imerso no mistério do Ressuscitado. Por sinal, as mulheres segundo os evangelhos sinóticos foram as primeiras visitadoras do sepulcro vazio e primeiras receptoras do mistério do Ressuscitado. O diácono Efrém, ao descrever em seu hino o sentido espiritual do óleo batismal, afirma que

Quando se é ungido e assinalado no batismo, os corpos são ungidos com óleo santo para serem purificados. O óleo, fonte de cura, une-se ao corpo, fonte de doenças, porque o óleo destrói as faltas, como o dilúvio. O óleo acompanha com o seu amor aquele que mergulha. O óleo, que por sua natureza não pode ir ao fundo, une-se ao corpo que é mergulhado, e, ao emergir, traz do fundo um tesouro de riqueza. O óleo dá a unção aos altares, para que estes sustentem o sacrifício de reconciliação.¹²⁴

Assim dizendo, o ungido, o Cristo Jesus, vem untar a nossa humanidade com o óleo da revelação e da divinização. O iniciado é esfregado com óleo da iluminação. Orígenes afirma que as prudentes, pois, tomaram este azeite, que lhes foi suficiente, mesmo que tenham atrasado a saída e que o Verbo tenha demorado em realizar a consumação de suas vidas.¹²⁵

Em seguida, Orígenes, em seu comentário sobre a parábola de Mateus, considera que o azeite é a palavra da doutrina que enche os vasos das almas; pois nada conforta tanto como o discurso moral, que se denomina azeite da luz.¹²⁶ Entende-se que portar processionalmente o vaso de óleo significa pretender ser ungido com o ensino da Igreja, ou seja, com a palavra de Deus e a palavra da doutrina. “Os ungirei com o unguento da fé, pelo qual se libertarão da corrupção, e lhes revelarei a figura da justiça, pela qual poderão subir até Deus”,¹²⁷ afirma categoricamente Clemente de Alexandria.

Contudo, continua Orígenes, ao dizer que as loucas tomaram as lâmpadas, inicialmente acesas; mas não tomaram azeite suficiente para durar até o fim; foram negligentes em receber a doutrina que conforta a fé e ilumina a luz das boas ações.¹²⁸ Orígenes compreende que o carisma dado ao iniciado é a ausência de negligência da fé. O óleo da fé torna-se o combate espiritual, o ordenamento da condição de vida, a purificação de sua natureza decaída e a litania de boas ações.

¹²⁴ EFRÉM. Hino do óleo, 14.

¹²⁵ ORÍGENES. In Matthaicum, 32.

¹²⁶ ORÍGENES. In Matthaicum, 32.

¹²⁷ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Lecionário Patrístico Dominical, p. 603-604.

¹²⁸ ORÍGENES. In Matthaicum, 32.

Agostinho comenta, acerca das lamparinas das virgens com óleo ou vazias, que “por azeite, penso, pode-se significar a própria alegria, segundo se diz no Salmo: ungiu-te Deus com óleo de alegria (Sl 44, 8)”.¹²⁹ Por conseguinte, os que não se alegram porque interiormente agradam a Deus não tem azeite consigo: não tem, pois, alegria enquanto vivem sobriamente, senão com os louvores dos homens.¹³⁰ As prudentes tomaram azeite com as lâmpadas, isto é, puseram a alegria das boas obras em seus vasos, isto é, puseram-se no coração e na consciência.¹³¹ A condição espiritual do cristão consiste, segundo a afirmação de Agostinho, no agradecer, louvar e reverenciar a Deus.

O ser humano é o vaso, o recipiente, no qual se carrega o azeite da luz, da fé, da alegria, ou seja, o óleo das boas obras. Este é o caminho mais sublime, a caridade, que é corretamente simbolizada pelo óleo. Agostinho descreveu alegoricamente que o óleo permanece acima de todos os líquidos. Se você colocar o óleo em um jarro e derramar água sobre ele, o óleo flutuará. Se você o deixar em seu lugar natural, óleo sempre estará por cima. A caridade nunca falhará.¹³² A operação da graça do batismo consiste então na profícua assistência aos mais necessitados, o perdão aos inimigos, o serviço ao próximo e o combate às injustiças. O cristão é aquele capaz de ungir o próximo, o angustiado, o desolado, o enfermo com o óleo da caridade e da salvação.

Além disso, conforme a inspiração agostiniana, carregar o óleo da alegria é colocar no coração o sentido do seguimento do Verbo encarnado e a consciência mística do exercício da caridade e, ainda, a partir das ideias de Orígenes, o cristão é aquele que deleitará em sua vida do óleo da Palavra de Deus: abrir-se-á para receber a doutrina que confirma a sua fé e ilumina sua vida para boas ações. O cristão é ungido pelo óleo da Palavra de Deus e, por consequência, transmitirá com seu ministério a unção recebida pela revelação de Deus.

Na representação do batistério de Dura-Europos notava-se que as mulheres processionais trazem em suas mãos tochas acessas. Nesse quesito, Hilário de Poitiers relaciona a luz das lâmpadas das mulheres virgens com as promessas batismais as quais o iniciado as conjugará em sua vida comum tornando-as obras de fé, ou seja, um tesouro para sua reta consciência. A comunidade primitiva cristã

¹²⁹ AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber, 59.

¹³⁰ AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber, 59.

¹³¹ AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber, 59.

¹³² AGOSTINHO. Discorsi, 93, 4.

siríaca da cidade de Dura-Europos compreende que a iniciação batismal se assemelha a uma lâmpada que precisa do abastecimento permanente com o óleo da fé. Preparem-se as lâmpadas dos sentidos com as belas práticas do Evangelho, propunha Orígenes. Na visão de Orígenes, os exercícios de caridade são semelhantes às tochas que iluminam o caminho do cristão.

Em uma visualização detalhada nas pinturas da parede do batistério poderia se observar os pés de cinco mulheres caminhando para a esquerda. A tradição patrística quis interpretar essa imagem fazendo alusão aos cinco sentidos que se apressam em direção às coisas celestiais e as desejam.¹³³ Sobre o ver, o ouvir e o tatear, “foi dito, de modo particular: o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, o que apalparam as nossas mãos (1Jo 1,1)”.¹³⁴ Sobre o paladar, “foi dito: gostai e vede como o Senhor é bom (Sl 33,9)”.¹³⁵ E, “sobre o olfato: corremos ao odor dos teus perfumes (Ct 1,3)”,¹³⁶ disse Jerônimo. Os sentidos humanos são propriamente um lugar teológico onde se manifesta os gestos sacramentais de Deus.

Em suas catequeses batismais, Cirilo de Jerusalém implora aos candidatos que preparem suas almas para o casamento espiritual. O noivo é rapidamente influenciado onde quer que haja riqueza ou beleza. Não se tratava de uma beleza do corpo, mas da consciência irrepreensível da alma. Em sua catequese dirigida aos candidatos à iluminação, Cirilo escreve que elas carregaram as tochas de uma procissão nupcial e a porta foi deixada aberta para que elas entrassem no casamento. João Crisóstomo interpreta a parábola das virgens também como os dias de um casamento mistagógico. Escreve assim: “venha, deixe-me falar com você como eu falaria com uma noiva prestes a ser conduzida para a sagrada câmara nupcial”.¹³⁷

Sendo assim, ambos os autores cristãos, Cirilo e Crisóstomo, tecem uma compreensão mistagógica acerca da procissão nupcial à meia noite. Portanto, o acontecimento do rito batismal, por exemplo, no cristianismo oriental primitivo significava conversão, unção, iluminação, purificação, regeneração, identificação com o noivo e casamento espiritual de noivas virgens. A leitura da parábola de

¹³³ JERÔNIMO. Comentário bíblico, p. 79.

¹³⁴ JERÔNIMO. Comentário bíblico, p. 79.

¹³⁵ JERÔNIMO. Comentário bíblico, p. 80.

¹³⁶ JERÔNIMO. Comentário bíblico, p. 80.

¹³⁷ JOÃO CRISÓSTOMO. Instruções Batismais, 23.

Mateus com a pintura da cena no batistério sugeriria ao iniciado que, na escuridão da meia noite, o óleo da unção leva à iluminação do casamento batismal.

O sacramento do Batismo na tradição patrísticas, sobretudo com Melitão de Sardes, foi entendido como imagem da realização do fogo do Espírito Santo¹³⁸. O batizado pelo ato sacramental tornava uma coluna resplendente de fogo que aquecia a unidade da comunidade por meio de sua nova participação filial, iluminava as trilhas pelas quais a comunidade de batizados deveria peregrinar e derrotava as forças e as atrocidades dos espíritos demoníacos que poderiam dividir a comunidade de fé.

O rito do batismo era semelhante ao entregar as noivas aos seus noivos na profundidade do anoitecer, ou melhor, refere-se ao entregar o candidato de iniciação às interioridades do mistério de Cristo, o Senhor das águas, o Ungido, o Noivo sacramental. A comunidade primitiva siríaca cristã inspirava-se no episódio bíblico das mulheres virgens em procissão para representar o processo mistagógico da fé aos neófitos. A comunidade cristã primitiva siríaca se entendia peregrina iluminada pelas lâmpadas da fé e ungida pelo óleo da salvação.

3.2.

Pedro caminhando sobre as águas versus o Paralítico de Betesda

No batistério da igreja doméstica em Dura-Europos foram encontradas pinturas de duas passagens neotestamentárias: a representação de Cristo e Pedro caminhando sobre as águas e a cura de um paralítico de Betesda. Segundo o arqueólogo M. Rostovtzeff, as duas imagens co-existem como sinalização da dualidade entre antigo e novo, treva e luz, velha condição e vida nova, pecado e perdão. Devido à proeminência de detalhes, acerca do episódio da cura do paralítico de Betesda, utilizaremos a narrativa escrita pelo evangelho de João.

Segundo o relato mateano (Mt 14, 25-32), Jesus dirigiu-se aos discípulos caminhando sobre o mar. Eles ficaram atemorizados e diziam: é um fantasma. E gritaram de medo. Mas Jesus lhes disse: tenham confiança, sou eu, não tenham medo. Em seguida, Pedro caminha sobre as águas ao encontro de Jesus. Mas, sentindo o vento, ficou com medo e começa a afundar. De fato, Pedro faz a real experiência do senhorio de Jesus sobre os espíritos demoníacos que se acreditava

¹³⁸ MELITO OF SARDEIS. On Pascha, 65-66.

habitar nos mares. Jesus estendeu a mão e o segurou, repreendendo-o: homem fraco na fé, por que duvidaste? Ao subirem ao barco, o vento se acalmou.

O relato joanino afirma que havia uma piscina que, em hebraico, se chama *Bethzata*, com cinco pórticos. Abaixo desses pórticos deitados no chão havia numerosos doentes, cegos, coxos e paralíticos que ficavam esperando o borbulhar da água, para entrar na piscina e serem curados. Jesus viu um homem que estava doente havia trinta e oito anos. Jesus perguntou-lhe: queres ficar curado? O enfermo respondeu: Senhor, não tenho quem me jogue na piscina quando a água é agitada; ao chegar, outro já desceu antes de mim. Disse-lhe Jesus: levanta-te, toma teu leito e anda. O texto afirma que imediatamente “o homem ficou curado, tomou o leito e se pôs a andar” (Jo 5,2-9).¹³⁹

As duas cenas representadas nas paredes do batistério inspiradas nos episódios bíblicos parecem propor uma continuidade mistagógica pelo fluxo das águas ou, talvez, parece indicar-nos a unidade do plano didático mistagógico no conjunto das representações artísticas. Desse modo, a unidade das águas simboliza continuidade mistagógica memorativa entre as duas pinturas. Jesus é o elo que une a figura de Pedro com a figura do Paralítico. Ambos são banhados no mistério de Cristo.

Segundo Peppard, o rio que flui da rocha sustenta a visão do paraíso assim como a memória da água da rocha apoiava as ideias batismais dos primeiros autores cristãos.¹⁴⁰ Portanto, o episódio de Pedro sobre as águas e do paralítico de Betesda ajudavam e inspiravam a compreensão mistagógica do rito batismal pela comunidade cristã siríaca. A Igreja é a fonte nascente de onde fluí as águas para se mergulhar os novos iniciados.

Assim sendo, considera-se então que provavelmente o batistério de Dura-Europos estava povoado pelas imagens de água. A água evocava os quatro braços do rio Éden. Assim como o rio da água viva na visão da Nova Jerusalém.¹⁴¹ Supostamente, quase ausente, a parede sul do batistério apresentava parte do que parecia ser uma cena de jardim, e as pilastras que sustentam a parte traseira do dossel têm um desenho geral de uvas e folhas, como se sustentassem videiras

¹³⁹ Ver também em: Mt 9, 1-2; Mc 2, 3-10; Lc 5, 18-24; At 9, 33-35

¹⁴⁰ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 144.

¹⁴¹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 144-145.

crescendo da pia batismal.¹⁴² Ambas as pinturas, e seus respectivos textos bíblicos, indicam-nos a compreensão teológica e litúrgica da iniciação batismal pelas primeiras comunidades cristãs siríacas.

Tertuliano afirma que os próprios pagãos eram iniciados a certos mistérios por um banho e, inclusive, levavam os seus deuses ao banho. Sendo assim, Tertuliano afirmava que a piscina de Betesda foi mistericamente movimentada por um anjo do Senhor. Este remédio corporal anunciava em figura o remédio espiritual seguindo a lei de que as realidades carnis precedem sempre as realidades espirituais.¹⁴³ Segundo a visão de Tertuliano, o anjo do Senhor, sinal da força poderosa de Deus, curava o espírito, restaurava a vida eterna e destruía a morte pela remissão dos pecados.

Hilário de Poitiers, em seu comentário sobre evangelho de Mateus, ao descrever o episódio de Pedro caminhando sobre as águas, aborda-o em seu sentido mistagógico afirmando que o fato de ordenar a seus discípulos que entrem no barco e atravessem para a outra margem, enquanto ele, despede a multidão e, tendo-a despedido, sobe a montanha, significa que os ordena a permanecer na Igreja e a atravessar o mar, isto é, o mundo, até o momento em que, retornando em seu glorioso advento, ele mesmo dará a salvação a todo o povo, que constituirá o reino de Israel. Ele os libertará de seus pecados e, uma vez liberto, ou melhor, admitido no reino dos céus, dará graças a Deus, seu Pai, e se assentará em sua glória e em sua majestade.¹⁴⁴

Conforme a compreensão de Hilário, os primeiros cristãos sírios quiseram expressar a unidade da Igreja primitiva nas paredes do batistério em Dura-Europos. Ora, a unidade da Igreja fora estabelecida por meio dos ritos de transitoriedade, ou seja, a pintura de Pedro caminhando sobre as águas representa esse atravessamento para as outras margens: do pecado à graça, das trevas à luz, do velho ao novo homem. Atravessar para uma nova realidade libertará a pessoa humana de seus pecados e, uma vez liberto, se constituirá pertencente ao Reino de Deus. Os primeiros autores cristãos consideravam que o batizado é aquele definitivamente admitido no Reino dos céus.

¹⁴² PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 145.

¹⁴³ TERTULIANO. *Il battesimo*, p. 196.

¹⁴⁴ HILÁRIO DE POITIERS. *Commentario a Matteo*, 14, 13.

E, assim, porque Jesus, ao despedir as multidões, subiu a sós ao monte para orar? Para nos ensinar que a solidão e o deserto são bons quando precisamos orar a Deus. Por isso, ele frequentemente vai a lugares solitários e, muitas vezes, passa a noite em oração.¹⁴⁵ Ademais, Crisóstomo reitera que a solidão é a mãe da paz e um refúgio tranquilo, que nos liberta de toda a turbulência.¹⁴⁶ A oração em silêncio era uma prática comum entre os primeiros cristãos batizados da síria. Os exercícios de oração, de penitência, de purificação, de solidão, de distanciamento da vanidade eram componentes integrais na formação da vida cristã na comunidade siríaca.

A vulnerabilidade de Pedro ao caminhar sobre as águas, com o vento dispersador, estar no medo e começar a afundar nas relações vitais, exprime o vazio de experiências sólidas de fé. Pedro, depois de ter superado a maior dificuldade, isto é, andar sobre as águas, assusta-se com o que era menos difícil, isto é, o sopro do vento. Por isso, continua: mas, vendo o vento, teve medo,¹⁴⁷ porque assim é a natureza humana. Crisóstomo, ao escrever sobre o desespero de Pedro, afirma que o medo de Pedro é a marca de uma grande diferença entre o Mestre e o discípulo, mas, ao mesmo tempo, essa relação de liberdade e confiança acalmava seus companheiros.¹⁴⁸

Ambrósio, ao comentar sobre o significado mistagógico do mar, afirma que teria admiravelmente aplicado de modo simbólico o evangelho ao mar. É o evangelho em que Cristo andou. É o evangelho em que Pedro, embora tivesse vacilado ao negar, encontrou na mão direita de Cristo o sustento da fé e a graça de ficar de pé. É o evangelho do qual ele subiu como testemunha. É um evangelho o mar, no qual os apóstolos pescam, ao qual é lançada a rede, que é semelhante ao reino dos céus; é um evangelho o mar, no qual estão figurados os mistérios de Cristo.¹⁴⁹ Jesus é o único capaz de conceder segurança a Pedro e dar-lhe a obra da salvação. Somente Ele é capaz de levantar o paralítico para seguir com a obra da salvação.

Hilário de Poitiers, seguindo a mesma linha de pensamento de Ambrósio, afirma a razão pela qual o Senhor não concedeu a Pedro, que tremia de medo, a

¹⁴⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50, 1.

¹⁴⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50, 1.

¹⁴⁷ JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae in Matthaicum, hom. 50, 2.

¹⁴⁸ JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae in Matthaicum, hom. 50, 2.

¹⁴⁹ AMBRÓSIO DE MILÃO. Examerão. II. 7,17.

força para alcançá-Lo, mas, em vez disso, tomou-o pela mão e o segurou.¹⁵⁰ A razão é a obra da salvação. A razão é o consentimento espiritual do escolhido e iniciado. Ora, o rito batismal é o consentimento de um enlace mistagógico entre o Mestre e o seu iniciado. Segundo o próprio Hilário, somente Aquele que deveria sofrer por todos os homens perdoa pecados, e aquele que se entrega somente pela universalidade dos homens não aceita nenhum parceiro na obra da salvação.¹⁵¹

Por conseguinte, associado à pintura de Pedro caminhando sobre as águas, aparentemente na mesma linha artística mistagógica no batistério cristão, visualizava-se os seguintes movimentos: Jesus em pé apontando para o homem deitado no leito e, em seguida, o homem em pé carregando sobre seus ombros o leito. O imperativo levanta-te, ou seja, queira, pois, estar em pé, não se trata de apenas de uma postura física; é o mesmo verbo grego usado para falar de ressurreição. Os primeiros cristãos sírios, com clarividência, pintaram nas paredes sua fé batismal no mistério da Ressurreição de Jesus. Por meio do rito do batismo iniciava-se na participação ativa no mistério de Cristo Ressuscitado.

João Crisóstomo afirma que, primeiro, o Senhor deu a água que purifica da sujeira corporal e de males que, embora não existam de fato, acreditava-se que existam, como os que vêm de cadáveres corrompidos e da lepra, que são considerados contagiosos.¹⁵² Significa que Ele não curou simplesmente pelo toque das águas, embora isso sempre acontecesse, mas pela descida de um anjo,¹⁵³ ou seja, desejando trazer consigo a graça do batismo, Ele não apenas cura pecados, mas também doenças.¹⁵⁴ João Crisóstomo diz ainda que o sentido mistagógico das águas agitadas no derramamento batismal, que era semelhante ao Senhor dos anjos, pode curar todas as doenças dos batizados, salienta que assim acontece com os batizados, pois não é somente a água que opera, mas quando recebe a graça do Espírito Santo, é então que purifica todos os pecados. Quando o anjo desceu, agitou a água e lhe conferiu o poder de curar, para que os judeus soubessem que, com muito mais razão, o Senhor dos anjos podia curar as doenças da alma.¹⁵⁵

João Crisóstomo, ao se prender a cena do Paralítico, continua dizendo que a superabundância da sabedoria divina, que não apenas cura, mas ordena que ele

¹⁵⁰ HILÁRIO DE POITIERS. In *Matthaeum*, 14.

¹⁵¹ HILÁRIO DE POITIERS. In *Matthaeum*, 14.

¹⁵² JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 35.

¹⁵³ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 35.

¹⁵⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 35.

¹⁵⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 35.

carregue a cama, serve para que se veja que o milagre era verdadeiro e para que ninguém acredite que o que havia acontecido era falso.¹⁵⁶ Ora, carregar a cama indicava a cura física e o reinício da socialização. Apenas uma pessoa foi curada após a agitação das águas de modo que aprenderam que doenças corporais eram curadas pela água. Para os primeiros cristãos siríacos, as doenças eram curadas pelo poder dos ritos batismais

Dessa forma, também se acreditava que as doenças espirituais poderiam ser curadas por meio da água. Inclusive o bispo Gregório de Nazianzo afirma que Jesus sai das águas, elevando consigo o mundo que estava submerso, e vê que abrirem-se os céus de par em par, que Adão tinha fechado para si e sua posteridade.¹⁵⁷ Referindo-se ao emergir de Jesus das águas do Jordão, Gregório sinaliza que se emerge e se levantam os sinais redentores nos batizados.

Segundo João Crisóstomo, se os membros não fossem fortes não teriam conseguido carregar a cama.¹⁵⁸ Todos podem se aproximar do batismo, porque não é um anjo que agita a água, mas o Senhor dos anjos, que faz todas as coisas. E mesmo quando os homens vêm de todo o mundo, a graça não se esgota, mas permanece a mesma.¹⁵⁹ Na mesma linha teológica, de acordo com Agostinho, tudo o que era curado nos membros do corpo eventualmente desaparecia, mas a alma que confessou a fé batismal passava para a vida eterna. Aquele tanque e aquela água parecem-me indicar o povo eleito, porque o nome águas significa povos.¹⁶⁰

Por conseguinte, Agostinho, em seu comentário sobre o episódio da cura do paraplégico, salienta que a unidade da Igreja é instituída pelo mergulho espiritual nas águas do Batismo. Fora dessa unidade, se escolhe afundar-se, dividir-se, separar-se. Pedro quando saiu da barca, deixou a comunidade, isolou-se, se viu sem o apoio de Jesus, sentiu-se amedrontado e afundou-se.

Mas de repente as águas se agitaram, e não se viu quem as agitou. Descer a água uma vez agitada equivale a crer humildemente na paixão do Senhor. No entanto, ali apenas um foi salvo, por tornar conhecida a unidade da Igreja. Depois disso, nenhum dos que vieram foi curado, porque quem

¹⁵⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 36.

¹⁵⁷ GREGÓRIO DE NAZIANZO. *Oratio in Sancta Lumina*, 14-16. 20.

¹⁵⁸ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 36.

¹⁵⁹ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom. 35.

¹⁶⁰ AGOSTINHO. *In Ioannem tract.*, 17.

estava fora da unidade não podia ser curado. Ai daqueles que odeiam a unidade e dividem os homens em partes.¹⁶¹

As comunidades primitivas siríacas expressaram nas paredes do batistério a unidade ontológica e sacramental da Igreja. Ora, para os ritos de iniciação da Igreja primitiva descer a água significava mergulhar profundamente na paixão do Senhor. A unidade da comunidade de batizados é a realização salvífica da paixão do Senhor: “quem crer e for batizado será salvo” (Mt 16,16).

As representações de Pedro caminhando sobre as águas e do Paralítico de Betesda nas paredes do batistério cristão de Dura-Europos indicavam a compreensão dos primeiros cristãos sobre a educação mistagógica da fé. Ora, o que se contemplava pelo olhar místico, se penetrava por meio da celebração do rito batismal.

3.3. As águas refrescantes do Cristo Bom Pastor

Na parede no fundo do arco sobre a bacia batismal no batistério cristão de Dura-Europos encontrou-se a imagem representada do Bom Pastor com uma ovelha sendo carregada nas costas e, ao lado direito, um pequeno grupo ou rebanho de ovelhas. As ovelhas que lideram o rebanho abaixam suas cabeças para pastar, beber água ou ambos.¹⁶² No mais, as águas refrescantes do Bom Pastor ou a restauração da alma que o Salmo 22 retrata como o resultado do cuidado do pastor, ofereceu um pano de fundo bíblico para o encontro ritualizado com a arte.¹⁶³ No mesmo campo visual, na parte inferior, mais propriamente no canto esquerdo da parede, encontrou-se a representação de Adão e Eva.

Desde as mais antigas tradições das comunidades cristãs primitivas era possível constatar o confronto simbólico entre o velho homem e o novo homem. A pessoa humana iniciada na fé se torna uma nova criação em Cristo, onde as coisas velhas passam e tudo se faz novo, o que, portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que como “Cristo que foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, também nós vivamos vida nova” (Rm 6,4).

¹⁶¹ AGOSTINHO. In *Ioannem tract.*, 17.

¹⁶² PEPPARD, *The World's Oldest Church*, p. 100.

¹⁶³ PEPPARD, *The World's Oldest Church*, p. 100.

O primeiro catecismo do catecumenato cristão conhecido como Didaqué ou doutrina dos doze apóstolos ao elencar as nuances litúrgicas acerca do rito do batismo nas primeiras comunidades cristãs afirma “batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em água corrente. Porém se não tiveres água corrente, batiza noutra água e, se não tiveres água fria, em água quente”.¹⁶⁴

O texto da Didaqué cita três possibilidades para se utilizar a água no batismo dos primeiros cristãos: a água corrente fria em rios, lagos, piscinas ou dentro de casa; água corrente aquecida, naturalmente dentro de casa ou batistérios; a aspersão com água. Na falta de quantidade suficiente de uma e de outra, derrama água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.¹⁶⁵ Ademais, o batismo cristão com água se torna, pela virtude da invocação trinitária, princípio e fonte dos dons divinos e da graça para aqueles que se oferecem à salvação da Trindade invocada sobre eles,¹⁶⁶ escreve Orígenes, em seu comentário teológico sobre o Evangelho de São João.

Sendo assim, as águas refrescantes do Bom Pastor são águas de inauguração do mistério da paixão e de regeneração. São águas sacramentais que indicam a eternidade, o mistério, a caridade e a santidade. As águas se transformam em águas refrescantes do Bom Pastor justamente pelo fato das águas primordiais gerarem vida da mesma forma que no batismo as águas podem produzir vida.¹⁶⁷ Nesse sentido, segundo Orígenes, as águas refrescantes do Bom Pastor concede o novo nascimento, a renovação, a imortalidade, a incorruptibilidade, a filiação adotiva, a impassibilidade, a libertação da morte, da escravidão e de todos os males e a experiência da liberdade e a participação nos bens futuros e sublimes.¹⁶⁸

O teólogo africano Tertuliano, esclarecendo o sentido mistagógico das águas refrescantes do Bom Pastor, ao categorizar que Cristo nunca aparece sem a água. Ele mesmo é batizado na água, convidado para as núpcias, é pela água que inaugura o começo do seu poder; quando prega, convida os sedentos a beber a sua água eterna, quando fala da caridade, reconhece como obra de amor o copo de água dado ao próximo.¹⁶⁹ Menciona que o Bom Pastor descansa junto de um poço; caminha sobre as águas; gosta de navegar sobre a água; lava os pés dos seus

¹⁶⁴ DIDAQUÉ, 200.

¹⁶⁵ DIDAQUÉ, 200.

¹⁶⁶ ORÍGENES. Comentario al evangelio de Juan, Livro VI, 33.

¹⁶⁷ TERTULIANO. Il batesimo, 3,4.

¹⁶⁸ ORÍGENES. Comentario al evangelio de Juan, Livro VI, 33.

¹⁶⁹ TERTULIANO. Il batesimo, 631.

discípulos com água.¹⁷⁰ E, de que, os testemunhos em favor do batismo encontram-se até na paixão: quando é condenado à cruz, a água intervém ainda pelas mãos de Pilatos, e, quando é trespassado pela lança do soldado, irrompe água do seu lado.¹⁷¹

As águas refrescantes do Bom Pastor consistem na purificação de todo pecado corporal e no sepultamento da condição mortal humana. São águas mistagógicas, ou seja, refrescantes, misericordiosas, regenerativas, epifânicas, redentoras e salvíficas. Ambrósio, em seu tratado sobre os mistérios, afirma que “a água ali está para banhar o corpo, lavando-o de todo pecado corporal, e nela fica sepultada toda torpeza”.¹⁷² Então, quando “no lenho esteve pregado o Senhor Jesus quando padecia por nós. Como aprendeste no Novo Testamento na aparência da pomba desceu o Espírito Santo, o qual te inspira paz à alma e tranquilidade ao espírito”.¹⁷³

Pelo batismo o gênero humano é introduzido nos mistérios de Cristo, que padeceu por nós, e com o seu esvaziamento integral, resgatou-nos, libertou-nos da escravidão, dando-nos um novo nascimento. Pois todos têm o mesmo sinal: o batismo; há um só pastor, a Palavra de Deus. “Que os maniqueus saibam: o Novo e o Antigo Testamento têm um só pastor e um só redil”,¹⁷⁴ afirmava Teofilato. Para as primeiras comunidades cristãs siríacas aqueles que haviam recebido a graça do batismo jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o “Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima” (Ap 7,16.17).

Além disso, o magistral patrólogo Johannes Quasten ofereceu argumentos persuasivos de que o Salmo 22 tinha um lugar de destaque na tradição e liturgia cristã primitiva, tanto no Oriente quanto no Ocidente, pelo menos nos séculos III e IV. O Salmo 22 devia ser solenemente cantado no curso da procissão da noite pascal que conduzia o novo batizado para a igreja onde ele iria fazer sua primeira

¹⁷⁰ TERTULIANO. *Il batesimo*, 631.

¹⁷¹ TERTULIANO. *Il batesimo*, 631.

¹⁷² AMBRÓSIO DE MILÃO. *Sobre os mistérios*. 8-11.

¹⁷³ AMBRÓSIO DE MILÃO. *Sobre os mistérios*. 8-11.

¹⁷⁴ TEOFILATO. *Evangelho de São João*, p. 147.

comunhão.¹⁷⁵ A meditação repetida deste salmo ressoava como a atividade ritual e simbólica da iniciação cristã das comunidades primitivas.

Basicamente, todas as linhas da redação do Salmo 22 podem ser relacionadas com a iniciação. Desde longa tradição, ele era aplicado à vida catequética e sacramental comunitária. Gregório de Nissa considera que por meio do Salmo 22 o Cristo ensina à Igreja que é preciso, antes de tudo, que tu te tornes uma ovelha do Bom Pastor; é a catequese que te guia para as pastagens e as fontes da doutrina.¹⁷⁶

A metáfora das águas repousantes é literalmente águas de refresco ou descanso, e o mesmo termo para refresco ou descanso era comum para a salvação cristã. Semelhantemente, a restauração da alma era interpretada como conversão ou mudança da alma, com o verbo sendo frequentemente usado no Novo Testamento e na literatura cristã primitiva para a conversão espiritual. Ser conduzido por um caminho (“ele me guia por caminhos justos”) era como as narrativas de salvação eram retratadas e como os cristãos consideravam que estavam tomando o nome de Cristo no rito de iniciação.

Mesmo quando a metáfora principal do Salmo 22 muda de pastor e ovelhas para anfitrião e convidado, ela permanece conectada aos rituais de iniciação. A mesa é preparada para uma refeição e a cabeça é ungida com óleo, como no batismo: “diante de mim preparas a mesa, à frente dos meus opressores; unges minha cabeça com óleo, e minha taça transborda” (Sl 23,5) para que, segundo o escrito de Inácio para Policarpo, o batismo seja como um escudo, a fé como um elmo, o amor como uma lança, a perseverança como uma armadura.¹⁷⁷

Agostinho, em seu comentário mistagógico ao Salmo 22, descreve que nas pastagens que começam a reverdecer, conduzindo-me à fé, colocou-me para me nutrir. Conduziu-me às águas do batismo, onde se desalteram os que haviam perdido a integridade e vigor.¹⁷⁸ Na compreensão agostiniana, as águas refrescantes do batismo são águas que desalteram o poder do mal e da morte. Não temerás o mal e a morte, porque no coração do neófito habitarás o refrigério de Deus. Nas Constituições Apostólicas, para Síria, diz que se santifica a água a fim

¹⁷⁵ DANIELOU, J. *Bíblia e Liturgia*, p. 195.

¹⁷⁶ GREGÓRIO DE NISSA. *Discours Catéchétique*. In: P.G. 46.

¹⁷⁷ INÁCIO DE ANTIQUIA. *Carta a Policarpo*, 6.

¹⁷⁸ AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos*, Sl 22, 2.

de que aqueles que são batizados sejam crucificados com Cristo, morram com ele, sejam sepultados com ele e, finalmente, ressuscitem com ele para a adoção.¹⁷⁹

Dessa forma, Cirilo de Jerusalém dirá que a água ordinária, pela invocação do Espírito Santo, do Filho e do Pai, adquire uma eficácia santificadora.¹⁸⁰ Ao passo que Ambrósio claramente diz que o batizado nasceu da água: nem toda água cura, mas somente a água que tem a graça de Cristo cura. A água é o instrumento, mas é o Espírito Santo quem age. A água não cura se o Espírito Santo não desce para consagrá-la.¹⁸¹ Gregório de Nazianzo escreve que somos com o Cristo pelo batismo para ressuscitar com ele, ou seja, as águas refrescantes do Bom Pastor consistem no poder de lavar a lama interna da vida do gênero humano. Gregório de Nissa afirma que é na água que somos imersos. Ela que é o elemento aparentado com a terra. Realizando essa imersão por três vezes, imitamos por ela a graça da ressurreição.¹⁸² Ele apresenta uma analogia das águas refrescantes com as águas do batismo. Tertuliano também escreve com a mesma toada dizendo que os catecúmenos são abençoados ao sair do banho santíssimo do novo nascimento. Portanto, as águas refrescantes do Bom Pastor são consideradas pelos autores cristãos águas de regeneração e santificação.

Serapião de Themuis, em sua oração litúrgica de consagração sobre as águas batismais, dizia da seguinte maneira: como o teu Filho unigênito desceu as águas do Jordão e as santificou, desça agora a estas águas, para torná-las santas e espirituais, a fim de que os novos batizados não sejam mais carne e sangue, mas espírito.¹⁸³ Serapião compreende fundamentalmente que o Verbo encarnado comunica o Espírito às águas para torná-las espirituais. O banho batismal com as águas refrescantes do Bom Pastor sela a união filial entre o catecúmeno com o próprio Deus, Senhor das águas e das curas.

As águas refrescantes do Bom Pastor são análogas ao túmulo, onde é sepultado o ser humano pecador e, ao mesmo tempo, são o meio vivificante na qual é engendrada a nova criatura,¹⁸⁴ afirma o estudioso dos santos padres, Jean Daniélou. O neófito é inteiramente lavado pelo Bom Pastor das impurezas pelas águas verdejantes. Na realidade, Ele é a água que gera vida nova. Sendo que da

¹⁷⁹ Didascalia et Constitutiones Apostolorum, In: P.G. 7, 43.

¹⁸⁰ CIRILO DE JERUSALÉM. De Sacramentis, 1, 15.

¹⁸¹ CIRILO DE JERUSALÉM. De Sacramentis, 1, 15.

¹⁸² GREGÓRIO DE NISSA. Discours Catéchétique, In: P.G. 46, 586.

¹⁸³ SERAPIÃO DE THEMUIS. In: Antologia Litúrgica, 1412.

¹⁸⁴ DANIÉLOU, J. Bíblia e Liturgia, p. 73.

mesma forma que no nascimento carnal, o seio da mãe recebe um germe, que a mão divina forma-o, do mesmo modo no sacramento do batismo a água se torna um seio para a pessoa que é batizada para um segundo nascimento.¹⁸⁵

As águas refrescantes do Bom Pastor não é meramente uma purificação da imundice aparente ou carnal, mas o compromisso de uma consciência pura perante Deus,¹⁸⁶ ou seja, reconhecemos um só batismo salvador, já que é uma só a morte que resgata o mundo e uma só a ressurreição dos mortos, das quais é figura do batismo.¹⁸⁷ Segundo Basílio, a finalidade sacramental do batismo é abolir do corpo o pecado que produz os frutos da morte e vivificá-lo no Espírito do ressuscitado. O batismo é o sêmen espiritual da iniciação à vida cristã.

O Bom Pastor é quem conduz às verdes pastagens donde se bebe da água da glória eterna: o batismo é um germe de ressurreição.¹⁸⁸ O tema do rebanho ou da agregação à comunidade cristã está assim em relação com a concepção de extrema importância para o batismo, pois é o Bom Pastor que conhece suas ovelhas e as defende dos maus pastores. O batismo é participação no Logos encarnado, ou seja, sinal de pertencimento na comunidade daqueles que merecem a deificação¹⁸⁹ e a chave para o reino de Deus.

A ovelha banhada nas águas refrescantes salvíficas do Bom Pastor está, portanto, no mesmo abrigo onde ficam as que foram assinaladas com a mesma marca indicando que elas pertencem ao mesmo mestre.¹⁹⁰ A vida cristã nas comunidades primitivas siríacas consistia em participar integralmente do rebanho do Bom Pastor iniciado no batismo, como a prefiguração do céu, para onde se peregrina unidos aos nossos irmãos e irmãs.

3.4.

O encontro mistagógico entre a Samaritana e Jesus

A mulher samaritana é uma das mais emblemáticas personagens bíblicas pintadas nos murais do batistério cristão em Dura-Europos. Segundo Peppard, na parede sul, perto da pia batismal, vê-se uma mulher curvada sobre o poço. Ela está segurando a corda de seu recipiente de água e olhando para o observador, ou

¹⁸⁵ TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Les homélies, XIV, 9.

¹⁸⁶ BASÍLIO DE CESAREIA. In: Antologia Litúrgica, 1514.

¹⁸⁷ BASÍLIO DE CESAREIA. In: Antologia Litúrgica, 1514.

¹⁸⁸ BASÍLIO DE CESAREIA. De baptismo libri duo, PG 31, 1513.

¹⁸⁹ PSEUDO DIONÍSIO. La hiérarchie celeste, 400.

¹⁹⁰ TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Les homélies. XIII, 17.

talvez por cima do ombro.¹⁹¹ Os mais variados estudiosos identificaram nessa mulher curvada sobre o poço a ilustre personagem bíblica da mulher samaritana.

“Uma mulher samaritana chegou para tirar água” (Jo 4,7). João Crisóstomo categoricamente afirma que é para notar que a samaritana foi buscar água por causa do calor.¹⁹² Ela está em postura dialógica com Jesus que está sentado ou de pé perto do poço. João Crisóstomo afirma que Jesus não sentou num trono, ou sobre almofadas, mas simplesmente sobre a terra, no estado em que esta se encontrava.¹⁹³

O encontro relacional entre Jesus e a Samaritana simboliza que a carne humana está sendo revestida com o profundo sentido da salvação. Jesus, sendo a si onipresente, cumpria-lhe revestir-se a si mesmo de uma carne visível, que viesse a nós,¹⁹⁴ afirma Agostinho, em seu tratado sobre o evangelho de João. Desse modo, a mulher samaritana é surpreendida pelas palavras e gestos de Jesus, conforme descrito na primeira parte do relato joanino.

Uma mulher samaritana veio tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber, pois os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida. A mulher samaritana lhe disse: Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber, a mim, que sou samaritana? Pois os judeus não se comunicam com os samaritanos. Jesus respondeu: Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe terias pedido, e ele te teria dado água viva. A mulher lhe disse: Senhor, tu não tens com que tirar água, e o poço é fundo. De onde, pois, tiras água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo, seus filhos e seus rebanhos beberam? (Jo 4,7-12).

A mulher no poço pintada no batistério de Dura-Europos é relacionada pelos padres da Igreja com a mulher samaritana e, por conseguinte, diretamente com os ritos de iniciação batismal. A sede da mulher do poço é o apontamento da sede que os convertidos manifestam de Jesus. A sede de Jesus é a manifestação da realização de sua divinização naqueles que beberem da água batismal. Agostinho afirma que Jesus tinha sede da fé daquela mulher como o tem da fé de todos os

¹⁹¹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 156.

¹⁹² JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Ioannem*, hom., 30.

¹⁹³ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae In Ioannem*, hom., 30.

¹⁹⁴ AGOSTINHO. *In Ioannem tract*, 15.

homens por quem fez correr o próprio sangue.¹⁹⁵ Orígenes escreve que a verdade é que a graça divina não se derrama sobre aqueles que não a procuram.¹⁹⁶

Prosseguindo no texto joanino, Jesus respondeu e disse-lhe: “Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. A água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. A mulher lhe disse: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui tirá-la” (Jo 4,13-18).

O mais antigo exemplo do uso do termo água viva entre os padres da Igreja é de Inácio de Antioquia, em sua carta aos Romanos, na qual ele declara que tendo seus desejos naturais realizados, resta apenas a água que vive e fala nele instruindo-o ir a Deus Pai. Ou seja, o significado tipológico da água que a mulher retira do poço provavelmente representa a revelação que se recebe de Cristo por meio do banho batismal. A verdade de Deus, a água que pronuncia, é o que o iniciado recebe na realização do batismo na água.

Embora, na composição da pintura da mulher do poço não apareça a imagem pintada de Cristo, é Ele o verdadeiro mestre que dialoga e a água viva que se revela na vida do iniciado. Desse modo, afirma Efrém: “Bebei da água viva do Senhor, pois ela brotou para vós (cf. Is 12,3). Vinde, vós todos que tendes sede (cf. Is 55,1), recebei a água que sacia. Repousai junto da fonte do Senhor, pois é bela e pura; ela acalma a alma”.¹⁹⁷ Agostinho, então, concorda com Efrém ao dizer que Jesus revela que não havia pedido a água que a mulher compreendeu, mas que tinha sede da fé dela e desejava conceder-lhe o Espírito Santo. Entendemos perfeitamente por água viva o que é um dom de Deus, como Ele mesmo diz: Se conhecesses o dom de Deus.¹⁹⁸

Orígenes, em seu comentário sobre o encontro mistagógico entre Jesus e a samaritana, afirma que em sentido espiritual, a fonte de Jacó são as Escrituras Sagradas; pois aqueles que nelas são instruídos bebem delas como Jacó e seus filhos. E os simples e ignorantes bebem delas como os rebanhos de Jacó.¹⁹⁹ Acolher o mistério de Deus pelo processo de iniciação batismal consiste em

¹⁹⁵ AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber, q. 64.

¹⁹⁶ ORÍGENES. In Ioannem, tom. 14.

¹⁹⁷ AUTOR DESCONHECIDO. Odes de Salomão, 30.

¹⁹⁸ AGOSTINHO. Lib 83, quaest. 84.

¹⁹⁹ ORÍGENES. In Ioannem, tom., 14.

experimental o frescor divino que infunde nas almas²⁰⁰ a ação purificante do Senhor das águas, o Bom Pastor.

O evangelista João relata a palavra de Jesus: “todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. A água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. A mulher lhe disse: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui tirá-la” (Jo 4,13-18). Jesus realiza a promessa profética oferecendo água mistagógica que “parece antes simbolizar a doutrina vivificadora trazida pelo Cristo. Em todo caso, a água viva será o símbolo da felicidade sem fim dos eleitos, conduzidos às pastagens abundantes pelo Cordeiro (Sl 22; Ap 7,17; 21,6)”.²⁰¹

Agostinho, acerca desses breves versículos, escreveu: "Minha alma está inquieta enquanto não repousar em ti, meu Deus".²⁰² Segundo o teólogo E. Rixen, pesquisador dos textos dos santos padres, afirma que o “beber da água viva significa saciar-se do amor de Deus e da sua Palavra”.²⁰³ O próprio salmista afirma: "Ó Deus, tu és o meu Deus, por ti madrugo. Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada e sem água" (Sl 63,2) e "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando voltarei a ver a face de Deus?" (Sl 42,3).

A mulher samaritana, ao fim, pede o que Jesus ofereceu desde o início. Então, na compreensão da comunidade siríaca, o novo nascimento é sacramentalmente dado pelo batismo. O ato de beber da água refrescante do peregrino da Galileia consiste, conforme Agostinho, em beber da dádiva de Deus,²⁰⁴ ou seja, as propriedades miríficas desta água que mata a sede de uma vez para sempre.²⁰⁵

O encontro mistagógico entre Jesus e a Samaritana revela a abundância do poder do banho batismal e a graça santificante. O rito batismal é a realização do encontro espiritual nupcial entre Cristo e o iniciado. Pelas águas santificadas do batismo, renascemos pela morte e ressurreição de Jesus e recebemos a marca de herdeiros do Reino de Deus, sinal de pertença. “A água é o elemento em que a

²⁰⁰ JOÃO CRISÓSTOMO. In Ioannem, hom. 30.

²⁰¹ X. LÉON-DUFOUR. Vocabulário de Teologia Bíblica, 19.

²⁰² Liturgia das Horas, 2000, p. 257.

²⁰³ RIXEN, E. Itinerário de fé, p. 48.

²⁰⁴ AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber, q. 84.

²⁰⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae in Ioannem, hom. 31.

carne submerge para lavar todo pecado carnal. Aí fica sepultado todo crime”,²⁰⁶ afirma Ambrósio, em seu comentário sobre os mistérios. “Não há mistério da regeneração sem a água”,²⁰⁷ salienta Ambrósio.

Por conseguinte, Agostinho apresenta ainda uma perspectiva eclesiológica do encontro mistagógico entre Jesus e a Samaritana. Ele afirma, em seu tratado sobre o evangelho de João, que a mulher samaritana “representa a Igreja, não justificada, mas já a ser justificada. Os samaritanos eram estrangeiros, embora vivessem pertos; da mesma forma, a Igreja dos gentios viria, distinta dos judeus por origem”.²⁰⁸ O sacramento do batismo, em sua gênese, inaugura a vida cristã que se realiza na comunidade de fé.

Desde os tempos neotestamentários, a comunidade de fé é o lugar onde se concede o germe espiritual e a experiência sacramental. A primitiva comunidade cristã siríaca demonstrou na parede do seu batistério que a figura da mulher samaritana continha certamente um caráter eclesiológico do processo de iniciação. O catecúmeno em sua condição assemelha-se ao processo da mulher do poço que pede à Igreja o banho indelével da salvação.

A comunidade primitiva cristã siríaca de Dura-Europos entendia que a Igreja nasceu do batismo como uma nova criação, como o novo povo messiânico e como o povo da nova aliança, ou seja, para toda e qualquer pessoa humana que nasce de novo, a água do batismo é como seio virginal ou de coabitação, escreve Leão Magno. Em seu quarto sermão no natal, Leão afirma que “o mesmo Espírito que veio sobre a Virgem vem agora à fonte batismal; assim, o pecado, que foi então aniquilado por uma santa concepção, aqui é tirado pela ablução mística”.²⁰⁹

Segundo Agostinho, é a Igreja-Mãe, presente nos santos, porque é a Igreja inteira que gera os cristãos e a cada um deles.²¹⁰ A inscrição pintada da Samaritana no batistério de Dura-Europos considera-se como o seio materno da Igreja. O encontro mistagógico entre Jesus e a mulher samaritana consiste no segundo nascimento de Deus e da Igreja.²¹¹ Enfim, desde os seus inícios a Igreja era vista verdadeiramente como iniciadora.

²⁰⁶ AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os mistérios, 11.

²⁰⁷ AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os mistérios, 20.

²⁰⁸ AGOSTINHO. In Ioannem tract., 15.

²⁰⁹ LEÃO MAGNO. Quarto Sermão no Natal do Senhor, 3.

²¹⁰ AGOSTINHO. Ep. 98 ad Bonifatium, 5.

²¹¹ CIPRIANO DE CARTAGO. De lapsi, 9.

De modo geral, os santos padres também se detiveram na analogia entre a geração natural e a geração sacramental, por exemplo, Teodoro de Mopsuéstia afirma que na geração carnal o seio materno recebe o gérmen, mas é a mão divina que a forma e, no batismo, a água é como um seio para aqueles que nascem, mas é a graça do Espírito que a forma para o segundo nascimento.²¹² Ele ainda, em seus escritos mistagógicos, recorre a ideia da fecundidade espiritual e da maternidade da Igreja, pois a água onde cai aquele que é batizado converte-o em outro totalmente distinto; ora, de mortal que era se transforma em natureza imortal, de corruptível em incorruptível, de mutável em imutável.²¹³

Os relatórios arqueológicos de Dura-Europos realizados especificamente acerca da cena bíblica da mulher no poço ilustrada na parede do batistério cristão mostram-nos surpreendentemente duas linhas tocando as costas da mulher, linhas que se alargam com a distância de seu corpo.²¹⁴ Ainda, segundo Peppard, “elas representam um movimento em direção ao corpo da mulher, como se algo estivesse se aproximando dela ou entrando nela - uma encarnação”.²¹⁵

As duas linhas podem simbolizar traços de conexão entre a divinização concedida pelo rito do batismo ao gênero humano iniciado. As metáforas de batismo, encarnação, nascimento e iluminação eram supostamente entrelaçadas. Possivelmente, a pintura no batistério cristão com seus dois traços simbolizava o entrelaçamento nupcial entre Cristo e sua Esposa. O próprio M. Peppard, especialista em estudos da antiguidade cristã, conclui que nos primórdios do cristianismo “um neófito cristão era selado como um soldado, como uma ovelha, como uma noiva e, com o tempo, como um peregrino”.²¹⁶

Além disso, a pintura do batistério cristão em Dura-Europos interpretada como a mulher samaritana muitas vezes representava a ideia da ritualidade do batismo como arrependimento e purificação do pecado por meio da água viva. As duas linhas que se tocam as costas da mulher no poço podem então mistagógicamente simbolizar uma dualidade teológica: a unidade e a diversidade, a divindade e a humanidade, o pecado e a graça, o Cristo e a Igreja, o velho e o novo homem, a encarnação e a redenção, a conversão e a salvação. Não se

²¹² TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Hom. Cat. XIV, 9.

²¹³ TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Hom. Cat. XIV, 9.

²¹⁴ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 179

²¹⁵ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 180.

²¹⁶ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 190.

encontra essa analogia nas literaturas patrísticas, todavia, pode-se interpretar as linhas de fundo da pintura da mulher no poço como traços que simbolizam o itinerário das águas refrescantes do Bom Pastor, o fluxo das águas agitadas ou as águas sacramentais verdejantes e duradouras da Igreja.

Orígenes, em seu comentário sobre o texto da mulher samaritana, afirma que é possível interpretar, em sentido místico, o poço de Jacó como o todo das Sagradas Escrituras; a água que dá Jesus Cristo figura o mistério que nela se oculta, e que não é dado a todos conhecer.²¹⁷ Orígenes propõe uma interpretação mistagógica do encontro entre Jesus e a Samaritana. Gradativamente a mulher do poço é inserida nos mistérios de Deus. Portanto, possivelmente a comunidade primitiva siríaca pretendia revelar nas paredes do batistério que cada iniciado carrega dentro de si uma fonte de água a emanar, do mesmo Verbo, até a vida eterna.²¹⁸ O sacramento do batismo é iniciação no mistério oculto na vida de Cristo e acesso a verdade íntima das Sagradas Escrituras.

Antes do batismo a pessoa humana encontrava-se em poder dos espíritos impuros e pelo batismo ela foi totalmente confiada e integrada ao projeto salvífico de Deus. O próprio Jesus, que pedagogicamente está ausente na pintura da mulher do poço no batistério de Dura-Europos, é a salvação que age como intermediário, de modo invisível, nos gestos e palavras do rito batismal, em todos os tempos para qualquer iniciado. Assim, mergulhar nas águas batismais simboliza a entronização no conhecimento das Escrituras, com afirma Orígenes.

A pintura da mulher do poço no batistério cristão em Dura-Europos não é apenas uma figuração, um simbolismo, um componente artístico, mas, sobretudo o delineamento da compreensão mistagógica do rito de iniciação. Segundo Basílio, o mar matou o inimigo, o mesmo acontece no batismo; nossa inimizade com Deus é destruída.²¹⁹ As primeiras comunidades cristãs siríacas compreendiam o rito do batismo como a configuração mistagógica na vida de Cristo. Se tu não passas a água, não escaparás à cruel tirania do demônio.²²⁰

Os primeiros autores cristãos destacam o itinerário gradual pelo qual a mulher samaritana vai descobrindo os mistérios do Deus da água viva. Ambrósio diz que o batismo é para nós, sua forma foi instituída para nós, é proposta para a

²¹⁷ ORÍGENES. In Ioannem, tom. 13.

²¹⁸ ORÍGENES. In Ioannem, tom. 13.

²¹⁹ BASÍLIO DE CESAREIA. Tratado sobre o Espírito Santo, 14.

²²⁰ BASÍLIO DE CESAREIA. Tratado sobre o Espírito Santo, 31.

nossa fé.²²¹ O itinerário de fé dos primeiros cristãos sírios consistia possivelmente em um processo de proximidade, intimidade, comunhão, diálogo, experiência, abertura, relação, conhecimento, confissão e testemunho de fé.

Sendo assim, a mulher no poço do batistério cristão de Dura-Europos era a figura para o rito batismal na comunidade siríaca do século III. O ritual do batismo na comunidade primitiva siríaca provavelmente significava a passagem do pecado para a vida, da culpa para a graça, da impureza para a santificação – aquele que passa por esta fonte não morre, mas ressuscita.²²² Pois, todas as vezes que bebes, recebes a remissão dos pecados e te inebrias no Espírito.²²³

Ambrósio de Milão, ao descrever sobre o episódio do encontro mistagógico entre Cristo e a Samaritana, afirma que a samaritana bebe e tem sede; tu, porém, quando bebes, não poderás mais ter sede. Aquilo acontecia em figura; isto, na realidade.²²⁴ Sendo assim, para as comunidades cristãs siríacas participar do rito batismal é constituir-se da realidade integral de Cristo. A vida de Jesus Cristo é vida real na vida comum do iniciado.

Possivelmente, as representações pintadas pelas primeiras comunidades cristãs siríacas visavam expressar o caminho espiritual dos recém-convertidos, os elementos fundamentais do processo de iniciação, a dignidade teológica do rito batismal e a dimensão espiritual da integralidade de novos membros na comunidade de fé. Os cristãos sírios de Dura-Europos se sentiam correspondentes as graças das primeiras comunidades cristãs que “mostrava-se assíduos nos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42-43). O rito batismal sempre foi fundante para a vida cristã.

Orígenes remete o caminho batismal aludindo ao sair da escravidão no Egito, casa da servidão e do pecado. Sair significava o início do caminho espiritual na vida cristã. Se alguém quer receber o batismo, deve sair. Ele carece totalmente das disposições requeridas para se aproximar do batismo.²²⁵ O sair batismal significava lançar-se em direção ao noivo, deitar-se junto ao poço para contemplar o Senhor, retirar-se para o interior da vida de Deus a água vivente e deixar-se ser banhado pelas águas refrescantes do Senhor das águas.

²²¹ AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os sacramentos, 16.

²²² AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os sacramentos, 12.

²²³ AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os sacramentos, 17.

²²⁴ AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os mistérios, 48.

²²⁵ ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, 5.

A mulher samaritana se destaca como uma das personagens bíblicas que os cristãos se utilizam para simbolizar a mistagogia do rito do batismo. Entendia-se que a pessoa humana quando batizada é descida até as águas da morte, a fonte é como uma sepultura, em seguida, ela é reerguida, como espécie mais leve de uma nova condição corporal mística. A mulher do poço no batistério de Dura-Europos indicava para a verdadeira fonte que é o próprio Jesus Cristo. Ele é mistério, é santificação, é temor a Deus, é força do Espírito e operações virtuosas.

Por fim, a mulher no poço do batistério cristão em Dura-Europos representava a mistagogia do movimento do iniciado que irá percorrer o caminho de Jesus. Lentamente se descobria quem era Jesus, ou seja, para saciar-se será preciso crer e, para se crer, será preciso ser iniciado na fonte do batismo. A mulher no poço mistagógicamente representa o despertar e o revestir-se da vida nova em Cristo.

4

Estrutura Litúrgica Mistagógica para a Celebração da Páscoa

4.1.

A Espiritualidade Quaresmal a serviço da Mistagogia Batismal

O Concílio Vaticano II por meio da constituição dogmática sobre a Sagrada Liturgia – *Sacrosanctum concilium* – redescobriu a espiritualidade quaresmal de maneira que a mistagogia batismal tornou-se força sacramental e especial eficácia para alimentar a vida cristã. A espiritualidade quaresmal se coloca a serviço da dimensionalidade teológica da mistagogia batismal que inicia, realiza e confirma, por meio da fé ativa e verdadeira, o acontecimento da nova aliança. É um processo espiritual que nos vai introduzindo no seguimento do Senhor. No seguimento se manifesta a nossa filiação divina.²²⁶

A constituição *Sacrosanctum concilium* compreende que o mistério pascal é o eixo da vida sacramental apresentado no rito batismal como configuração no mistério de Cristo. O rito batismal é a porta da vida e do Reino que Cristo instituiu para que todos possam alcançar a vida eterna. Assim, o batismo é a primeira experiência pascal da pessoa humana, ou seja, a participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo.²²⁷ Essa participação é mediada e atualizada pela participação na mística da liturgia quaresmal. A mistagogia batismal recorda e realiza o mistério pascal uma vez que por ele as pessoas atravessam da condição da morte para a vida.

Os padres conciliares inspirados pela renovação do movimento bíblico, patrístico e litúrgico compreendem a espiritualidade quaresmal teologicamente ligada à mistagogia batismal, pois esta é um manancial de elementos sacramentais e espirituais que vai introduzindo o iniciado no seguimento do Senhor. A mistagogia batismal do tempo da Quaresma ajuda a comunidade a se preparar para a renovação das promessas batismais e a se aprofundar no mistério de Deus recebido da Igreja. O caminho quaresmal desemboca na celebração da Páscoa²²⁸. Não é somente uma preparação para a Páscoa, mas como uma perene iniciação sacramental para o mistério Pascal.

²²⁶ TABORDA, F. Nas fontes da vida cristã, p. 37.

²²⁷ RICA 6.

²²⁸ AUGÉ, M. Ano Litúrgico, p. 191.

Os padres do período patrístico em consonância com a compreensão dos cristãos da comunidade primitiva da cidade de Dura-Europos interpretam mistagógicamente o vínculo sacramental entre a espiritualidade quaresmal e a mistagogia batismal. As pinturas bíblicas nas paredes e as imagens tipológicas usadas pelos santos padres indicam o entendimento da liturgia batismal como um ato sacramental, ou seja, iniciava-se no mistério pascal por meio das representações do mistério batismal e da vida cristã. A visualidade é um meio de revelar e interpretar o mistério de Cristo na vida cristã da comunidade primitiva cristã de Dura-Europos.²²⁹

Segundo o teólogo G. Boselli, a mistagogia é uma ação litúrgica que é capaz de ser epifania do mistério, de modo que a própria liturgia inicia ao mistério. O mistério é revelado quando celebrado, ele se comunica, se dá a conhecer. “É uma ação litúrgica que na realidade é uma ação de Cristo mesmo”.²³⁰ Desse modo, a mistagogia do tempo da quaresma é um método para interpretar a liturgia da iniciação cristã de modo que os mais variados ritos litúrgicos estejam em relação com os eventos de salvação descritos pela Escritura.

A estrutura litúrgica da celebração do Mistério Pascal pretende ser um instrumento de formação para a compreensão da mistagogia batismal. A Liturgia manifesta o sacerdócio de Cristo revelado e entregue a nós em sua Páscoa, presente e ativo hoje por meio dos sinais sensíveis para que o Espírito, submergindo-nos no Mistério Pascal, transforme toda a nossa vida.²³¹ A espiritualidade do tempo quaresmal intensifica, portanto, o processo de conversão e divinização.

Segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, desde as primeiras comunidades cristãs, o tempo da Quaresma era considerado o tempo de preparação imediata para a iniciação sacramental. Eram quarenta dias formando o tempo de retiro quaresmal. Com o início desse itinerário quaresmal, por exemplo, Cirilo de Jerusalém orientava afastar-se de toda ocupação má. Não dizer palavras inconvenientes. Todo esse tempo deverá ser dedicado à preparação ao batismo,²³² escreve o teólogo J. Daniélou.

²²⁹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 39.

²³⁰ BOSELLI, G. *O sentido espiritual da Liturgia*, p. 16.

²³¹ DD 21.

²³² DANIÉLOU, J. *Bíblia e Liturgia*, p. 50.

Nesse tempo, a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que a catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência.²³³ A espiritualidade quaresmal renova a comunidade de fieis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, aos quais os sacramentos de iniciação associam. Ela é inteiramente mistério de morte e de ressurreição de Cristo. Tertuliano acreditava que a eficácia do batismo estava contida na Paixão e Ressurreição de Jesus.

Sendo assim, a estrutura litúrgica do tempo da Quaresma restaurada pelo Concílio Vaticano II dispõe de elementos mistagógicos. Por exemplo, o elenco de textos bíblicos selecionados ajuda na compreensão da mistagogia do rito do batismo. As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação que é um dos temas próprios da catequese quaresmal.²³⁴ As eucologias menores comumente referem-se ao simbolismo do mergulho nas águas batismais. Os formulários de missa, basicamente, do período quaresmal, estão carregados de elementos e gestos mistagógicos batismais.

No domingo, para o Ano A, por exemplo, o Evangelho da Samaritana se destaca por compor elementos da iniciação cristã. A mulher samaritana, segundo o teólogo italiano Bruno Forte, aparece como a “voz do catecúmeno que se abre progressivamente e não sem esforço, para acolher a revelação do Filho de Deus”.²³⁵ Uma hipótese sugestiva é que durante a noite da Páscoa, ao final da leitura integral da narrativa evangélica, os ouvintes catecúmenos ingressavam solenemente ao batistério no qual seriam batizados.

A figura bíblica da mulher samaritana se torna na liturgia quaresmal no atual calendário litúrgico um sinal e exemplo de vida diante do Cristo. O poço simboliza a Igreja que trasborda a água da adoção filial. O rito sacramental realiza o encontro espiritual entre Cristo, o mistagogo, e o catecúmeno, o iniciante. A mulher samaritana representa para a espiritualidade quaresmal a comunidade cristã em oração e em espera escatológica do Senhor. A mulher samaritana pintada em Dura-Europos se tornara o primeiro retrato datável que reformularia a figura do candidato de pecador arrependido para santo arquetípico.²³⁶ Desde as comunidades primitivas, a mulher samaritana é vista como um ícone mistagógico

²³³ RICA 25.

²³⁴ IGMR 97.

²³⁵ FORTE, B. A transmissão da fé, p. 48

²³⁶ PEPPARD, M. The World's Oldest Church, p. 45.

que inspira o catecúmeno a entrar em relação pessoal com Deus em Cristo ou o costume de rezar e invocar a Deus.²³⁷

Igualmente, no prefácio do terceiro domingo da Quaresma, no qual se lê o Evangelho da Samaritana, a comunidade escuta que Jesus ao pedir a Samaritana que lhe desse de beber, suscitava nela o dom da fé, e acendia nela o fogo do amor, pois a sede de Jesus era grande pela fé dessa mulher.²³⁸ O terceiro domingo da Quaresma indica para a experiência de fé um divisor de águas, pois, direta ou indiretamente, os formulários de missa que seguem no itinerário quaresmal²³⁹ estão carregados de elementos da mistagogia batismal, ou seja, a Igreja por meio de suas orações mistagógicas graduais a partir do terceiro domingo da Quaresma intensifica a revelação do mistério salvífico de Cristo.²⁴⁰

Nas orações litúrgicas na celebração da eleição ou inscrição do nome do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, encontra-se a compreensão da mistagogia do batismo na espiritualidade do tempo da Quaresma. O ministro que preside diz a seguinte oração pelos eleitos: “preparando-nos para celebrar os mistérios da paixão e ressurreição, iniciamos os exercícios quaresmais. Os eleitos que conduzimos conosco aos sacramentos pascais esperam de nós um exemplo de conversão”.²⁴¹ A espiritualidade quaresmal envolve-nos com as fontes batismais que por sua vez indica o caminho de vida cristã para toda a comunidade. De fato, os primeiros cristãos, compreendiam a iniciação batismal como um longo caminho de conversão e identificação com o mistério pascal de Cristo.

O primeiro escrutínio do tempo da purificação e iluminação do catecumenato de adultos conduz os catecúmenos para que sejam libertados das consequências presentes e futuras do pecado, impregnando suas almas do senso da Redenção de Cristo, que é água viva.²⁴² Inclusive a oração do exorcismo do primeiro escrutínio é profunda de conteúdo teológico dos santos padres, em que diz: “libertais agora das ciladas do demônio estes eleitos que se aproximam das fontes da água viva”.²⁴³ Os padres, sobretudo, Hilário e Agostinho, insistiram na ideia de que o rito batismal é um exercício libertador e reparador das ações do mal

²³⁷ RICA 15, 68.

²³⁸ MISSAL ROMANO, p. 187.

²³⁹ MISSAL ROMANO, p. 186.

²⁴⁰ MISSAL ROMANO, p. 188.

²⁴¹ RICA 148.

²⁴² RICA 157.

²⁴³ RICA 164.

e do pecado. A espiritualidade quaresmal, em seu longo processo de preparação espiritual e catequética, estimulará no cristão e na comunidade de fé a união esponsal com Cristo e os propósitos batismais da vida cristã.

A oração litúrgica da coleta do primeiro domingo da Quaresma nos conduz a compreensão do sentido espiritual do sacramento da Quaresma para a realização do progresso dos fiéis no conhecimento do mistério de Cristo. Ora, a terceira edição típica do Missal Romano classifica o tempo da Quaresma como sacramento.²⁴⁴ A espiritualidade do tempo da Quaresma é sacramento que inicia, conduz, atualiza e realiza os sacramentos pascais celebrados na Vigília Pascal. Por meio da iniciação cristã, fomos configurados sacramentalmente na pessoa de Jesus Cristo: tornamo-nos filhos e filhas n'Ele e participantes de sua união espiritual. Assim sendo, a Igreja, em sua jornada quaresmal, pede aos que foram iniciados plenamente que progredam no conhecimento do mistério pascal de Cristo. A oração litúrgica da coleta do primeiro domingo da Quaresma indica, por conseguinte, que a liturgia quaresmal faz jorrar, como de uma fonte, a vida espiritual. A vida espiritual liberta da vida antiga e vislumbra a vida santa.

Recorda-se, por exemplo, que Teodoro sublinhava o caráter indestrutível e mistagógico do batizado estar ajoelhado. Estar ajoelhado simbolizava a intercessão pela libertação da antiga condição. Teodoro interpreta com um sinal da situação anterior na qual se encontrava o batizado: a escravidão ao diabo.²⁴⁵ O conjunto dos ritos batismais constituiu um drama no qual o candidato, que até aquele momento pertencia ao demônio, esforça-se para escapar. Esse drama terminará somente com o batismo.²⁴⁶ Enrico Mazza ao refletir teologicamente sobre esse gesto mistagógico, explanado por Teodoro, dirá que o estar ajoelhado é a comemoração do estado de escravidão em que estava o homem antes de ser libertado do demônio.²⁴⁷

O ingressar no batistério de Dura-Europos representava, sem sombra de dúvidas, o gesto mistagógico da realização da entrada iniciática na comunidade cristã e nos sacramentos pascais. Os sinais mistagógicos batismais que foram pintados no batistério de Dura-Europos indicavam a participação ativa e perene no itinerário progressivo de reconhecimento de uma experiência transformadora.

²⁴⁴ MISSAL ROMANO, p. 170.

²⁴⁵ TEODORO DE MOPSUESTIA. *Les homélies*, XII, 18.

²⁴⁶ DANIELOU, J. *Bíblia e Liturgia*, p. 48.

²⁴⁷ MAZZA, E. *A mistagogia*, p. 84.

Entrar mistagógicamente na espiritualidade do tempo da Quaresma é propositalmente experienciar esse novo caminho sacramental.²⁴⁸ É um longo caminho batismal de preparação para a atualização do mistério pascal. Fazer memória da páscoa de Cristo é fazer memória do batismo que recebemos.

A espiritualidade do tempo da Quaresma leva-nos à vida nova pelos mistérios pascais, ou seja, somos associados pela graça à cruz de Cristo e participamos de sua ressurreição e de sua vida. Pelo mistério da encarnação, Jesus conduziu à luz da fé a humanidade que caminhava nas trevas, e elevou à dignidade de filhos e filhas os nascidos na escravidão do pecado, fazendo-os renascer das águas do Batismo.²⁴⁹ A tradição da Igreja sempre acentuou a compreensão do batismo como sacramento da regeneração.

Nas pinturas do batistério de Dura-Europos e nas invocações da liturgia quaresmal, com o seu cume na Vigília Pascal, destaca-se o simbolismo da água. As águas pintadas permeiam as paredes do batistério: águas que acolhem o paralítico, águas que ordenam a vida de Pedro, águas que refrescam o iniciado e águas que saciam a mulher do poço. A água aspergida e penetrada nas cinzas abre as portas para se entrar na espiritualidade quaresmal.²⁵⁰ A água de iluminação, renovação e purificação comunicam a força pascal do rito batismal na Vigília Pascal. A água para a espiritualidade quaresmal representa, portanto, o maior sinal de mistagogia batismal.

Inclusive, o Dicastério para o Culto Divino e Sacramentos orienta que se deve manter água abençoada nos reservatórios nas portas laterais das igrejas durante o período quaresmal, em consonância com o mistério pascal celebrado no tempo da Quaresma. O Ritual Romano possibilita, no Tempo Pascal, a aspersão da água benta podendo substituir o ato penitencial no início da celebração eucarística,²⁵¹ especialmente aos domingos, representando a antecipação e a recordação do simbolismo pascal para o tempo quaresmal e a recordação do Batismo e da participação na alegria dos que foram batizados na Páscoa.²⁵²

Nesse sentido, o teólogo V. Codina, radicado na América Latina, afirma que a imersão na água significa volta aos caos, à morte e, neste sentido, purificação de

²⁴⁸ RICA 133.

²⁴⁹ MISSAL ROMANO, p. 195.

²⁵⁰ MISSAL ROMANO, p. 164.

²⁵¹ MISSAL ROMANO, p. 1224.

²⁵² MISSAL ROMANO, p. 1225

todo o negativo; a emersão, ou saída da água, simboliza nascimento e vida.²⁵³ A ação mistagógica da espiritualidade quaresmal de mergulhar ou aspergir a água equivale a renascer, co-nascer, a se regenerar, voltar às origens da vida, regressar ao princípio vital. Os padres da Igreja inclusive afirmaram explicitamente o caráter pascal do batismo de Jesus e, por conseguinte a fundamentação teológica para o sacramento do batismo.

Ademais, as mulheres virgens carregando tochas nas mãos pintadas nas paredes de Dura-Europos representam a intenção mistagógica dos primeiros cristãos da síria. Carregar óleo em um vaso nas mãos, portar uma tocha/vela acesa ou processionar no espaço litúrgico são gestos simbólicos que se tornam gestos sacramentais. Processionar é um ato mistagógico batismal. É um típico gesto antropológico, comunitário e sacramental. Os cristãos são convidados não apenas para contemplar os santos, mas itinerar a fé como os santos.²⁵⁴

O tempo da quaresma inicia como um longo itinerário processional de conversão e iluminação. A oração de bênção das cinzas que marca o despontar da espiritualidade quaresmal enfatiza o peregrinar dos cristãos na observância da Quaresma para se merecer chegar de coração purificado à celebração do mistério pascal de Cristo e viver uma vida nova.²⁵⁵ A espiritualidade quaresmal é um serviço que conduz a pessoa ao encontro sempre novo e atual com o Mistério Pascal. O itinerário quaresmal é constituído de ritos de orações, invocações, exorcismos, bênçãos, eleição e entregas.

O rito de entrega da luz nos sacramentos de iniciação cristã nos atuais rituais da Igreja realiza o mesmo ato sacramental dos primeiros cristãos convidando o iniciante a caminhar, perseverante na fé, como filho da luz ao encontro do Senhor.²⁵⁶ A teologia mistagógica do Concílio Vaticano II resgatou o gesto sacramental do acendimento da vela, por exemplo, no rito do batismo de crianças ou adultos, ser necessariamente no círio pascal, como evento do mistério pascal. Desde os tempos dos santos padres, acender a vela nas festas pascais após uma longa caminhada quaresmal consistia no encontro com o Cristo por meio dos seus sacramentos. A luz é o Cristo sacramento iluminando aquele que fora iniciado nos sacramentos da Igreja, comunidade de iluminados.

²⁵³ CODINA, V; IRARRAZAVAL, D. Sacramentos de Iniciação, p. 79.

²⁵⁴ PEPPARD, M. The World's Oldest Church, p. 112.

²⁵⁵ MISSAL ROMANO, p. 164.

²⁵⁶ RICA 226.

O símbolo mistagógico da luz é comum na Sagrada Escritura. De modo geral no Novo Testamento, encontra-se o simbolismo da luz relacionado com Cristo: “Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1, 9) ou “eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Desde o tempo dos santos padres, os cristãos são reconhecidos como os filhos da luz, os portadores da luz ou os luzeiros do mundo. Não é, portanto, estranho recordar que a comunidade primitiva desse ao Cristo Ressuscitado o nome de Sol da justiça ou declarasse que o dia da Páscoa da ressurreição era o dia da luz, dia do sol, como afirmou o próprio Justino.²⁵⁷ Os relatos bíblicos inclusive descrevem que a ressurreição ocorreu no primeiro dia da semana, de madrugada, com a chegada da luz do dia, o que reforça o simbolismo luminoso do evento.

Segundo o teólogo D. Borobio, na Vigília Pascal, os cristãos tinham o costume de acender o fogo novo e, do fogo novo, acender o círio pascal símbolo da ressurreição, do novo nascimento, da nova criação de todas as coisas em Cristo. Por isso, “desde antigamente começou-se a utilizar no Batismo o símbolo do círio, como símbolo da luz e da vida, da ressurreição e da iluminação pascal da qual participam os recém-batizados”.²⁵⁸ A restauração conciliar do catecumenato com adultos considerou denominar o terceiro tempo de iluminação, que coincide com a preparação quaresmal para as solenidades pascais e recepção dos sacramentos de iniciação. Chama-se iluminação porque “o Batismo é denominado iluminação e através dele os neófitos são inundados pela luz da fé”.²⁵⁹

A vela acesa que o celebrante entrega aos pais ou padrinhos simboliza a luz de Cristo que o batizado recebeu no batismo. O batizado foi iluminado por Cristo e deve caminhar até o fim de seus dias, como filho da luz. Este simbolismo do círio e da luz atinge todo o seu sentido na celebração da Vigília Pascal. O círio pascal simboliza toda a ressurreição de Cristo que com sua luz iluminou as sombras da morte a escuridão dos infernos, saindo vitorioso. O círio pascal servirá para iluminar todos os fiéis que com suas velas acesas, escutarão o precônio pascal, ou seja, o anúncio da ressurreição significada no círio pascal.²⁶⁰

Jesus Cristo é a coluna de fogo que rompeu com o pecado original, o mal e o último inimigo, a morte. O batismo recebido inaugura a vida cristã. O neófito

²⁵⁷ JUSTINO DE ROMA. Apologia 1, 61

²⁵⁸ BOROBIO, D. Celebrar para viver, p. 183.

²⁵⁹ RICA 24.

²⁶⁰ CODINA, V; IRARRAZAVAL, D. Sacramentos de Iniciação, p. 79.

torna-se uma coluna de fogo para transformar, renovar, incendiar e iluminar o mundo com a presença do mistério de Deus. Pelo batismo somos iluminados, se iluminados somos adotados como filhos de Deus, adotados tornamo-nos perfeitos e pela perfeição recebemos a imortalidade. Entra-se na luz, ou seja, a iluminação sacramental permite contemplar aquela sagrada luz de salvação, permite ver a Deus claramente. O neófito é o recém-plantado na comunidade de iluminados e iluminadores.²⁶¹ O neófito transforma-se em portador da luz de Cristo para se auto-iluminar e se desviar dos convencimentos do maligno, do pecado e do mal.

4.2.

A mistagogia da profissão de fé de Pedro e do paralítico de Betesda

A profissão de fé de Pedro é um fato crucial nos Evangelhos. É uma declaração explícita da fé na pessoa de Jesus. Segundo Mateus, Jesus interroga os discípulos sobre sua pessoa e o próprio Pedro, representando o grupo dos discípulos, responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Marcos situa Jesus caminhando com os discípulos em direção ao povoado de Cesareia de Filipe, e, no caminho, Pedro responde: “Tu és o Cristo” (Mc 8,29). No Evangelho de Lucas, a mistagogia da confissão de fé de Pedro se realiza em meio à atividade orante de Jesus. Pedro responde a pergunta que Jesus faz sobre si: “o Cristo de Deus” (Lc 9,20). Nos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta a confissão de fé de Pedro diante do Sinédrio: “é em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, aquele quem vós crucificastes, mas a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, é por seu nome e por nenhum outro que este homem se apresenta curado” (At 4,10).

De fato, desde as tradições neotestamentárias, Pedro é narrado como o confessor, por excelência, da fé em Cristo. Ele é o discípulo que no caminho, em Cesareia de Filipe ou diante do Sinédrio confessa a salvação no nome de Jesus. De modo geral, a confissão da messianidade divina de Jesus é relatada, sobretudo por Marcos e Lucas, e, no caso, Mateus é o que acrescenta a ideia de filiação divina.²⁶² Mais tarde, a tradição patrística interpretou a confissão de Pedro como realização do seu batismo de fé. A Igreja identifica em Pedro a sua própria imagem, ou seja, a confessoria histórica das magnitudes salvíficas de Deus.

²⁶¹ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 40.

²⁶² PEPPARD, M. *The Word's Oldest Church*, p. 88-89.

O caminhar sobre as águas de Pedro é como uma espécie de travessia de sua falta de fé. A figura pintada no batistério identifica Pedro afogando-se em sua falta de fé e alcançando Jesus para a salvação.²⁶³ Este episódio forneceu à igreja primitiva uma imagem poderosa da salvação e do discipulado cristão. Pedro é o modelo de um seguidor ousado, mas hesitante, pois sua fragilidade e medo exigiam sua necessidade de Cristo e subsequente à confissão de fé no poder de Cristo para salvá-lo. A fé de Pedro foi sinalizada por ele ao pisar na água.

Por isso, desde a mais antiga tradição da Igreja, pronuncia-se, celebra-se e transmite-se o conteúdo de fé no mistério pascal de Cristo contido no símbolo de fé da Igreja. A comunidade apostólica expressou e transmitiu sua própria fé em fórmulas breves. Ela recolheu o essencial de sua fé em artigos ordenados e sistemáticos. Inclusive, no catecumenato antigo, a Igreja confiava aos eleitos os antigüíssimos documentos: o Símbolo e a Oração do Senhor visam à iluminação do eleito.²⁶⁴ Assim, por exemplo, o símbolo recordava então as maravilhas realizadas por Deus para a salvação da pessoa humana. A primeira profissão de fé por sinal era feita por ocasião da celebração do Batismo.

Cirilo de Jerusalém afirmava que o símbolo da fé não tinha sido composto por opiniões humanas, com meras elaborações teóricas, mas consistia na síntese dos pontos mais importantes contidos na Sagrada Escritura, de modo a conter a doutrina por completo. Ele escrevia que semelhantemente a um grão de mostarda que contém, mesmo em um pequeníssimo grão, grande número de ramos, exatamente o resumo de fé contém em algumas palavras o conhecimento inteiro das verdades contidas no Antigo e no Novo Testamento.²⁶⁵ O símbolo da fé é a compilação das principais verdades da fé.

Os padres da Igreja, sobretudo, Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes, veem Pedro como o pescador da Galileia, o porta-voz dos apóstolos e o pastor e mártir de Roma. Pedro torna-se símbolo da autoridade hierárquica da Igreja, mas também imagem mistagógica do catecúmeno que inicia o itinerário para confessar verdadeiramente a sua fé em Cristo Jesus. Eusébio de Cesareia, em sua obra *História Eclesiástica*, destaca o crescente ministério de Pedro na comunidade dos

²⁶³ PEPPARD, M. *The Word's Oldest Church*, p. 89.

²⁶⁴ RICA 125. 188.

²⁶⁵ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catechese illuminandorum*, 5, 12.

apóstolos e em Jerusalém.²⁶⁶ Pedro teria professado a sua fé por meio do símbolo apostólico. “Ele é o símbolo guardado pela Igreja Romana, aquela na qual Pedro, o primeiro entre os Apóstolos, teve sua Sé e para qual ele trouxe a comum expressão da fé”.²⁶⁷

A profissão de fé das comunidades primitivas se baseia na profissão de fé de Pedro. A profissão de fé contida nos rituais de iniciação reformulados pós-Concílio Vaticano II se baseia nas profissões de fé dos padres e concílios dos primeiros séculos da Igreja. “A forma básica do Credo surgiu no decorrer dos séculos II e III no contexto da prática batismal”.²⁶⁸ Por exemplo, na cidade de Roma era usado nas celebrações litúrgicas, sobretudo no rito do batismo.

A profissão de fé da Igreja, compreende a confissão no mistério de Deus Uno e Trino, faz parte do próprio rito, indica que aquilo que se confessa realiza-se no sacramento e, por sua vez, a graça que vem do sacramento confere veracidade e realidade ao que se professa, ou seja, a profissão de fé e o mergulho batismal são inseparáveis. “São dois meios necessários para obter a salvação, estão unidos entre si e não se confundem na unidade. A fé atinge a sua perfeição por obra do batismo e o batismo, por sua vez, fundamenta-se na fé; um e outro recebem a própria perfeição dos próprios Nomes”, afirmava São Basílio, em sua obra sobre o Espírito Santo²⁶⁹. Inicialmente, vem a profissão de fé que leva à salvação, mas, em seguida, vem o batismo que sela a nossa adesão ao Cristo. O sacramento do Batismo, em suma, é o sacramento da fé e do banho.

O texto da Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, afirma que eram três perguntas dirigidas aos eleitos, que assim desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão:

“Crês em Deus, o Pai, o todo-poderoso? E o que é batizado, responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o aquele uma vez. E diga, a seguir: Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi crucificado sob Pôncio Pilatos e morreu e (foi sepultado) e, vivo, ressurgiu dos mortos no terceiro dia, e subiu aos Céus e sentou-se à direita do Pai e há de vir julgar os vivos e os mortos? Quando responder: Creio, será batizado pela segunda vez. E diga

²⁶⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica. III. XI. 1.

²⁶⁷ AMBRÓSIO DE MILÃO. Explanatio Symboli, 7.

²⁶⁸ RATZINGER, J. Introdução ao Cristianismo, p. 61.

²⁶⁹ BASÍLIO DE CESAREIA. Tratado sobre o Espírito Santo, p. 121.

novamente: Crês no Espírito Santo, na Santa Igreja (e na ressurreição da carne)? Responda o que está sendo batizado: Creio. E seja batizado pela terceira vez. Depois de subir da água, seja ungido com o óleo santificado, pelo presbítero.”²⁷⁰

A cada pergunta pronunciada pela Igreja, o batizando respondia: creio e, era mergulhado na água. O símbolo era inicialmente para as comunidades primitivas a expressão do fundamento de unidade da fé no Deus Trino e Uno. Mais tarde, no início do século IV, Gregório Nazianzeno, explicitava aos catecúmenos a razão da confissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo, pois era “por ela que daqui a pouco vou mergulhar-vos na água e vos tirar dela. Eu a dou a vós como companheira e dona de toda a vossa vida”.²⁷¹

Mateus narra que os que estavam no barco, a assembleia reunida, inclusive o próprio Pedro, prostram-se e dizem: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt 14,33). No episódio narrado em João, a tonalidade intencional é a mesma, e o paralítico curado “saiu e informou aos judeus que fora Jesus quem o havia curado” (Jo 5,15). A linguagem é distinta entre Mateus e João. O conteúdo de fé confessado é o mesmo: Jesus é o Senhor da vida, é o Filho de Deus, é o Homem que cura. A fórmula simples da profissão de fé provavelmente teria nascido pela inspiração dos textos bíblicos semelhantes ao de Pedro caminhando sobre as águas e da cura do paralítico na piscina de Betesda. Deve-se ressaltar que a profissão de fé realizada nos atuais ritos batismais é o eco exato da fé da Igreja antiga que por sua vez é o eco fiel da mensagem do Novo Testamento.

O texto bíblico no qual Jesus cura um paralítico que há 38 anos se encontrava junto à piscina de Betesda é lido no tempo da Quaresma, mais especificamente na terça-feira da 4ª semana da Quaresma. É interessante notar que a partir da terceira semana da Quaresma começa-se a intensificar os diversos ritos de purificação e iluminação para os que serão iniciados aos sacramentos na Vigília Pascal.²⁷² O paralítico curado é o protótipo do catecúmeno que se retirou de sua condição antiga, limitante, paralisante, enferma e pecadora.

Jesus, em um primeiro momento, realiza a escolha, vê que o paralítico estava deitado no chão, havia muito tempo. Jesus toma a iniciativa. Ele é o Homem mistagogo. Em seguida, inicia o diálogo. Houve a resposta condicionante

²⁷⁰ HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. p. 52-53.

²⁷¹ GREGÓRIO DE NAZIANZO. Oratio 40, 41.

²⁷² RICA 133-139.

do paralítico. No terceiro momento, acontece o ato sacramental de Jesus por meio de sua palavra. Evidentemente, palavra e gesto se completaram: Jesus diz para o homem levantar-se, tomar o leito e caminhar. O paralítico aceita a palavra de Jesus acolhendo o gesto mistagógico: “tomou o leito e se pôs a andar” (Jo 5,9).

Na imagem da cura do paralítico de Betesda é possível reconhecer a representação da purificação e do poder restaurador de Cristo, o Bom Pastor. Na pintura de Pedro caminhando sobre as águas é possível deduzir a noção de salvação e proteção de Deus. Em ambos os casos o agir das águas simboliza a força redentora do rito do Batismo. Ambas as imagens mistagógicas no batistério de Dura-Europos reforçam a compreensão teológica do sentido do sacramento do Batismo. A teologia atual conserva a ideia de que o rito do batismo é um ato mistagógico da iniciação, ou seja, aquele que for sacramentalmente mergulhado nas águas da vida de Cristo será curado e obterá a salvação. A quaresma primitiva era a moldura apropriada para a última preparação ao Batismo.²⁷³

A água fluindo do lugar em que Pedro e Jesus caminham nas pinturas do batistério cristão aparece descendo pelo painel projetado, possivelmente o vale do Jordão, e vem descansar em uma piscina da Judeia chamada Betesda. O sermão de Cirilo sobre o paralítico expressa bem essa dinâmica: por que fixar sua esperança em uma piscina? Você tem aquele que anda sobre as águas, que repreende os ventos, que detém o domínio soberano sobre o oceano, que não apenas andou sobre o mar como em um pavimento firme, mas concedeu o mesmo poder a Pedro. Estava junto às águas da piscina o governante e criador das águas.²⁷⁴

Segundo Carlos M. Martini, os catecúmenos Simão Pedro e o paralítico da piscina de Betesda, “viram algo de Jesus, de sua Igreja, sentiram a atração e deve decidir-se a empenhar-se, do contrário não poderiam chegar a percorrer o caminho”.²⁷⁵ A confissão de fé é realizada na confiança total, na doação completa pelo Senhor e não a uma mera causa. O paralítico e Pedro servem de modelos para os batizados: apesar do poder da água, eles devem ter fé no poder de Jesus, Senhor das águas.²⁷⁶ A cena da cura do paralítico e da caminhada sobre as águas aponta para o perdão e a fé como fatores centrais na compreensão adequada do batismo na comunidade primitiva siríaca.

²⁷³ AUGÉ, M. Ano Litúrgico, p. 157.

²⁷⁴ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 95.

²⁷⁵ MARTINI, C. M. *O itinerário espiritual dos Doze*, p. 42.

²⁷⁶ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 95.

Na liturgia batismal se conservou até nossos dias uma antiga bênção e invocação de Deus sobre a água que inclusive contempla o simbolismo da água desenvolvido pelos padres da Igreja. O conteúdo mistagógico dessa oração foi conservado na atual liturgia batismal: é o próprio Deus que pelos sinais visíveis dos sacramentos realiza maravilhas invisíveis.²⁷⁷ “Ao longo da história da salvação, vós vos servistes da água para fazer-nos conhecer a graça do Batismo. Desde a origem de todas as coisas até a consumação do mundo as águas comunicam a força de santificar”. A oração litúrgica expressa que Deus Pai é quem faz borbulhar a água na sua Igreja. A Igreja é instituída por Deus. É a mãe de todos os filhos. E, o Espírito Santo realiza a graça de Cristo, ou seja, ser lavado da antiga culpa pelo Batismo e ser renascido pela água e pelo Espírito Santo.

Segundo a visão teológica de João Crisóstomo, os corpos que saem das águas descobrem o homem novo e esplendoroso, saem dessa sagrada purificação.²⁷⁸ Ora, Pedro e o Paralítico, foram simbolicamente mergulhados, saem das águas com a purificação do próprio homem que os batiza, o unigênito Filho de Deus. No seu caminho batismal, a comunidade cristã é convocada a tomar consciência da realidade e das exigências do próprio Batismo, ou seja, a realizar obras de misericórdia, de serviço e de doação, e celebrar e confessar a sua fé em Cristo na Eucaristia. Em síntese, a Eucaristia é a experiência batismal que ganha e atinge a sua plena manifestação.

A mistagogia da profissão de fé na espiritualidade quaresmal é, portanto, transmitida pelo itinerário espiritual iniciado, pelos gestos penitenciais e catecumenais, pelas bênçãos e orações de purificação, pelos sinais físicos da natureza e pelos sacramentos recebidos como ápice pascal.²⁷⁹ O episódio de Pedro caminhando sobre as águas e da cura do paralítico em Betesda significa que todos os que forem sepultados na morte com Cristo, ressuscitaram com ele para a vida.

A profissão de fé em Cristo é um elemento central no itinerário litúrgico, cristocêntrico e pascal da Igreja. A própria invocação litúrgica para renovação das promessas do Batismo da celebração da Vigília Pascal expressa exclusividade no serviço a Deus na santa Igreja Católica e a renovação da força do renascimento pela água e pelo Espírito Santo, pois pela água finalmente consagrada pelo Cristo

²⁷⁷ RICA 215.

²⁷⁸ JOÃO CRISÓSTOMO. Homilia sobre a I Carta aos Coríntios, 40.

²⁷⁹ RICA 211.

no Jordão e pelo banho do novo nascimento renovastes a humanidade ferida pelo pecado. A benção sobre a água antecipa-se à profissão de fé.²⁸⁰ A profissão de fé autoriza a manifestação do gesto mistagógico. A profissão de fé é a palavra de oração da Igreja que une a Palavra revelada de Deus.²⁸¹ Após a renovação das promessas do batismo, a aspersão da água benta é sinal visível da participação da alegria pascal dos que foram batizados na Vigília Pascal.²⁸²

Segundo os teólogos Tena e Borobio, a profissão de fé contida nos atuais rituais da Igreja, sobretudo no Ritual de iniciação de adultos, inspirados nos ritos dos primeiros séculos das comunidades cristãs, apresenta categoricamente três dados teológicos: um caráter de aliança pessoal, um caráter dialogal da fé cristã e um caráter de selo.²⁸³ A mistagogia da profissão de fé é sempre de caráter pactual ou enlace radical com a decisão de abandonar o que é contrário ao Evangelho e aos ensinamentos da Igreja. O que se proclama pela boca, conserva-se no coração. O banho batismal está acompanhado da profissão de fé. Compreende-se então o entrelaçamento mistagógico entre banho e profissão, ou seja, a fé pessoal recebe do batismo a perfeição e o batismo manifesta e funde-se sobre a fé pessoal.

Ainda mais, é clara a manifestação de que a fé é recebida e vivida no interior da Igreja que crê. É uma relação dialógica entre o confessante e a comunidade. Nota-se que a Igreja pergunta àquele que vai ser batizado se ele realmente crê naquilo que a Igreja crê. O caráter dialogal é a magnífica expressão de que se é batizado na fé da Igreja. A oração de conclusão da proclamação da fé, por exemplo, no Ritual do Batismo de crianças, diz que esta é a nossa fé, que da Igreja recebemos e que sinceramente professamos, razão de nossa alegria em Cristo, nosso Senhor.²⁸⁴

A profissão de fé, além do que foi dito, adquire um caráter de selo, ou seja, uma assinatura oficial inviolável. É uma espécie de selo como uma marca da pertença à raça ou ao grupo²⁸⁵. É uma marca ou sinal sobre a fé do sujeito que é a fé confessada pela Igreja. É esse o sentido que receberam a água, no rito do batismo, e a unção, no rito da confirmação, na longa tradição patrística e litúrgica

²⁸⁰ RICA 215.

²⁸¹ RICA 219.

²⁸² RICA 231.

²⁸³ TENA, P.; BOROBIO, D. Sacramentos da iniciação cristã, p. 68-69.

²⁸⁴ Rito para o Batismo de uma Criança, 143.

²⁸⁵ EUSEBIO DE CESAREIA. *Demonstratio Evangelica*, 1,6.

dos primeiros séculos, e atualmente conservados no Ritual do Batismo de adultos e crianças e no Ritual da Confirmação de Paulo VI.

Além disso, professar a fé faz compreender os sacramentos de iniciação num duplo sentido: de que são para a Igreja e pela Igreja. Os sacramentos são para a Igreja porque ela é o sacramento da ação de Cristo. Ela é a receptora do conteúdo de fé ensinado pelo Cristo, que atua nela graças à missão do Espírito Santo. Os sacramentos são pela Igreja porque são eles que a fazem e ela é beneficiária da profissão de fé e do efeito sacramental. A Igreja ao confessar a fé anuncia, acolhe, integra e agrega novos iniciados e, ao mesmo tempo, ela cresce, floresce, renova-se com os novos membros. O corpo eclesial é, portanto, constituído através do ato mistagógico da profissão de fé.

A confissão de fé batismal é a entrada no mistério da Páscoa de salvação. Melitão de Sardes, em sua pregação sobre a Páscoa, discorre sobre o significado mistagógico da profissão de fé na estrutura da celebração da Páscoa. Seu entendimento é que Cristo desceu dos céus a terra para curar a enfermidade do gênero humano e revestiu-se da nossa natureza no seio da Virgem e fez-se homem. Tomou sobre si os sofrimentos do gênero humano enfermo num corpo sujeito ao sofrimento e destruiu as fraquezas da carne. Cristo foi conduzido à morte como um cordeiro e libertou-nos da sedução do mundo.²⁸⁶ A visão teológica de Melitão consiste insistir que a profissão de fé está inserida dentro do dinamismo batismal. A profissão de fé no mistério do Deus Uno e Trino conduz a pessoa humana a atravessar da escravidão à liberdade, das trevas à luz, da morte à vida, da tirania ao reino perpétuo. Jesus é o evento pascal de salvação.

A mistagogia da profissão de fé de Pedro e do paralítico de Betesda é, portanto, perpassada por verossimilhanças. As imagens pintadas nas paredes do batistério de Dura-Europos de Pedro caminhando sobre as águas e do paralítico carregando a sua cama nos apresentam literalmente a confissão de fé batismal da comunidade de fé. Imagina-se que os primeiros cristãos espelharam a sua fé no mistério pascal de Cristo nas figuras de Pedro, o escolhido, e do Paralítico, o curado. Neles a Páscoa salvífica de Cristo se condensou e se realizou.

A mistagogia da profissão de fé não é um apoderar de Deus, do mistério, do transcendente ou do assombro sagrado. A condição fundamental para iniciar no

²⁸⁶ MELITO OF SARDIS. On Pascha, 65-66.

mistério é pronunciá-lo a partir de sua realidade enquanto mistério. Quando não respeitamos e não compreendemos o limite humano e o espírito sagrado, dizemos o símbolo de fé como palavreado, sem espírito sacramental e místico. A profissão de fé é um compêndio dos muitos e diversos artigos da fé, um válido e legítimo instrumento para a comunhão eclesial, uma norma segura para o testemunho e ensino da fé e um caminho seguro para transmitir o anúncio cristão.

A confissão de fé é inspirada e testemunhada pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja. Afinal, o próprio Catecismo salienta que o símbolo da fé resume os dons de Deus, como Autor de todo bem, como Redentor, como Santificador, outorga ao homem e os articula em torno dos três capítulos de nosso Batismo – a fé em um só Deus: o Pai Todo-Poderoso, o Criador; Jesus Cristo, seu Filho, nosso Senhor e Salvador; o Espírito Santo, na Santa Igreja.²⁸⁷ O símbolo de fé é um sinal litúrgico de reconhecimento da unidade e comunhão entre os cristãos. A liturgia pascal é grande oração mistagógica da Igreja e a confissão de fé encontra seu justo lugar na celebração desses mistérios. A graça batismal é a condição insubstituível para o agir cristão, e a participação na liturgia pascal da Igreja requer a profissão justa e verdadeira da fé.

4.3.

A Unidade dos Sacramentos da Iniciação Cristã

A unidade dos sacramentos da iniciação cristã nas comunidades primitivas exprimia-se por meio de suas liturgias de iniciação, da pregação apostólica, das edificações religiosas e/ou representações artísticas nos espaços de reunião da assembleia. Por exemplo, na diversidade de pinturas do batistério cristão de Dura-Europos se reconhece a tríplice dimensão sacramental de iniciação em um mesmo espaço celebrativo, ou seja, com o recebimento do perdão dos pecados, incorpora-se ao povo de Deus tornando-se filho adotivo, sendo introduzido pelo Espírito na plenitude de dons, por meio do sacrifício e refeição eucarística.

Nas comunidades primitivas, a recepção dos ritos da iniciação sacramental constituía a última etapa do processo mistagógico. E os sacramentos eram compreendidos dentro de um dinamismo pastoral catequético e de uma unidade teológica litúrgico-sacramental. Na Igreja primitiva sua celebração acontecia na

²⁸⁷ CaIC 190. 191.

Vigília pascal, considerada noite da iniciação cristã, quando os catecúmenos recebiam os três sacramentos, mostrando sua profunda ligação com o mistério da Páscoa. A intenção dos padres conciliares do Vaticano II foi então, como tempo de graça, resgatar esses elementos da unidade sacramental da tradição catequética da Igreja. Mais tarde, o Catecismo da Igreja Católica reafirma que os fiéis renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia.²⁸⁸

O sacramento do Batismo realiza no gênero humano um novo nascimento e a Confirmação une, configura, molda-o mais solidamente a Cristo e aumenta os dons do Espírito Santo. A pessoa participa e atualiza o pentecostes: é enviado para a missão. Batismo e Confirmação orientam e direcionam para o sacramento da Eucaristia.²⁸⁹ A Eucaristia é o sacramento da plenitude e um sinal de plena e definitiva inserção na Igreja. A iniciação sacramental cristã é única, mas celebrada em três gestos sacramentais.

O Concílio Vaticano II, no artigo 71, da *Sacrosanctum concilium*, autoriza a revisão do antigo rito do sacramento da confirmação para que mais claramente se expresse o vínculo deste sacramento com toda a iniciação cristã. Os padres conciliares compreendem a unidade teológica, sacramental e pastoral dos três sacramentos da iniciação cristã. Portanto, considerar o sacramento da confirmação como um sacramento da iniciação é uma promissora recuperação depois de séculos de separação e distância. Significa, na perspectiva teológica de R. Falsini, não somente colocá-lo no grupo dos sacramentos de nascimento do cristão, mas sistematizá-lo no segundo posto, isto é, após o batismo, enquanto dele depende ontologicamente e está orientada rumo à eucaristia.²⁹⁰

Nas observações preliminares gerais do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos encontramos a síntese da teologia e da inter-relação dos sacramentos da iniciação cristã.²⁹¹ Afirma-se que o sacramento do Batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em uma nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso, são chamados filhos de Deus e realmente o são. Assinalados na Crisma pela doação do mesmo

²⁸⁸ CaIC 1212.

²⁸⁹ RICA 36.

²⁹⁰ FALSINI, R. Iniziazione ai sacramenti o sacramenti dell'iniziazione, p. 274.

²⁹¹ RICA 2.

Espírito, são configurados ao Senhor e cheios do Espírito Santo, a fim de levarem o Corpo de Cristo quanto antes à plenitude.

Finalmente, participando do sacrifício eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do homem, e assim recebem a vida eterna e exprimem a unidade do povo de Deus, oferecendo-se com Cristo, tomam parte no sacrifício universal, no qual toda a cidade redimida é oferecida a Deus pelo Sumo Sacerdote; e ainda suplicam que, pela abundante efusão do Espírito Santo, possa todo o gênero humano atingir a unidade da família de Deus.²⁹²

Assim sendo, o atual Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, em sua teologia, metodologia e estrutura, conservou a unidade sacramental com caráter pascal. Esta conexão exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e o nexos entre os sacramentos.²⁹³ Quer dizer que as etapas conduzem aos tempos de informação, adesão e amadurecimento atingindo o tempo próprio para a iniciação nos sacramentos, em um único ato mistagógico e eclesial. A unidade teológica dos sacramentos de iniciação exprime a profissão de um único batismo, uma única fé, um só Deus, um único e mesmo mistério de morte e ressurreição de Cristo. Do mesmo modo, nas observações preliminares gerais sobre a iniciação cristã do Ritual do Batismo de crianças afirma-se que os três sacramentos da iniciação cristã se completam, pois proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício de sua missão de povo cristão no mundo e na Igreja²⁹⁴.

O resgate da unidade dos sacramentos do itinerário de iniciação à vida cristã com adultos é sem sombra de dúvidas um dos tesouros teológicos, pastorais e espirituais do Concílio Vaticano II. Concede-se, no tempo da purificação e iluminação, a etapa da celebração dos sacramentos de iniciação, ou seja, com as celebrações e ritos próprios da Vigília Pascal, durante a qual o catecúmeno recebe os três sacramentos da iniciação como expressão de mudança de vida, de que já se está iniciado, podendo participar do *mystérion*.²⁹⁵ A iniciação mistagógica aos sacramentos significa duas coisas, segundo o Papa Francisco, a necessária

²⁹² LG 28.

²⁹³ RICA 34.

²⁹⁴ LG 28.

²⁹⁵ NERY, I. Catequese com adultos e catecumenato, p. 290.

progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã.²⁹⁶

A exortação apostólica pós-sinodal, *Sacramentum Caritatis*, do Papa Bento XVI ajuda-nos a compreender a mistagogia da unidade dos sacramentos da iniciação cristã ao afirmar que se realmente a eucaristia é fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, segue-se, antes de tudo, que o caminho de iniciação cristã tem como seu ponto de referência a possibilidade de ter acesso a esse sacramento. Com efeito, o Batismo e a Confirmação existem em função da Eucaristia. Esse dado implica o compromisso de favorecer no pensamento teológico e na prática pastoral uma compreensão unitária do percurso da iniciação cristã.

O sacramento do Batismo constitui assim a porta de acesso a todos os sacramentos. A participação na mesa eucarística aperfeiçoa os efeitos das promessas recebidas no sacramento do batismo. A unção sacramental da Confirmação apresenta a aceitação consciente da maturidade religiosa. O sacramento da Eucaristia leva à plenitude os sacramentos do batismo e da confirmação, no caso, a iniciação à vida cristã no seu todo. Então, o tempo da Quaresma não é somente o tempo de preparação para a Páscoa, torna-se ainda mais uma verdadeira e própria iniciação sacramental.²⁹⁷ É um caminho de fé fundado na escuta da Palavra de Deus e nos sinais sacramentais realizados na assembleia litúrgica.

Na tradição do rito romano, além da Eucaristia, o Batismo também é sacramento pascal.²⁹⁸ O Tríduo Pascal e o tempo da Páscoa possuem um carácter intrinsecamente sacramental, que tem a sua fonte e cume na Eucaristia. Logo, o tempo da Quaresma também tem essa mesma índole sacramental porque tem como linha de chegada não unicamente a Eucaristia, mas também as promessas batismais renovadas na Vigília Pascal, ou seja, sabe-se que após um longo caminho quaresmal penitencial e orante, renova-se as promessas do Batismo.

Na iniciação cristã, o itinerário catequético de iniciação e o litúrgico-sacramental possuem um carácter unitário. Os conteúdos de fé estão intimamente ligados a toda ação litúrgica e sacramental. O batismo é o ingresso na vida e no reino, é o primeiro sacramento da nova lei. A confirmação é a unção com óleo

²⁹⁶ EG 163.

²⁹⁷ AUGÉ, M. Ano Litúrgico, p. 191.

²⁹⁸ AUGÉ, M. Ano Litúrgico, p. 193.

perfumado pelo qual se conforma a resposta missionária na missão de Cristo, o unguído. A eucaristia é o alimento pascal para a vida cristã. O batismo regenera perpetuamente os cristãos mergulhando-os na morte de Cristo. A eucaristia os faz crescer vivificando pela força do seu lado aberto e pela comunhão de sua carne ressuscitada.²⁹⁹ A iniciação cristã é a continuação do mistério da Paixão e os sacramentos da iniciação são o mistério nupcial.

A obra redentora de Cristo se realiza principalmente no mistério pascal de sua paixão, ressurreição da morte e gloriosa ascensão. Os mistérios da redenção cristã são preparados pela liturgia da Quaresma,³⁰⁰ pois pelos mistérios da graça santificante do batismo somos inseridos no mistério redentor de Cristo. Por isso, a Igreja celebra o mistério pascal a cada oito dias naquele que se chama justamente dia do Senhor ou domingo, a oitava batismal, afirma a *Sacrosanctum Concilium*. A cada oito dias se atualiza os mistérios batismais na vida do cristão. Nas homilias mistagógicas e nos atuais textos litúrgicos, o mistério pascal faz referência não só ao acontecimento da história salvífica, mas também aos ritos sacramentais de iniciação. Os sacramentos de iniciação estão ontológica e mistagógicamente interligados e unidos pelo único e mesmo mistério pascal de Cristo.

A expressão mistério pascal aparece pela primeira vez na segunda metade do século II, especificamente em duas homilias pascais. Melitão de Sardes compreende o mistério da Páscoa como o novo e o antigo, o eterno e o contemporâneo, o perituro e o imperituro, o mortal e o imortal, a escravidão e a libertação. Significa que a Páscoa cristã era a apresentação de toda a história da salvação que na Vigília Pascal era celebrada como história unitária e contínua desde a criação até a parusia e desde o ato gerador no batismo até a consumação no banquete de mesa eucarística. O mistério da Páscoa é Cristo.³⁰¹ O mistério uno dos sacramentos da iniciação é Cristo.

O segundo texto refere-se à homilia pascal chamada de Anônimo Quartodecimano do século II. O texto apresenta diretamente o mistério da Páscoa que compreende toda a vida de Jesus, e por consonância, os sacramentos da iniciação celebrados na noite pascal. A homilia ilustra os elementos centrais do mistério pascal evidenciados nos ritos sacramentais iniciáticos: a paixão e o

²⁹⁹ DANIELOU, J. Bíblia e Liturgia, p. 222.

³⁰⁰ SC 109.

³⁰¹ MELITO OF SARDIS. On Pascha, 2.

sofrimento, a morte da morte, a descida aos lugares inferiores, a ressurreição e ascensão do céu. Os sacramentos de iniciação, em sua unicidade orgânica, celebram a totalidade do mistério pascal de Cristo e também sintetizam e comunicam a dimensão cósmica da Páscoa de Cristo.

Em Cirilo de Jerusalém, em sua protocatequese, se encontra genericamente o termo ‘mistérios’ no plural aplicado ao ritual de iniciação cristã.³⁰² Não há ainda uma elaboração estruturada de ritual de iniciação cristã. Entende-se a aplicação desse termo aos ritos de iniciação. Os convertidos devem preparar o coração para desvendar e receber o ensinamento em vista da comunhão dos santos mistérios. Os santos mistérios eram celestes, imortais e eternos, ou seja, mistérios pascais de Cristo nos ritos dos sacramentos de iniciação.

Para os Padres da Igreja, os sacramentos da iniciação cristã em sua unidade é a Páscoa nova que Cristo trouxe para a humanidade. É a redenção de Jesus Cristo transmitida e atualizada na celebração litúrgica da Vigília Pascal, nos seus ritos sacramentais e na mistagogia da assembleia de batizados reunidos em torno de uma só fé. Atanásio é literalmente o primeiro padre da Igreja a aplicar em específico o termo mistério para o sacramento do Batismo.³⁰³ Cirilo, contudo, aplica-o igualmente ao sacramento da Confirmação e Eucaristia. O sacramento do Batismo e da Eucaristia eram os dois sacramentos mais importantes para a Igreja cristã primitiva e a unção com óleo estava associada aos ritos batismais.³⁰⁴ Ambos eram vistos como sinais da salvação prometida por Cristo aos seus seguidores.

Agostinho entende os sacramentos da iniciação como teologia da passagem: da antiga culpa para a nova condição espiritual.³⁰⁵ A iniciação cristã é a porta de entrada para a salvação arrancando o ser humano do estado de condenação herdado de Adão e inserindo-o no corpo de Cristo pela graça. É através de sua paixão que Jesus chega a glória da ressurreição e ascensão ao céu. Os sacramentos da iniciação marcam essa única transitoriedade pela paixão e ressurreição de Cristo. Os três sacramentos de iniciação se unem por essa única e mesma transição mistagógica e tornam-se fonte de salvação. Por meio deles, o efeito salutar de Cristo atinge os iniciados e neófitos. A iniciação sacramental completa é a plena participação no ato redentor por excelência de Cristo.

³⁰² CIRILO DE JERUSALÉM. Primeira catequese mistagógica aos recém-iluminados, 1.

³⁰³ ATANÁSIO. Cartas festivas, 39-41.

³⁰⁴ CIRILO DE JERUSALÉM. Terceira catequese mistagógica sobre o Crisma, 2.3.

³⁰⁵ AGOSTINHO. De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum, 1.20.26.

Nesse aspecto, as pinturas de Dura-Europos são comparáveis às pinturas das catacumbas romanas. Elas também servem como evidência de que precursores de ciclos temáticos de mosaicos que mostram os milagres de Cristo e cenas do Antigo Testamento já existiam na Igreja primitiva. E, a própria Igreja primitiva compreendia os sacramentos de iniciação em unidade sincrônica.

Os temas escolhidos para as pinturas do batistério de Dura-Europos estão particularmente em sintonia com a época, uma vez que os temas representados se concentram na libertação, filiação, iluminação e salvação. Por conseguinte, representam visualmente a teologia e a estrutura litúrgica e mistagógica da iniciação cristã.³⁰⁶

4.4.

O itinerário mistagógico do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

O Concílio Vaticano II declara a restauração do catecumenato dos adultos dividido em diversas etapas provocando uma progressiva mudança de mentalidade e de costume.³⁰⁷ Sendo assim, em 6 de janeiro de 1972, foi promulgado o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. No Brasil, aos 2 de outubro de 1973 saiu impresso a tradução em vernáculo, após a devida aprovação pela Sagrada Congregação para o Culto Divino. Mais tarde, em 2001, foi publicada uma nova edição típica do Ritual, mais didática e com simplicidade no manuseio litúrgico-pastoral. O Ritual de iniciação cristã de adultos nasceu na verdade de uma decisão de revisar o rito do Batismo de adultos.

O Ritual de iniciação cristã de adultos se configura como um itinerário mistagógico de iniciação cristã, não como uma escola, mas como uma iniciação de discípulos que descubrem um itinerário, ou seja, uma fórmula completa e ordenada própria para a preparação de novos discípulos missionários de Jesus. Sem dúvida, com o Ritual, “a mistagogia fica consagrada como essencial no processo de iniciação à vida cristã. Nesse sentido, iniciar é um processo muito mais profundo e existencial do que ensinar”.³⁰⁸

Segundo o teólogo L. Lima, ao descrever o processo iniciático nos primeiros séculos da experiência de fé cristã, afirma que havia surgido a vontade de estabelecer um processo de iniciação cristã. As diversas igrejas compreenderam

³⁰⁶ PEPPARD, M. *The World's Oldest Church*, p. 32

³⁰⁷ SC 627; AG 892.

³⁰⁸ Doc. 107, 122.

que a rapidez do início da fé cristã não podia se manter. “Sentem a necessidade de uma pregação mais aprofundada que consistia numa conversão da vida à fé, numa instrução litúrgica, moral e doutrinal, isto é, o catecumenato”.³⁰⁹

O catecumenato é uma instituição litúrgico-catequética que nasce e se consolida pela experiência desenvolvida dentro das comunidades cristãs a partir do fim do século II. Essa experiência se difunde durante o século III e a primeira metade do século IV. Sofre uma profunda transformação na segunda metade do século IV, mas, permanece vital durante o século V. Após este século entra em lenta decadência, vindo desaparecer completamente a partir dos séculos VII e VIII.³¹⁰ De fato, um pouco do que nos conservou do período da Igreja primitiva e consta nos atuais rituais de iniciação, ou seja, a estrutura do rito que se formou articula interligando a proclamação da Palavra, a celebração litúrgica e o exercício da caridade como três pilares mistagógicos de iniciação.

O Ritual de iniciação cristã de adultos indica os passos do processo catecumenal com ritos que marcam a passagem de cada etapa.³¹¹ Sua estrutura mistagógica, divide-se em quatro tempos: pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação e mistagogia e, em três etapas: celebração de admissão no catecumenato, celebração de eleição e inscrição do nome e celebração dos sacramentos na Vigília Pascal. Cabe ainda dizer que, o catecumenato contemporâneo renasce em uma estrutura eclesial consolidada com pastorais e movimentos, com intensa prática sacramental para as crianças, com ampla expressão do catolicismo popular e com diversas instituições católicas de educação na fé e promotoras da espiritualidade cristã.

Em seu itinerário mistagógico, cada período é tempo de busca, de escuta, de oração, de empenho e de conversão. É o momento no qual o candidato é ajudado a descobrir e a responder ao chamado de Deus e ao plano de salvação do Senhor. O itinerário mistagógico conduz gradativamente o indivíduo para as experiências com o mistério de Deus. “A ação do Espírito Santo faz, por meio da iniciação à vida cristã, com que a Igreja se torne Mãe, geradora de filhos e filhas”.³¹² O itinerário mistagógico do Ritual torna a Igreja casa de iniciação e, ao mesmo tempo, a mãe geradora de muitos filhos.

³⁰⁹ LIMA, L. A. Itinerário litúrgico catequético de iniciação, p. 3.

³¹⁰ NERY, I. Catequese com adultos e catecumenato, p. 112-113.

³¹¹ RICA 6.

³¹² Doc. 97, 112.

O itinerário mistagógico de iniciação está a serviço da profissão de fé, ou seja, o caminho pelo qual se deseja experimentar mais profundamente Jesus Cristo e confessá-lo com o ato de crer.³¹³ Trata-se da dimensão confessional do processo catecumenal ou dimensão catequético-instrutiva do conteúdo de fé e dos ritos litúrgicos. A pessoa participante ativo na vida comunitária inicia suas experiências com o conteúdo de fé, com os mistérios e ritos litúrgicos e com o exercício da caridade e fraternidade, ou seja, inicia o seu processo pelo conhecimento da fé e pelo aprendizado da vida cristã em direção a uma progressiva mudança de mentalidade e de costumes. É o tempo de aprofundar e amadurecer a fé, confessando-a, sobretudo, liturgicamente.³¹⁴

O Papa Francisco continuamente afirmava que a mistagogia é um caminho propício para se entrar no mistério da liturgia, no encontro vivo com o Senhor Crucificado e Ressuscitado. A mistagogia significa então descobrir a vida nova que no povo de Deus recebemos mediante os sacramentos, e redescobrir continuamente a beleza de renová-lo.³¹⁵ O itinerário mistagógico do Ritual da iniciação cristã de adultos é a lei da Igreja para se iniciar a configuração em Cristo, a adesão ao projeto de Deus e na maternidade filial e espiritual da Igreja.

O tempo do pré-catecumenato é o primeiro tempo mistagógico. É o tempo do anúncio em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que os não-cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, aderindo àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, satisfaz e até supera infinitamente todas as suas expectativas espirituais.³¹⁶

Na compreensão teológica e pastoral do catequeta Israel Nery, o tempo do pré-catecumenato é um período inicial, diretamente ligado ao que se poderia chamar de primeira evangelização, anúncio primeiro, querigma. Visa diretamente possibilitar o encontro pessoal com Jesus Cristo e a conversão a ele.³¹⁷ Consiste no período que se realiza a primeira evangelização voltada à conversão e se

³¹³ RICA 30.

³¹⁴ RICA 31.

³¹⁵ FRANCISCO, PP. Discurso aos participantes da Assembleia Plenária da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

³¹⁶ RICA 9.

³¹⁷ NERY, I. Catequese com adultos e catecumenato, p. 284.

explicita o querigma do primeiro anúncio.³¹⁸ É o período em que os candidatos ou simpatizantes à vida cristã serão acompanhados pelos introdutores.

O Concílio Vaticano II corajosamente resgata esse antigo ministério no agir catequético da Igreja. “É preciso haver um introdutor-acompanhante pessoal que, em nome da comunidade, acolhe o interessado e lhe faz a comunicação dos elementos básicos da fé, mediante contatos informais, disponibilizando-se para o diálogo, a reflexão, a informação e a oração”.³¹⁹ É um ministério mistagógico. Estes ajudarão os candidatos a darem seus primeiros passos no caminho da fé ao encontro do Senhor.

Como sinal da passagem de um tempo ao outro, num caminhar contínuo semelhante ao das Virgens Prudentes, solenemente, celebra-se o rito de admissão ou entrada no catecumenato entre os catecúmenos.³²⁰ Mistagógicamente, os que querem se tornar discípulos de Jesus e membros da Igreja, sejam instruídos em toda a verdade, aprendam a ter os mesmos sentimentos de Jesus e procurem viver segundo os preceitos do Evangelho.

Os catecúmenos são admitidos com o mais tradicional e antigo rito de iniciação: assinalação da fronte e dos sentidos. Esse rito os torna consagrados à doação de sua existência humana.³²¹ São marcados com o sinal do Cristo, o sinal dos cristãos, o sinal da comunidade, o sinal da cruz de Cristo. Ademais, o atual Ritual destaca a Sagrada Escritura como fonte principal do itinerário mistagógico, entregue-a para os catecúmenos.³²² Dois gestos mistagógicos que perduram na história litúrgica da Igreja: a assinalação com a Cruz e a entrega da Bíblia.

O segundo tempo é nominado de catecumenato. Não é um tempo de lições doutrinárias ou da infusão de uma moralidade controladora. É tradicionalmente conhecido como um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. É a fase da experiência catequética pela qual o catecúmeno ou o catequizando vivenciará progressivamente a prática de vida de discípulo de Jesus Cristo e interiorizando-se progressivamente no modo de pensar e agir cristãos, coerentemente com os valores do Evangelho.³²³

³¹⁸ DC 63.

³¹⁹ NERY, I. Catequese com adultos e catecumenato, p. 285.

³²⁰ RICA 68.

³²¹ RICA 83-87.

³²² RICA 93.

³²³ MICHELETTI, G. Minidicionário da Iniciação, p. 100.

Os conteúdos do tempo do catecumenato devem seguir uma hierarquia de verdades que atenda à integridade da mensagem cristã. Os conteúdos de fé não devem ser moralizantes ou transmitidos de modo fundamentalista, mas devem ser conduzidos no diálogo e numa postura positiva da transmissão dos dados da fé. Além dos encontros temáticos, este tempo também inclui celebrações que podem ser realizadas em algum momento especial ou após os encontros catequéticos.³²⁴

O Ritual da iniciação cristã de adultos recomenda a realização de celebrações da Palavra seguidas de bênçãos, para gravar o ensinamento recebido nos corações, para enriquecer a espiritualidade dos catecúmenos e inseri-los na liturgia, reforçando assim, a dimensão mistagógica da Palavra.³²⁵ O Ritual também prevê a possibilidade de realizar entregas mistagógicas no tempo do catecumenato, como a entrega do Credo e da Oração do Senhor, como ritos de transição entre os blocos temáticos.

Ao começar o tempo litúrgico da Quaresma, inicia-se o tempo mistagógico da preparação próxima da iniciação cristã, celebra-se então o Rito da Eleição ou inscrição do nome. O rito dos eleitos está intimamente ligado à espiritualidade quaresmal. Confiando nos passos sólidos dos catecúmenos, a Igreja os chama para os sacramentos pascais, e, por conseguinte, iniciam com a comunidade as práticas mistagógicas da Quaresma: a oração, o jejum e a esmola.

Em seguida, dá-se início ao tempo de purificação e iluminação, que coincide com o início da Quaresma.³²⁶ Segundo o próprio Ritual, é profundamente marcado pelas celebrações do Mistério Pascal, intensa preparação espiritual e purificação do coração e espírito pelo exame de consciência e pela penitência.³²⁷ É o período pelo qual se celebra o conteúdo de fé e se faz a experiência com o mistério de Cristo pela oração, penitência, caridade, bênçãos, escrutínios, exorcismos, momentos de entrega e unções sacramentais. O tempo de purificação e iluminação se destaca com as metáforas dos textos bíblicos quaresmais relacionados ao ver, à vida nova, à ressurreição. Há diversos ritos ao longo desse tempo, como: o éfeta³²⁸ no sentido de abrir-se ao Senhor, libertar-se; e o escrutínio com o significado de deixar-se escutar intimamente por Deus, avaliar e eleger.

³²⁴ RICA 100-132.

³²⁵ RICA 106-108.

³²⁶ RICA 133.

³²⁷ RICA 25.

³²⁸ RICA 200.

Os escrutínios são orações de bênção, cura, purificação e libertação, dirigidas inicialmente a Deus Pai, acompanhadas pelo gesto de imposição das mãos, pela convocação de Jesus Cristo. São ritos que completam a preparação espiritual dos eleitos. A finalidade dos escrutínios que se realizam por meio dos exorcismos é espiritual: purificar os espíritos e os corações, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades, para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo e reavivam seu desejo de amar a Deus.³²⁹ Esse rito expressa que toda libertação do mal se realiza mediante o poder de Cristo. É necessário que os eleitos progridam do primeiro ao terceiro escrutínio, na consciência de pecado, na constância da conversão e no desejo de salvação.

Na Vigília Pascal, realiza-se a terceira grande celebração do itinerário catecumenal. “Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito, na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício e refeição eucarística, antegozam o Reino de Deus”.³³⁰ A celebração dos sacramentos da iniciação cristã na Vigília Pascal é o ápice da mistagogia pascal batismal.

O último tempo mistagógico da iniciação acontece durante o tempo pascal. Não é a última fase do caminho de fé. Jamais se encerra o processo de discipulado e seguimento de Jesus. É o tempo pelo qual se obtém conhecimento mais completo e frutuoso dos mistérios através das novas explicações e da experiência dos sacramentos recebidos. No tempo da mistagogia “realiza-se o aprofundamento dos elementos básicos da fé cristã, através, sobretudo, de encontros catequéticos e celebrativos e por meio da participação na vida e missão da comunidade”.³³¹

É o tempo de mergulho no mistério do sacramento celebrado. O neófito começa a experimentar e compartilhar a eficácia dos sacramentos iniciáticos celebrados e do caminho percorrido com Cristo na Igreja.³³² O lugar primordial da mistagogia são as missas dos domingos do Tempo Pascal, também chamadas de missas pelos neófitos. É o tempo propício para consolidar o sentido espiritual do encontro com o Senhor, sentindo os efeitos da iniciação sacramental, pelos gestos e sinais litúrgicos, celebrando-os na comunidade de iniciados.

³²⁹ RICA 154.

³³⁰ RICA 27.

³³¹ NERY, I. Catequese com adultos e catecumenato, p. 290.

³³² MICHELETTI, G. Minidicionário da Iniciação, p. 101.

Os neófitos são os novos filhos da comunidade de fé. Eles poderão ser acolhidos na comunidade na celebração eucarística da oitava de Páscoa, entrando com vestes brancas e suas velas acesas, por exemplo, para serem solenemente apresentados e inseridos na comunidade³³³. Os neófitos processionam com suas tochas nas mãos em direção a parusia. Além disso, eles poderiam ser convidados a uma participação ativa na comunidade com ações pastorais como que passem a fazer parte do grupo de introdutores ou de catequistas.³³⁴

Apesar dos tempos anteriores também terem um caráter mistagógico por introduzirem no mistério de Cristo, esse tempo conduz ao mistério a partir da experiência espiritual dos sacramentos da iniciação e da comunidade. A dimensão mistagógica do itinerário de iniciação de adultos em seu todo é uma das maiores originalidades do magistério conciliar. A recuperação do caráter mistagógico do itinerário de iniciação e o tempo de mistagogia como seu elemento indispensável foram pontos capitais na propagação da renovação catequética impulsionada pelo Concílio Vaticano II, pois, “quando a Igreja faz mistagogia, torna-se serva de Cristo mistagogo e dá ao cristão a capacidade de se tornar *epópetes*, isto é, uma testemunha ocular do mistério de Deus”,³³⁵ ou seja, os neófitos alcançam condições de compreender e experienciar o sentido teológico por trás dos ritos e símbolos, pois são estes que nos possibilitam tocar o mistério.

³³³ RICA 236.

³³⁴ RICA 239.

³³⁵ BOSELLI, G. O sentido espiritual da Liturgia, p. 28.

5 Conclusão

A reflexão patrística, teológica e mistagógica das pinturas do batistério cristão de Dura-Europos estiveram na posição central dessa pesquisa. À primeira vista, trata-se apenas de um ambiente simples, de dimensões modestas, situado em uma antiga casa adaptada ao culto, em uma cidade fronteiriça do Império Romano. Entretanto, à luz da confissão de fé, esse espaço se revelou como verdadeiro santuário de iniciação, onde a Igreja primitiva exprimiu de modo digno e místico a sua compreensão sacramental e mistagógica da iniciação cristã. A presente pesquisa buscou escutar teologicamente a voz das pinturas do batistério cristão interpretando-as em diálogo com a teologia patrística e com a renovada estrutura mistagógica da celebração da Páscoa na Igreja do Concílio Vaticano II.

A pesquisa consistiu na apresentação do contexto histórico, geopolítico e religioso de Dura-Europos. Fundada no século III a.C. por Seleuco I Nicator, a cidade se transformou, ao longo de sua breve história, em ponto de encontro entre culturas, línguas e tradições religiosas diversas, situada estrategicamente nas margens do Eufrates. A cidade de Dura-Europos manifesta, de forma concreta, a condição da Igreja nascente como pequena comunidade inserida em um universo marcado por múltiplos credos, com os quais convive e, ao mesmo tempo, se distingue. A partir dessa cidade fronteiriça, a Igreja aprende a dizer sua fé em Cristo de maneira encarnada, dialogando com o contexto, mas sem diluir a especificidade de sua confissão.

Nesse horizonte, o edifício cristão de Dura-Europos se apresenta como uma típica casa transformada em lugar de culto, em conformidade com o que as fontes atestam para os dois primeiros séculos da antiguidade cristã. A demolição de paredes internas para ampliação do salão de reuniões e a adaptação de um cômodo específico para funcionar como batistérios cristãos indicam uma comunidade que sente a necessidade de organizar espaços próprios para a celebração dos mistérios batismais e pascais. O batistério cristão, em particular, emerge como o coração da iniciação daquela casa-igreja. Ao colocar as pinturas cristãs do batistério no centro da pesquisa se reconhece que na vida da Igreja não há autêntica identidade cristã sem uma sólida experiência de iniciação, radicada no mistério pascal.

Ademais, as pinturas cristãs que adornam as paredes do batistério de Dura-Europos, embora fragmentárias e objeto de debates entre os especialistas quanto à

sua identificação precisa, revelam uma surpreendente coesão temática em torno da intenção mistagógica da água, do encontro com Cristo e da conversão da vida. A figura do Bom Pastor, posicionada em destaque, relacionando-se com a pia batismal, proclama, em linguagem visual, aquilo que a teologia cristã não cessará de afirmar: é o próprio Cristo quem conduz, protege e nutre os batizados, levando-os às águas repousantes da salvação. A cena pintada da mulher do poço aponta para o encontro pessoal com o Senhor, que interpretada mistagógicamente a sede profunda do coração humano e a transforma em sede de Deus e de salvação. A representação de curas ligadas à água, como a do paralítico de Betesda, evoca as vias iluminativa e purificativa do rito do Batismo, entendido como água que cura, liberta e regenera. As mulheres virgens itinerantes e orantes remetem diretamente ao núcleo do mistério pascal: Cristo ressuscitado, vencedor da morte, cuja sua vitória é comunicada sacramentalmente aos neófitos. O Batismo é ingresso em uma vida nova, antecipação do Reino, vitória da graça sobre o poder do mal.

A leitura patristica desse projeto iconográfico permitiu reconhecer essas imagens como uma verdadeira catequese litúrgica, simbólica e mistagógica, em forma de pintura. Os cristãos de Dura-Europos, ao revestir as paredes de seu batistério com cenas bíblicas e símbolos cristãos, supostamente, não apenas ornamenta um espaço, mas professam a sua fé no mistério do Deus Uno e Trino, no mistério da comunidade iniciática e na força sacramental dos catecúmenos. Desse modo, as pinturas do batistério integram o próprio processo de iniciação: prepara, acompanha e aprofunda a graça recebida no rito.

Ao aproximar as cenas de Dura-Europos das catequese mistagógicas dos Padres, torna-se possível reconhecer consonâncias temáticas e simbólicas significativas. Os Padres como Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão, Agostinho, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Efrém, o Sírio, e tantos outros, ao comentarem as perícopes evangélicas da Samaritana, do Bom Pastor, das curas nas águas e da profissão de fé de Pedro, interpretam-nas de modo explicitamente batismal e pascal. A água é simultaneamente fonte de purificação e de iluminação: a passagem pelas águas é leitura mistagógica do contraste entre trevas e luz, morte e vida, velho e novo homem, ou seja, o que estrutura a compreensão da existência cristã como vida após o Batismo.

Essa aproximação permite afirmar que o batistério de Dura-Europos não é apenas um dado arqueológico isolado, mas um testemunho significativo de uma

sensibilidade teológica e litúrgica que perpassa a Igreja antiga, ou seja, a confirmação teológica de que a iniciação à vida cristã é, ao mesmo tempo, evento sacramental e itinerário catequético, inseparável do mistério pascal. Nesse sentido, o programa mistagógico do batistério de Dura-Europos antecipa, de forma visual, a mistagogia que Padres irão desenvolver em seus sermões e catequeses, e manifesta a tradição viva que o Concílio Vaticano II procurou recuperar.

O Concílio Vaticano II, ao recolocar o mistério pascal no centro da vida litúrgica da Igreja e ao compreender a espiritualidade quaresmal como preparação baptismal e penitencial, restaura em grande medida a lógica iniciática das primeiras comunidades cristãs. A estrutura do Rito de Iniciação Cristã de Adultos com suas etapas progressivas, escrutínios, celebrações da Palavra e culminância na noite pascal, expressa a compreensão de que a fé não se transmite apenas por conteúdos doutrinários abstratos, mas por meio de um itinerário mistagógico marcado por ritos, símbolos, gestos e sacramentos. Desse ponto de vista, o diálogo teológico entre a comunidade cristã de Dura-Europos, os Padres da Igreja e o Vaticano II permite contemplar a unidade profunda da Tradição: o mesmo Espírito que inspirou as pinturas do batistério cristão, as catequeses dos Padres e as inspirações e decisões do Concílio Vaticano II continua a conduzir a Igreja na sua tarefa de iniciar novos filhos na vida em Cristo.

Nessa perspectiva, essa pesquisa alcançou pelo menos três contribuições principais. Em primeiro lugar, mostrou que o batistério cristão de Dura-Europos pode ser legitimamente compreendido como locus teológico, isto é, como lugar em que a fé da Igreja encontra expressão visível e, por isso mesmo, se torna fonte para a reflexão teológica. Em vez de considerar a arqueologia apenas como disciplina auxiliar de caráter descritivo, a pesquisa científica propõe uma leitura teológica e mistagógica das evidências arqueológicas, em uma relação interdisciplinar entre os relatos escriturísticos, a patrística e a liturgia. Em segundo lugar, evidenciou que as pinturas do batistério cristão de Dura-Europos, iluminam a relação intrínseca entre arte sacra, espaço litúrgico e iniciação cristã, apontando para a necessidade de se recuperar a função mistagógica e espiritual dos símbolos e das imagens. Em terceiro lugar, ao aproximar as representações religiosas do batistério cristão de Dura-Europos da estrutura mistagógica da celebração da Páscoa, a pesquisa categoricamente contribuiu para intensificar a consciência de

que os sacramentos de iniciação não são ritos periféricos ou meramente sociais, mas a unidade sacramental pascal, ou seja, fonte e raiz de toda a vida cristã.

Do ponto de vista pastoral e espiritual, o caminho percorrido sugere interrogações importantes para a teologia e para a Igreja. Se, em Dura-Europos, as paredes pintadas do batistério cristão serviam de instrumento para a uma verdadeira catequese sacramental, de que modo as nossas comunidades atuais exploram adequadamente a dimensão simbólica e mistagógica da literatura artística cristã? Se os Padres da Igreja souberam introduzir os neófitos no mistério pascal a partir de uma leitura tipológica e sacramental da Escritura, em que medida as atuais comunidades cristãs retomam essa hermenêutica viva, capaz de vincular intimamente Palavra, rito sacramental e agir cristão? Se o Concílio Vaticano II restaurou o Rito de iniciação cristã de adultos e revalorizou a unidade sacramental na Vigília Pascal, não seria necessário aprofundar a consciência batismal e iniciática dos batizados, de modo que o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia deixem de ser percebidos como ritos isolados e, realmente, se tornem princípio permanente da confissão de fé em Cristo, o Bom Pastor.

O batistério cristão de Dura-Europos, silenciosa e distante no tempo, levanta, assim, questões muito concretas para a reflexão teológica contemporânea. A pequena comunidade de cristão de Dura-Europos que se reunia em torno da Palavra e do Batismo, rodeada por outras expressões religiosas, experimentou e demonstrou a força transformadora do encontro com Cristo, Bom Pastor e Água Viva. As pinturas elaboradas, ainda que singelas, testemunham uma compreensão profunda da iniciação à vida cristã como passagem, cura, iluminação, entrada e adesão do mistério pascal de Cristo. Os Padres da Igreja, com sua teologia mistagógica e pastoralmente sensível, deram voz conceitual para essas experiências. O Concílio Vaticano II, por sua vez, procurou recolher e atualizar essa herança para o tempo moderno. Situada nesse arco amplo da Tradição, a presente pesquisa pretendeu ser uma contribuição acadêmica ao esforço da Igreja de permanecer fiel às suas origens, se deixando conduzir, em cada época, pelo mesmo Espírito que a guiou desde as primeiras comunidades.

Em perspectiva teológica, portanto, se chega a afirmar que o batistério cristão de Dura-Europos não pertence apenas ao passado. Ele permanece como sinal e apelo, ou seja, por um lado, sinal de uma comunidade de batizados que, desde o início, compreendeu sua missão como serviço ao nascimento e ao

crescimento de novos discípulos, interligando tempos e etapas, em um único processo catecumenal. Por outro lado, apelo para que as comunidades retomem com seriedade a centralidade dos sacramentos da Iniciação e da celebração da Páscoa, não apenas em termos rituais, mas como eixo propulsor da vida cristã.

Finalmente, as representações sacramentais do batistério cristão de Dura-Europos garante reconhecer que a graça que atuou na comunidade primitiva siríaca continua operante na Igreja, e que a tarefa de iniciar na fé e sua reflexão em contextos igualmente plurais e desafiadores, permanece atual.

6

Referências

AGOSTINHO. Discorsi. In: **La Bibbia Commentata dai Padri**: Matteo. Roma: Città Nuova, 2004.

AGOSTINHO. Ioannem trat. In: **La Bibbia Commentata dai Padri**: Matteo. Roma: Città Nuova, 2004.

AGOSTINHO. De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea**: evangelho de São Mateus. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

AGOSTINHO. Ep. 98 ad Bonifatium. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

AGOSTINHO. In Ioannem tract. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea**: Evangelho de São João. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2021.

AGOSTINHO. De diversis quaestionibus octoginta tribus liber. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea**: Evangelho de São João. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2021.

AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Lib 83, quaest. 84. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Examerão**. São Paulo: Paulus, 2009.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os mistérios**. São Paulo: Paulus, 1997.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. São Paulo: Paulus, 1997.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Explanatio Symboli, 7. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

AUTOR DESCONHECIDO. **The Odes of Solomon**. Disponível em: <<http://www.gnosis.org/library/odes.htm>>. Acesso em: 10 out. 2025.

AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico**: é o próprio Cristo na sua Igreja. São Paulo: Paulinas, 2019.

ATANÁSIO. Cartas festivas. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

BAIRD, Jeniffer. **Dura-Europos**. London: Bloomsbury Academic, 2018.

BAIRD, Jennifer. **The Inner Lives of Ancient Houses**. United Kingdom: Oxford University Press, 2014.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 1998.

BASÍLIO DE CESAREIA. In: **Antologia Litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

BASÍLIO DE CESAREIA. De baptismo libri duo. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. Ver. e ampl. 2 impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BENTO XIV, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis**. São Paulo: Loyola, 2007.

BOROBIO, Dionísio. **Celebrar para viver**: liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.

BOROBIO, Dionísio. et al. Sacramentos da Iniciação Cristã: batismo e confirmação. In: BOROBIO, Dionísio. **A Celebração na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1993.

BONDAN, Fernando José. **Lecionário Patrístico Dominical**. São Paulo: Vozes, 2013.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulinas, 1993.

CAVALCANTI, Juliana Batista Miranda. **Dura Europos**: estudo de caso para as comunidades paleocristãs. Revista Jesus Histórico, v. 17, n. 9, p. 133-144, 2016. Disponível em: <<https://klineeditora.com/revistajesushistorico/antigos17.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2025.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Terceira catequese mistagógica sobre o Crisma**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Primeira catequese mistagógica aos recém-iluminados**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catechese illuminandorum**. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CIRILO DE JERUSALÉM. De Sacramentis. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CIPRIANO DE CARTAGO. De lapsi. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal**. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Doc. 97).

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã - itinerário para formar discípulos missionários**. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

CNBB. **Missal Romano**, 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CNBB. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. **Rito para o Batismo de uma Criança**. 5º ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral sobre o Missa Romano e introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. **Sacramentos de Iniciação: Água e Espírito de Liberdade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

COLEÇÃO FONTES DA CATEQUESE. **Didaqué**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CUMONT, Franz Valery Marie Cumont. **Fouilles de Doura-Europos (1922-1923)**. Arquivo de relatórios arqueológicos da Mesopotâmia. Disponível em: <<https://commons.library.stonybrook.edu/amar/390>>. Acesso em: 10 set. 2025.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

DIRVEN, Lucinda. **Religious Competition and the Decoration of Sanctuaries**. Eastern Christian Art, v. 1, p. 1-19. 2004. Disponível em: <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=516939>. Acesso em: 8 set. 2025. DOI: 10.2143/ECA.1.1.516939

DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

DIDASCALIA ET CONSTITUTIONES APOSTOLORUM. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

EUSÉBIO DE CESAREIA. Demonstratio Evangelica, 1,6. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. III. XI. 1. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

EFRÉM. Hino do óleo, 14. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola,

FALSINI, Rinaldo. **Iniziazione ai sacramenti o sacramenti dell'iniziazione**. Rivista del Clero Italiano v. 1 n. 73. Milão, 1992. Disponível em: <https://www.vitaepensiero.it/scheda-articolo_digital/rinaldo-falsini/iniziazione-ai-sacramenti-o-sacramenti-delliniziazione-666666_1992_0004_0266-393276.html> Acesso em: 18 out. 2025.

FORTE, Bruno. **A transmissão da fé**. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes da Assembleia Plenária da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190214_cong-culto-divino.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica Desiderio Desideravi**: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.

GÜNEY, Ahmet Öncü. **Investigating the house-church in Dura-Europos**: production of the social space. Middle East Technical University, Ankara, 2012. 178p. Dissertação. The Department of History of Architecture. Disponível em: <<https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12614291/index.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2025.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Oratio in Sancta Lumina. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

GREGÓRIO DE NISSA. Discours Catéchétique. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GREGÓRIO MAGNO. Commentario a Matteo. In: **La Bibbia Commentata dai Padri: Matteo**. Roma: Città Nuova, 2004.

HILÁRIO DE POITIERS. Commentario a Matteo. In: **La Bibbia Commentata dai Padri: Matteo**. Roma: Città Nuova, 2004.

HILÁRIO DE POITIERS. In Matthaeum. In: **La Bibbia Commentata dai Padri: Matteo**. Roma: Città Nuova, 2004.

HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e Catequese em Roma no século III**. Rio de Janeiro: 1981.

INÁCIO DE ANTIQUA. **Carta a Policarpo**. São Paulo: Paulus, 1997.

JAMES, Simon. **The Excavations at Dura-Europos conducted by Yale University and the French Academy of Inscriptions and Letters 1928 to 1937**. Leicester: Oxbow Books, 2009.

JAMES, Simon. **Dura-Europos: Pompei of the Syrian Desert**. Leicester: The University of Leicester, 2005.

JERÔNIMO. **Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. São Paulo: 2011.

JOÃO CRISÓSTOMO. Instruções Batismais. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae in Ioannem. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea: Evangelho de São João**. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2021.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre o Evangelho de Mateus. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae in Matthaeum. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea: Evangelho de São Mateus**. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilia sobre a I Carta aos Coríntios. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologia e Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995.

KRAELING, Carl. **The Christian Building**. New York: Augustin Publisher, 1976.

LERICHE, Pierre; MAHMOUD, A'sad. **Doura-Europos: Bilan des recherches récentes**. Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, v. 138, n. 2, p. 395-420, séance du 6 mai. 1994. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1994_num_138_2_15369>. Acesso em: 8 set.. 2025. Doi : <https://doi.org/10.3406/crai.1994.15369>.

LEÃO MAGNO. **Sermões: Quarto Sermão no Natal do Senhor**. São Paulo: Paulus, 1996.

LÉON-DUFOUR, Xavier. et al. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vozes, 2013.

LIMA, Luiz Alves. **Itinerário litúrgico catequético de iniciação**. Texto apresentado durante o 12º Curso de aprofundamento Teológico e Pastoral do Clero Arquidiocesano de São Paulo. Itaici, de 4 a 7 de agosto de 2014.

MICHELETTI, Guillermo. **Minidicionário da iniciação à vida cristã: conceitos fundamentais para catequistas**. São Paulo: Ave Maria, 2017.

MAZZA, Enrico. **A mistagogia: as catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método**. São Paulo: Loyola, 2020.

MARTINI, Carlo Maria. **O itinerário espiritual dos Doze**. São Paulo: Loyola, 1997.

MELITO OF SARDIS. **On Pascha: with the fragments of Melito and other material related to the quartodecimus**. New York: Vladimir's Seminary Press, 2001.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

ORÍGENES. **Comentario al evangelio de Juan**. Madrid: Ciudad Nueva, 2020.

ORÍGENES. In Matthaem. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea: Evangelho de São Mateus**. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

ORÍGENES. In Ioannem. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea: Evangelho de São João**. 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2021.

ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PSEUDO DIONÍSIO. La hiérarchie celeste. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PEPPARD, Michael. **The World's Oldest Church: Bible, Art, And Ritual at Dura-Europos, Syria.** New Haven & London: Yale University Press. 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese.** São Paulo: Paulus, 2020.

QUASTEN, Johannes. **Ancient Christian Writers.** Westminster: The Newman Press. 1950.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico.** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

RIXEN, Eugênio. **Itinerário da fé: a experiência da samaritana e a formação do discípulo missionário.** São Paulo: Vozes, 2018.

ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. **Dura-Europos and its art.** London: Oxford at the Clarendon Press, 1938.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Liturgia das Horas.** São Paulo: Paulus, 2000.

SERAPIÃO DE THEMUIS. In: **Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio.** Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

SILVER, Carly. **Dura-Europos: Crossroad of Cultures.** Archaeology. aug. 2010. Disponível em: <https://archive.archaeology.org/online/features/dura_europos/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma.** 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

TERTULIANO. Il battesimo. In: **La Bibbia Commentata dai Padri:** Matteo. Roma: Città Nuova, 2004.

TEOFILATO. In: AQUINO, Tomás (org). **Catena Aurea: Evangelho de São João.** 1ª ed. São Paulo: Ecclesiae, 2021.

TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Les homélies. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2013.

TEODORO DE MAPSUÉSTIA. Hom. Cat. In: DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2013.